



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CTC – CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA E GESTÃO DO
CONHECIMENTO

Nanci Cecília de Oliveira Veras

**OS ATOS DA FALA E A COMUNICAÇÃO DA INTENCIONALIDADE NO USO DE
METÁFORAS NA INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS - LIBRAS**

Florianópolis

2023

Nanci Cecília de Oliveira Veras

**OS ATOS DA FALA E A COMUNICAÇÃO DA INTENCIONALIDADE NO USO DE
METÁFORAS NA INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS - LIBRAS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Orientador: Prof.(a) Tarcísio Vanzin, Dr.
Coorientador: Prof.(a) Sílvio Serafim da Luz Filho, Dr.

Florianópolis

2023

de Oliveira Veras, Nanci Cecília

Os Atos da Fala e a Comunicação da Intencionalidade no Uso de Metáforas na Interpretação da Língua de Sinais - LIBRAS / Nanci Cecília de Oliveira Veras ; orientador, Tarcísio Vanzin, coorientador, Sílvio Serafim da Luz Filho, 2023.

111 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Engenharia e Gestão do Conhecimento. 2. Intérprete de Língua de Sinais. 3. Intencionalidade. 4. Atos da Fala. 5. Pessoas Surdas. I. Vanzin, Tarcísio. II. Serafim da Luz Filho, Sílvio. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. IV. Título.

Nanci Cecília de Oliveira Veras

**OS ATOS DA FALA E A COMUNICAÇÃO DA INTENCIONALIDADE NO USO DE
METÁFORAS NA INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS - LIBRAS**

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 12 de abril de 2023,
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Francisco Antonio Pereira Fialho, Dr.
Instituição UFSC

Profa. Araci Hack Catapan, Dra.
Instituição UFSC

Profa. Rosane de Fatima Antunes Obregon, Dra.
Instituição UFSC

Profa. Andrea da Silva Miranda Zissou, Dra.
Instituição UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado
adequado para obtenção do título de Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento.

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof.(a) Tarcísio Vanzin, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2023.

À minha mãe, que fez o que este e muitos outros sonhos se tornassem
realidade.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à universidade pública e gratuita que tornou possível esses anos de aprendizados, em especial, ao professor Tarcísio Vanzin que compartilhou seu conhecimento ao longo desse tempo de trabalho, ao professor Silvio Serafim da Luz Filho que com seu incentivo colaborou com o meu caminhar e demais professores que possibilitaram esse doutorado acontecer.

Agradeço também aos amigos que me fizeram sorrir, à minha família que me educou com o pensamento de que o estudo e o conhecimento são fundamentais para a vida e à banca examinadora pela atenção e gentileza de aceitarem o convite para a avaliação de pesquisa.

Por fim, ressalto minha gratidão a todas as pessoas surdas e, em especial, aquelas que fizeram e fazem parte da minha vida.

“O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta.”

(FOCAULT, Michel, 2009, p. 26)

RESUMO

Esta pesquisa objetiva analisar como os intérpretes de Libras comunicam a intencionalidade no uso de metáforas as quais compõem os atos de fala. O pensamento de Austin (1990) e Searle (1992), alusivo à Teoria dos Atos de Fala, permite que se avance nos estudos da compreensão da linguagem abstrata pelas pessoas surdas, embora os autores não tenham realizado estudos referentes às línguas de modalidade visual ou não tenham abrangido a comunicação específica das pessoas surdas, que tem os interpretes como aqueles que comunicam o conhecimento entre línguas. Esta ausência identificada, na proposta de Austin e Searle, acena como a ampliação dessa possibilidade de pesquisa e marca um paradigma no campo da educação pela perspectiva da filosofia analítica e do compartilhamento de conhecimento, aferida na Teoria dos Atos de Fala. Desse modo, esta pesquisa aborda especificamente a intencionalidade nos atos de fala e suas implicações quanto à interpretação e à tradução do português brasileiro para Língua Brasileira de Sinais. A intencionalidade é compreendida como o modo que o sujeito percebe o mundo via a emergência da força ilocucionária, ou seja, o modo como ele concebe e vivencia suas crenças. Para tanto tivemos como objetivo geral propor a transmissão das metáforas feitas pelos interpretes na comunicação entre ouvintes e surdos, segundo a base teórica de Austin foram propostos no capítulo 2 e 3 um conjunto de instrumentos que consistiam de questionário e entrevista, no intuito de atingir os objetivos específicos: identificar a presença das metáforas na comunicação entre pessoas surdas e ouvintes; identificar as dificuldades encontradas pelos intérpretes de Libras na transmissão da intencionalidade das metáforas nos atos de fala dos ouvintes para as pessoas surdas; identificar as estratégias utilizadas pelos interpretes na transmissão das metáforas; propor recomendações para os intérpretes de Libras na transmissão de metáforas na comunicação entre ouvintes e surdos; submeter as proposições à um grupo de especialistas para verificação da sua aplicabilidade para atividade de interpretação. Os achados nesta pesquisa convergem para a intencionalidade nos Atos de Fala e possibilitam a abertura de várias pesquisas no que tange Os Atos de Fala e a Comunicação da Intencionalidade no uso de Metáforas na Interpretação da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Palavras-chave: intérprete e línguas de sinais e intencionalidade; surdos e atos de fala, comunicação e língua de sinais e intérprete.

ABSTRACT

This research aims to analyze how Libras interpreters communicate intentionality in the use of metaphors which compose speech acts. The thought of Austin (1990) and Searle (1992), referring to the Theory of Speech Acts, allows advances in studies of the understanding of abstract language by deaf people, although the authors have not carried out studies referring to languages of visual or visual modality. have not covered the specific communication of deaf people, who see interpreters as those who communicate knowledge between languages. This identified absence, in Austin and Searle's proposal, signals the expansion of this research possibility and marks a paradigm in the field of education from the perspective of analytical philosophy and knowledge sharing, measured in the Theory of Speech Acts. Thus, this research specifically addresses intentionality in speech acts and its implications for interpretation and translation from Brazilian Portuguese to Brazilian Sign Language. Intentionality is understood as the way the subject perceives the world via the emergence of the illocutionary force, that is, the way he conceives and experiences his beliefs. For that, we had as general objective to propose the transposition of the metaphors made by the interpreters in the communication between hearing and deaf people, according to Austin's theoretical basis, a set of instruments were proposed in chapters 2 and 3, consisting of a questionnaire and an interview, in order to reach the specific objectives: identify the presence of metaphors in communication between deaf and hearing people; to identify the difficulties encountered by Libras interpreters in transposing the intentionality of metaphors in the speech acts of listeners to deaf people; identify the strategies used by the interpreters in transposing the metaphors; propose recommendations for Libras interpreters in the transposition of metaphors in communication between hearing and deaf people; submit propositions to a group of specialists to verify their applicability for interpretation activities. The findings in this research converge to the intentionality in speech acts and allow the opening of several studies regarding Speech Acts and the Communication of Intentionality in the use of Metaphors in the Interpretation of Brazilian Sign Language - Libras.

Keywords: interpreter and sign languages and intentionality; deaf and speech acts, communication and sign language and interpreter.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	OBJETIVOS	15
1.1.1	Objetivo Geral	15
1.1.2	Objetivos Específicos	16
1.2	JUSTIFICATIVAS	16
1.3	ADERÊNCIA AO EGC	17
1.4	LIMITAÇÕES DA PESQUISA	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
2.1	A TEORIA DOS ATOS DE FALA	19
2.2	AS METÁFORAS NOS ATOS DE FALA.....	26
2.3	PRAGMÁTICA E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS.....	31
2.4	PESSOAS SURDAS CONGÊNITAS E REPRESENTAÇÕES COGNITIVAS 35	
2.5	A PRÁTICA DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS	37
2.6	O USO DE METÁFORAS	40
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
3.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA	46
3.2	ETAPAS DA PESQUISA.....	50
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	51
4.1	DISCUSSÃO	66
5	CONCLUSÕES	72
	REFERÊNCIAS	77
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO (TCLE)	83
	ANEXO B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM INTÉRPRETES/TRADUTORES DE LIBRAS/PORTUGUÊS	86

1 INTRODUÇÃO

Majoritariamente, a sociedade tem como meio de comunicação a língua oral, sendo utilizada como modo de comunicação a fala no contexto auditivo. No entanto, a comunicação oral não é único modo de conversação. As pessoas surdas, por exemplo, utilizam a língua de modalidade viso espacial: as línguas de sinais, a partir do uso da visualidade dos sinais, da configuração de mão, do movimento dos sinais e do uso do espaço. Essas condições para utilização da língua, associadas à compreensão sociocultural sobre a percepção da diferença, tem levado as pessoas surdas a vivenciarem processos de exclusão e de dificuldades a vários tipos de acesso, seja à escolarização, à saúde ou ao uso de sua língua nas diversas atividades do dia a dia. Nesse cenário, a compreensão da intencionalidade contida nos atos de fala, expressos pelos grupos diversos, é fundamental para que a pessoa surda possa viver em equidade.

Assim, tendo em vista a problemática apresentada, esta pesquisa se ancora na linha de pesquisa Mídia e Conhecimento na Educação do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento que orienta a área a trabalhar com o compartilhamento e disseminação do conhecimento, desenvolvimento e avaliação das mídias voltadas a habilidade de grupos para pensar, comunicar, disseminar, apreender e criar conhecimento a partir da abordagem de questões relacionadas à filosofia da ciência, à epistemologia e à sociologia da comunicação, aos processos de inclusão e inovação, às teorias da cognição, às técnicas e equipamentos de produção desse tipo de mensagens e às teorias que as estudam.

No que se refere ao conhecimento, o aporte desta pesquisa está na comunicação entre conhecimento tácito e explícito, considerando que a partir do conhecimento tácito e do conhecimento explícito, gerado pelos falantes nos diversos coletivos em que participam, constituem um sistema de crenças e de subjetividades que são internalizadas e compartilhadas pelos coletivos a fim de possibilitar o acesso ao conhecimento (NONAKA E TAKEUCHI 2009, p. 69).

Para que ocorra a constituição do conhecimento, é necessário que o sujeito adentre a cultura e adquira os valores que dela fazem parte, nos referimos ao reconhecimento de si (pessoa surda) e do outro (ouvinte), sendo que a linguagem exerce um papel fundamental neste processo de constituição, distribuição e socialização e da formação de conceitos e compartilhamento do conhecimento que

possibilitam a comunicação. (NONAKA E TAKEUCHI, 2008, p. 69). Aquele que faz a interpretação – o intérprete – convive com barreiras no campo da comunicação e linguísticas a serem superadas, seja na interpretação de uma língua para outra, seja em línguas de modalidades diferentes como as línguas de sinais. Haja vista que essas têm a modalidade espacial e visual, cuja “informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos” (QUADROS, 2013, p. 48) ocorre com a modalidade oral, precisando que o intérprete tenha um repertório de conhecimento linguístico específico no campo da interpretação.

O repertório de conhecimento linguístico e o conteúdo cultural, em sua maioria emergem de percepções de mundo dos sujeitos, grupos que em língua de sinais caracterizam-se distintos da modalidade de língua de uso dos intérpretes, proporcionando um campo de desafios para os intérpretes de Libras seguramente distintos daqueles enfrentados nos processos de interpretação entre as línguas baseadas na modalidade oral. Por essa razão, o desafio vivenciado pelos intérpretes de línguas de sinais está no campo entre concepções de mundo via acesso ao conhecimento e suas especificidades, visto que os falantes, embora estejam em contato, têm percepções culturais intrínsecas ao seu modo de vida e, também, pelo modo como emergem em suas relações familiares, institucionais e sociais entre outras, em que a maioria de seus contatos linguísticos ocorre em uma língua diferente da sua (FLÔR, 2016, 86). Desse modo, grande parte dos falantes das línguas de sinais estão expostos a déficits referentes à aquisição de linguagem, quando não recebem os inputs linguísticos em conformidade com o desenvolvimento sociocognitivo. Esses déficits podem proporcionar aos intérpretes de Libras a necessidade de construir estratégias específicas para a compreensão da língua de uso para a língua alvo, principalmente quando há interpretação contendo o pensamento abstrato, como por exemplo, quando do uso de figuras de linguagem, pois essas possibilitam aos falantes que a língua tenha intencionalidades variadas (FLÔR, 2016, 83).

Desse modo, Searle (2010, p. 276) comenta que “para produzir intencionalmente mudanças no mundo por meio de nossas ações, normalmente nossos movimentos corporais têm de encetar uma cadeia comum de causação física.” O intérprete de Libras como mediador da transmissão do compartilhamento de conhecimento, no uso de suas expressões faciais e movimentos corporais, no uso da Libras proporciona a produção de intencionalidade que por meio da interpretação provoca modificações no conhecimento de mundo da pessoa surda, sendo que o uso

de sua corporeidade faz parte do aparato da intencionalidade para efetivar a comunicação. Para tanto, é necessário que ele tenha o “domínio linguístico para a comunicação e para a expressão das Libras e do Português; domínio de conteúdos, métodos e técnicas dos estudos da tradução e interpretação; postura crítica numa perspectiva teórica das pesquisas na área; conhecimento linguístico; compreensão histórica, cultural, social e política da comunidade surda, usuária das Libras; do conhecimento literário; da preparação profissional atualizada com as tecnologias e da ciência e percepção de diferentes contextos interculturais” (FARIA; GALÁN-MAÑAS, 2018, p.275-276). Portanto, nessa configuração o uso de figuras de linguagem exerce também importante papel na comunicação entre os falantes de línguas de modalidades diferentes e por sua vez na sua compreensão de mundo, pois requisita do intérprete a transição do conhecimento entre culturas no nível de interlocução entre línguas. As dificuldades enfrentadas por intérpretes de Libras no que se refere à intencionalidade no contexto da interpretação de metáforas são diversas e significativas, abrindo espaços para indagações científicas muito variadas.

Desse modo, a Teoria dos Atos de Fala de Austin (1990) e ampliada por Searle (1992), entre as suas muitas contribuições, possibilita destacar a importância da intencionalidade na comunicação, compreendida de forma descentralizada, em que o sujeito não tenha como determinar a sua dimensão, no que se refere ao outro e mesmo no campo da linguagem, que está vinculada a subjetividade do sujeito (LYRA, MOGRABI; EL-HANI, 2016; GRZANKOWSKI, 2018; MENDELOVICI, A., 2018).

Para Austin (1990, p.52) a intencionalidade está enlaçada ao enunciado, a intenção e ao não controle do sujeito daquilo que está sendo dito, pois numa frase de aparência simples, pode ter variável de compreensão sobre o que está sendo dito, que escapa tanto ao controle daquele que a disse como daqueles que a escutam. A frase Maria foi ao mercado tem em si algumas possibilidades de interpretação, como por exemplo, Maria é uma criança ou uma idosa? Quais são suas características físicas. Quem é Maria (no campo de conhecimento das pessoas de nome Maria em que uma pessoa conhece), e o mercado: qual mercado? Mercado de alimentos, mercado financeiro? Qual a temporalidade da ida de Maria ao Mercado (ontem, hoje?). Por que é importante alguém saber que Maria foi ao mercado? O que está sendo explicitado e o que está implícito nesta frase? Qual sua intencionalidade?

Para obter estas respostas é necessário reconhecer que “a intencionalidade é a característica de certos estados e eventos mentais que os faz (num sentido específico das palavras) se direcionar a, tratar de, pertencer a ou representar outras entidades e estados de coisas” (SEARLE, 2010, p. 121).

Segundo Moreira (2012, p. 6), o significado está junto ao sujeito que o mencionou, a língua em que foi dito e o contexto em que emergiu, logo, não há certeza para quem faz o enunciado que irá ser compreendido pelo outro. A linguagem tem em si intencionalidades que entrelaçam a enunciação, quando do acontecimento interlocutório e para Searle (1992) a intencionalidade é entendida como um dispositivo que possibilita a compreensão da linguagem e seus significados no processo comunicacional. Ela se constitui como ponto de centralidade para a comunicação e para o desenvolvimento cognitivo dos falantes.

Considerando, também, que “certas noções semânticas fundamentais, como o significado, são analisáveis em termos de noções psicológicas ainda fundamentais, como a crença, o desejo e a intenção, a Intencionalidade é direcionalidade” (MOREIRA, 2012, p.9-10).

A intencionalidade pode ser compreendida como gradiente que abrange o conteúdo representativo de forma propositiva, ou seja, a maneira como o sujeito compreende o mundo, em sua subjetividade e do modo como ele concebe e vivencia suas crenças, via a emergência da força ilocucionária. Assim, quando ocorre um equívoco no que tange às crenças, esse se localiza no sujeito, em seu modo de pensar diante de uma crença e não, necessariamente, no fenômeno que se manifesta no mundo. Isso possibilita que, possam ser realizadas as adequações necessárias para a compreensão das crenças no mundo (MOREIRA, 2012, p.13). Pode-se exemplificar a partir do seguinte caso: na antiguidade havia a crença de que o fenômeno da surdez (compreendido pela perceptiva biológica) estaria associado ao déficit cognitivo, logo o aprendizado de conhecimentos educacionais não precisaria fazer parte de seu conhecimento de mundo (MOREIRA, 2012, p. 9-13). Desse modo, o não acesso das pessoas surdas ao sistema educacional e, por consequência, sua visão de mundo possibilita a restrição a um conjunto de conhecimentos e crenças parciais daquilo que vivenciam socialmente em seu grupo cultural. Este acontecimento contribuiu para crenças referentes à possibilidade de comorbidades advindas do sofrimento social imposto a elas, daí a contribuição de que a pessoa surda não aprenderia ou teria como adquirir conhecimento. Esta crença foi desmistificada com os avanços científicos,

tecnológicos e linguísticos, expandidos por uma visão sociocultural ressaltada no século XIX. Em especial, cita-se o uso de metáforas na alocação verbal dos ouvintes direcionados a pessoas surdas, mediada por intérpretes de Libras. Essa mediação impõe desafios significativos a esses profissionais que nem sempre logram êxito em transmitir a intencionalidade pretendida com a metáfora utilizada.

Ressalta-se que embora se esteja fazendo uma série de inferências associativas entre a teoria dos atos de fala e a intencionalidade, a teoria não contempla as pessoas surdas, em especial, aquelas congênitas, que não apresentam qualquer resquício de memória auditiva: Austin e Searle não mencionaram esta população, logo o processo de interpretação em línguas de sinais também não foi estudado nessa teoria, explicitando uma ausência no campo de pesquisa, que atualmente é, ainda, mais contundente, visto que há a possibilidade da educação a distância, possibilitando diminuir significativamente a distância entre uma população de pessoas surdas que em sua maioria continua à margem do conhecimento educacional no século XXI. Assim esta pesquisa poderá contribuir para o movimento da virada da chave sociocognitiva educacional das pessoas surdas, pois “a chave para entender a intencionalidade são as condições de satisfação. Um estado intencional, como uma crença, um desejo, uma esperança, um medo ou uma intenção, com determinada direção de adequação é uma representação de suas condições de satisfação.” (SEARLE, 2010, p. 236)

Dessa ausência apresentada na teoria dos Atos de Fala no que tange à população das pessoas surdas, emerge a questão de pesquisa: Como os intérpretes de Libras poderiam comunicar a intencionalidade no uso de metáforas, que compõe os atos de fala?

1.1 OBJETIVOS

Abaixo, encontram-se os objetivos geral e específicos deste trabalho.

1.1.1 Objetivo Geral

Propor recomendações referentes a interpretação de metáforas feitas pelos intérpretes na comunicação entre ouvintes e surdos, segundo a base teórica de Austin.

1.1.2 Objetivos Específicos

1. Identificar a presença das metáforas na comunicação entre pessoas surdas e ouvintes.
2. Identificar as dificuldades encontradas pelos intérpretes de Libras na transmissão da intencionalidade das metáforas nos atos de fala dos ouvintes para as pessoas surdas.
3. Identificar as estratégias utilizadas pelos intérpretes na transmissão das metáforas.
4. Ampliar o estudo da Teoria dos Atos de Fala para a comunicação entre línguas de modalidades diferentes.
5. Submeter as proposições a um grupo de especialistas para a verificação de sua aplicabilidade para a atividade de interpretação.

1.2 JUSTIFICATIVAS

O pensamento de Austin (1990) e Searle (1992), na Teoria dos Atos de Fala, permite que se avance nos estudos da compreensão da linguagem abstrata pelas pessoas surdas, pois quando se analisam os atos ilocucionários e a intencionalidade, há possibilidade de se adentrar na análise do processo de conhecimento abstrato desta comunidade. Embora os autores não tenham realizado estudos referentes às línguas de modalidade visual ou que tenham abrangido a comunicação específica das pessoas surdas, há a possibilidade de ampliar essa teoria para as situações em que se tenham os intérpretes entre aqueles que comunicam o conhecimento e as diferentes línguas. (GRZANKOWSKI, 2018; MENDELOVICI, 2018).

Esta ausência identificada, na proposta de Austin e Searle, acena como a ampliação dessa possibilidade de pesquisa e marca um paradigma no campo da educação pela perspectiva da filosofia analítica e do compartilhamento de conhecimento, aferida na Teoria dos Atos de Fala.

Esta pesquisa, com base nos autores Austin e Searle, oferecerá, ao seu final, elementos apropriados do campo teórico para a prática cotidiana dos profissionais intérpretes de Libras, contribuindo com sua performance na mediação e no compartilhamento de conhecimento entre pessoas surdas e ouvintes. Com isso, a

pesquisa trará conteúdos que facilitarão, no futuro, o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas educativas que diminuam a distância entre as culturas surda e ouvinte, fator esse ainda gerador de dificuldades de inclusão.

Salienta-se que esta tese decorre do desenvolvimento das demais pesquisas realizadas no Laboratório de Mídia (Lamid) do Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, ligadas à inclusão digital de pessoas surdas nos processos de aprendizagem, ou seja, “trabalhos direcionados a maximizar a eficiência do processo de ensino sob a utilização de meios tecnológicos[...]” com especial foco em facilitar a colaboração e a educação inclusiva mediada por tecnologia digital. Nessa perspectiva, a presente pesquisa se conecta com as teses já desenvolvidas no Lamid, mais diretamente aquelas citadas por Flor (2016); Obregon (2011); Lapolli (2014) e Ribas (2018), porém, com o plano de interesse no intérprete de Libras, cuja prática tem sido abrangida também por tecnologias digitais, ou seja, na perspectiva da melhora no processo da intencionalidade no compartilhamento do conhecimento de pessoas surdas.

Outro aspecto determinante para a escolha do tema de pesquisa é a formação acadêmica da pesquisadora, em Psicologia e Letras Libras, com participação na mediação comunicacional entre pessoas surdas e ouvintes.

1.3 ADERÊNCIA AO EGC

Esta pesquisa se insere e se justifica no Programa de pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (EGC), na Linha de Mídias do Conhecimento, por ter como elemento central o conhecimento e seu processo de compartilhamento envolvendo grupos de pessoas ouvintes e surdas na presença do intérprete de Libras em que esse aparece e é compreendido como uma mídia a ser potencializada.

Há, nesse propósito, uma intensa relação entre Mídias e Gestão do Conhecimento pela proposta de abordagem do pensamento epistêmico com a intencionalidade no compartilhamento de conhecimento. Pela característica inovadora, ela se comunica e traz para o campo de pesquisa seu alicerce na perspectiva tanto no que se refere à engenharia, quanto à gestão e ao suporte que alavanca essas duas áreas por meio da mídia do conhecimento. Nesse aspecto, há o planejamento e a conexão com o desenvolvimento no que se alude à análise coletiva

e individual, além da interconexão no campo tecnológico educacional no que se refere à representação da intencionalidade no conhecimento.

Do mesmo modo, no campo da interdisciplinaridade, essa pesquisa busca realizar diálogos com a filosofia analítica na perspectiva de Austin, bem como o conhecimento que tem se constituído na UFSC com a graduação de Letras Libras e IFSC - Câmpus Palhoça Bilíngue.

1.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Esta pesquisa abordará estritamente a análise da interlocução, no que se refere à intencionalidade dos atos de fala entre a pessoa ouvinte, a pessoa intérprete e a pessoa surda. Dentro do campo de possibilidades dessas abordagens, serão analisadas apenas as relações em que ocorre o uso da intencionalidade nas metáforas na comunicação. Por outro lado, essas análises se darão segundo o que preconiza a teoria dos atos de fala, proposta por Austin (1990), Searle (2010) e contemplada por pesquisadores contemporâneos. Desse modo, o recorte temático desta pesquisa não abrangerá outras possibilidades teóricas. Quanto aos receptores finais, ou seja, as pessoas surdas, essas serão consideradas apenas aquelas com surdez profunda (total) e congênita que não tenham experimentado a compreensão a partir de inputs sensoriais auditivos, isto é, que tenham deixado resquícios em suas memórias.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo abordará a fundamentação teórica desta tese, dando ênfase à teoria dos Atos de Fala, com intuito de analisar como os intérpretes de Libras comunicam a intencionalidade no uso de metáforas que compõe os atos de fala. Para Searle (2002, p.163), a questão:

‘Como funcionam as metáforas?’ é um pouco parecida com a questão ‘Como uma coisa nos lembra outra?’ Nenhuma delas tem uma única resposta, embora a semelhança obviamente desempenhe, nas respostas a ambas, um papel essencial.

Searle (2002, p.163), enfatiza que:

as metáforas são restritas e sistemáticas: restritas, no sentido de que nem toda maneira como uma coisa nos pode lembrar outra será uma base para metáforas; e sistemática, no sentido de que as metáforas devem poder ser comunicadas ao ouvinte pelo falante em virtude de um sistema compartilhado de princípios.

O texto a seguir adentra o campo interdisciplinar, que possui um leque de possibilidades a ser abordado em vários campos do saber, notadamente na conexão da intencionalidade que faz parte da linguagem, que no dia a dia se consolidam nos atos de fala.

No segundo momento, busca-se compreender parte da subjetividade da cultura surda, elencando fragmentos de seu universo subjetivo e dialogando sobre efeitos do contato ou da ausência deste contato referente à criança surda com a língua de sinais desde o nascimento. Abordam-se as barreiras no campo da acessibilidade para o desenvolvimento sociocognitivo da pessoa surda no seu viver e as comorbidades que podem emergir pela limitação sociocultural que lhe é imposta. Por fim, trata também a importância da tecnologia incorporada à vida das pessoas surdas, com ênfase às mídias em geral e ao ensino a distância no processo educacional de pessoas surdas.

O conteúdo teórico apresentado no texto deste capítulo foi sistematizado a partir de pesquisas bibliográficas e documentais que estão detalhadas no capítulo 2, referente à Metodologia da Pesquisa.

2.1 A TEORIA DOS ATOS DE FALA

A teoria dos Atos de Fala se refere à linguagem apresentando um aspecto performático cuja fala provoca um dizer de si. Ao nomear as coisas, as pessoas, os

objetos, a natureza etc. se está colocando em prática o ato de fala, que acontece de maneira diversa e em condições singulares, ou seja, Atos de Fala estão conectados com os “atos locucionários”, os “atos perlocucionários” e os “atos performativos” (HANNA; RICHARDS, 2019, p. 1).

No final da década de 1950, John Langshaw Austin em parceria com Ludwig Wittgenstein abordou a relação entre as palavras e seus significados no contexto de uso, dando ênfase à forma como é selecionado o sentido daquilo que é dito. Para tanto, organizou-se de forma classificatória na teoria da força ilocucionária - coisas constativas e coisas performativas (ARAGÃO, 2018, p. 46). A linguagem, assim, é abordada em direção aos fenômenos pragmáticos e ao seu uso no cotidiano, trazendo a possibilidade de discussão do fenômeno da “intencionalidade” no uso da linguagem do falante. Ao pronunciar a sentença linguística, o sujeito expõe também o tipo de ato de fala a ser realizado, ou seja, traz a força ilocucionária expressa por meio de verbos performáticos que possibilitam que o ato de fala seja externado. Por exemplo, ao dizer a sentença “creio no amanhã”, o verbo performático ‘crer’ desempenha a função daquilo que é dito, torna-se a ação da fala, sua força ilocucionária – o ato de fala. Pode-se analisar que a sentença linguística mencionada anteriormente tem consigo a percepção de quem o disse e que há elementos de cunho intencional que produzem significados e trazem implicações do que foi dito (FERREIRA, 2018, p. 9).

Ao abordar o cunho intencional no campo discursivo contido nos atos de fala, é trazida para o campo da linguística a filosofia analítica, evidenciando a multiplicidade de possibilidades entre palavra e conceito ou entre aquilo que é dito no campo frasal e o modo de expressar o pensamento. Nessa perspectiva, a Teoria dos Atos de Fala aborda a relação entre as palavras e seus significados no contexto de uso, dando ênfase à forma como é selecionado o sentido daquilo que é dito. Para tanto, organizou de forma classificatória a teoria da força ilocucionária, cuja interlocução trouxe à cena a reflexão sobre atos constativos. Ou seja, aqueles que permitem a descrição no campo da fala ou possibilitam ser compreendidos como verdadeiros ou falsos, tal como os atos performáticos que expressam a realização da ação ou a execução do ato de fala. Por exemplo: abra a porta. Para tanto, é necessário que o enunciado performático esteja dimensionado em algumas condições, tais como aquele que diz que o ato de fala precisa ter conhecimento para que ele aconteça e a possibilidade de que ocorra a sua realização, ou seja, o sujeito precisa ter a compreensão do que seja

porta, do que seja abrir e fechar a porta, de qual intencionalidade está contido na fala (CARDOSO, 2018, p. 40).

Nos atos performáticos explícitos, o sujeito encontra-se em evidência (eu quero que você vá) e, nos atos performáticos implícitos ou primários, (vá) o sujeito não está evidenciado, mas a intencionalidade no enunciado daquele que emite o ato de fala permanece em ambos. Desse modo, compreende-se que todos os enunciados são performativos, pois quando são pronunciados, realizam algum tipo de ação, que é a realização de um ato de fala. Além disso, identificam-se três atos simultâneos que se realizam em cada enunciado: o locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário, que segundo a Teoria dos Atos de Fala não ocorrem de maneira isolada, estando em conexão com o enunciado, que por sua vez tem em si a subjetividade e os efeitos do ato comunicativo. O autor, posteriormente, abandona a premissa dos enunciados constativos, pois, no ato de fala, os enunciados estão carregados de sentidos dos sujeitos extrapolando a condição de verdadeiro ou falso, intrínsecos na intencionalidade. Por exemplo, alguém pode falar que perdoa o outro e a pessoa pode estar dizendo que perdoa para obter algum benefício (intencionalidade), mas continuar sem perdoar o outro intimamente (pensamento implícito) (CARDOSO, 2018, p.14).

Do mesmo modo, mas agora pela perspectiva social, embora os sujeitos se mantenham em sua singularidade, eles têm por necessidade de sobrevivência a vida em grupo. Essa necessidade ocorre de maneira diversa e subjetiva, diferenciada entre os grupos e os intergrupos e, embora ocorram em momentos e grupos diferentes, não são fragmentadas no sujeito, compreendendo esse como um todo, com seu corpo, seu cognitivo, suas relações socioculturais e interpessoais (SOUSA LYRA; MOGRABI; UNI EL-HANI, 2016). Conquanto a construção da realidade dos sujeitos seja distinta, por exemplo, duas irmãs, mesmo que as gêmeas, terão percepções dos acontecimentos no seu dia a dia de forma diferente.

Tal situação ocorre entre grupos, tendo em vista que a percepção não é estática e para um fenômeno que se repta os sujeitos poderão ter respostas diferentes, dependendo das variáveis que estão entrelaçadas ao momento perceptivo do sujeito e do grupo. Essa diversidade é possível devido à linguagem que está conectada com os demais campos de manifestação do sujeito, pois considera-se que não há separação entre a linguagem e ele (o sujeito), pois “a linguagem é uma prática social concreta e como tal deve ser analisada”, na qual o sujeito está imerso em

diversas conexões com o mundo (AUSTIN, 1990, p. 10). Desse modo, ela possibilita interpretações diferenciadas, conforme a compreensão do outro e a intencionalidade de quem a expressa. Assim, SEARLE (1995, p. 8), SEARLE (2010), comenta que a linguagem, como manifestação da intencionalidade tem no mínimo quatro pontos, os quais se entrelaçam com “os estados intencionais e os atos de fala”.

1. Conteúdo proposicional e a força ilocucionária: “da mesma forma que se pode pedir para alguém ir para o quarto, prever que a pessoa vai para o quarto e sugerir que ela vá para o quarto (atos de fala), pode-se também desejar que a pessoa vá para o quarto, acreditar que ela irá para o quarto e crer que ela vai para o quarto (estados Intencionais)”. Encontra-se aí a força ilocucionária ao dizer a fala (ato de fala) e o conteúdo proposicional em sua representação psicológica, nos estados de desejo, crença, pensamentos, expressões que indicam intencionalidade, como por exemplo: Humm!

2. Direções de Adequação: empregadas para a análise dos estados intencionais, no contexto das relações socioculturais (DUARTE, 2014, p. 72).

3. Direção de Ajuste: que se refere ao enunciado, à descrição, ao conteúdo de proposição dos atos de fala, daquilo que é dito e compreendido no meio externo, e sua ação com aquilo que é obedecido ou desobedecido, ultrapassando a ideia de verdadeiro ou falso. Assim está relacionado aos “membros da classe diretiva dos atos de fala – comandos, ordens, solicitações etc. – e os elementos da classe compromissiva – votos, garantias, promessas etc.” (DUARTE, 2014, p. 71).

Desse modo, no que tange à Direção de Ajuste, a classe assertiva ocorrerá da relação da palavra para o mundo, enquanto a classe compromissiva e diretiva do mundo para a palavra. Assim, “as crenças possuem a direção de ajuste mundo-mente, uma vez que, para que seus conteúdos intencionais sejam satisfatórios, a mente tem que se ajustar ao mundo”. Por exemplo, se João crê que está um dia ensolarado, mas o dia não está ensolarado. Nesse caso “a direção de ajuste é de mente mundo”, em que há possibilidade de se realizar o ajuste mente mundo por meio da mudança da crença (DUARTE, 2014, p. 72), ou seja, João passa a perceber que o dia não está ensolarado e o dia realmente não está ensolarado. Na idealização de mundo, há a possibilidade de se projetar ideais de mudança no mundo que podem vir a ser concretizados, desde que estejam em ajuste com o mundo, caso contrário, se, em desajuste, estiver em desobediência, desajustada, não haverá possibilidade de adequação.

Também há circunstâncias em que a direção de ajuste é nula, “por exemplo: quando se parabeniza alguém, mesmo que assumamos a veracidade da proposição expressa não é o objetivo de o ato de fala afirmar essa proposição e nem pressupõe que seja levada a cabo, o objetivo é apenas expressar nosso prazer ao conteúdo especificado”. (DUARTE, 2014, p. 69).

4. Condições de sinceridade intencionais dos atos de fala: o “sujeito promete fazer P e ele expressa intenção de fazer P. Essa é uma condição interna das condições de sinceridade Intencionais dos atos de fala”, mesmo que aconteça contradição entre o estado intencional expresso pelo sujeito e sua intencionalidade. Por exemplo, o sujeito diz perdoar a alguém, mas comete o ato de vingança com esta pessoa. O ato de fala ocorreu, mesmo havendo contradição no que se refere à sinceridade, pois foi dito e comunicada a intenção de perdão. No entanto, o ato de vingança apontou que a condição de sinceridade no ato de fala não ocorreu (DUARTE, 2014, p. 72).

A direção de ajuste nos atos de fala e nos estados intencionais busca a satisfação, ou seja, quando “o enunciado for verdadeiro, um pedido for atendido, uma ordem, obedecida, e assim por diante”. Do mesmo modo, nos “estados Intencionais, a crença só será satisfeita se, e somente se, as coisas ocorrerem da maneira que se acredita que ocorrerão e, do mesmo modo, com os demais estados Intencionais”. Assim, para que se atinja o nível de satisfação, é necessário que se chegue a uma direção de ajuste. Por exemplo: João diz para José: pegue o doce de que você gosta. José pega o doce e fica contente, pois é o doce de que ele gosta (DUARTE, 2014, p. 69).

Compreendendo que o ato de fala está relacionado ao nível de satisfação ou não dos sujeitos, o estado psicológico destes também está contido nos atos de fala, pois ao enunciar algo para o outro é necessário que aquele que o enuncia tenha segurança de que aquilo que foi dito será feito, conforme o solicitado. Tanto as condições do ato de fala, quanto à satisfação do estado Intencional partem da intencionalidade dos sujeitos.

No que tange a representação psicológica, referente aos “objetos e estados de coisas”, por exemplo: ao enunciar que o dia está ensolarado, se tem tanto a referência, quanto a característica do fenômeno representativo, havendo no contexto psicológico o direcionamento de adequação, em que a crença do estado de coisas e

enunciados das coisas está em igualdade de satisfação (MOREIRA; SOUZA. 2015, p. 452) e (SEARLE, 2010 p. 236).

O campo de enunciação apresenta em sua manifestação um conjunto de regras finitas e restritas no que tange à elaboração das sentenças linguísticas, sendo que não há neutralidade no campo da fala, do dizer de si ou no dizer para o outro, quando o sujeito fala e traz ao campo discursivo sua intencionalidade, seja, esta, consciente ou inconsciente. Mas, o fato é que há intencionalidade quando o sujeito constituiu o discurso. Quando o sujeito “A” diz para o sujeito “B” que José ama Maria, poderá estar se referindo a uma afirmação, ou dizê-lo em tom de ironia, ou ser o modo de avisar outra pessoa do sentimento de José, entre outras probabilidades imersas e expressas no ato de fala (FOUCAULT, 2009, p. 23).

Assim, ao adentrar no campo da intencionalidade expressa na linguagem, se está também fazendo uma inserção no sistema de pensamento dos sujeitos e dos coletivos, advinda do campo do discursivo do dizer do sujeito, de sua interpretação e compreensão daquilo que é dito de modo explícito e, também, daquilo que é dito de modo implícito

O enunciado, seja dito do modo mais simples ou não, tem em si significados da história de vida daquele que o expressa. Logo, parte da história da humanidade que compõe cada pessoa, pois, mesmo que os enunciados estejam “dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto” (FOUCAULT, 2009, p. 28).

Esse conjunto se configura com a subjetividade dos sujeitos e o seu modo cognitivo de compreender os fenômenos que se apresentam em seu cotidiano. Os enunciados se enlaçam, trazendo, de acordo com Foucault (2009, p.28),

a relação e o jogo de subordinações entre descrever, articular em traços distintivos, caracterizar e classificar, é a posição recíproca das observações particulares e dos princípios gerais daquilo que é o sistema de dependência entre o que se aprendeu, o que se viu, o que se deduz, o que se admite como provável e o que se postula.

Vale ressaltar que a percepção sensório-cognitiva daquele que falou e de quem escutou, leu ou visualizou, possibilitando compreender do campo discursivo. Tem-se, então, envolvida nesta percepção, os elos que permitem a conexão entre o sujeito e o ambiente biopsicossocial, constituindo a representação simbólica e linguística de mundo, por meio de sua consciência que “não designa um fenômeno

separado, isolável de todos os outros aspectos da vida. Ao contrário, designa o modo pelo qual os seres humanos e animais superiores conduzem as principais atividades de suas vidas” (Searle, 2010, p 40). Martelotta e Palomanes (2010, p.18) concluem dizendo que “o processo comunicativo está correlacionado à compreensão das diferentes relações que se vive e que, por conseguinte, afeta o entendimento e o discernimento dos acontecimentos sociais e linguísticos”.

Nos atos de fala, o processo comunicativo está no campo da troca de informações entre os comunicantes, trazendo os inúmeros significados que emergem quando os falantes interagem. O processo comunicativo acontece contendo “seus códigos culturais de referência”, “seus protocolos de comunicação” e de efetivação do “processo”, cujo “significado só pode ser compreendido no contexto das relações sociais nas quais se processam a informação e a comunicação” (CASTELLS, 2009. p. 87-88).

Os sujeitos ouvintes realizam a percepção sensório-cognitiva, com ênfase no campo auditivo-visual, o que corrobora no desenvolvimento de conhecimento sobre si e sobre o outro, bem como para sua categorização e constituição do todo e suas subjetividades. Assim, infere-se que os falantes de “diferentes línguas veem o mundo de modos distintos. Por sua vez, as diferenças de significados existentes numa língua são relativas às diferenças culturais relevantes para o povo que usa essa língua” (MARTELOTTA; PALOMANES, 2010, p. 18).

Portanto, o modo como ocorrem os processos cognitivos está relacionado à maneira como o processamento linguístico se constitui e que possibilita os inputs necessários para o “conhecimento de mundo que os indivíduos têm, viabilizando uma interpretação mais consciente e abrangente seja no escopo sentencial, seja no escopo discursivo” (MARTELOTTA; LEITÃO, 2010, p. 223). Desse modo, ao ler ou escutar uma sentença linguística ou um texto, o sujeito apresenta a sua interpretação dos enunciados.

Assim o estudo da intencionalidade, no campo da pragmática, possibilita analisar aquilo que é dito pelo falante e em que contexto ocorre o que está sendo dito e do que está implícito (o não dito), trazendo a possibilidade de discussão do fenômeno da intencionalidade no uso da linguagem do falante, pois ao pronunciar a sentença linguística o sujeito diz de si e, também, do tipo de ato de fala que está emergindo sua força ilocucionária (MARTELOTTA; WILSON, 2010, p. 89). Do mesmo modo, a força ilocucionária expressa por meio de verbos performáticos possibilita que

o ato de fala seja externado e compreendido socialmente. Por exemplo, ao dizer a sentença “Prometo que vou parar de fumar”, o verbo performático ‘prometer’ desempenha a função daquilo que é dito, para se tornar a ação da fala, sua força ilocucionária, ou seja, o ato de fala, referente a essa representação do que seja o verbo fumar e o ato de parar (MCCLEARY, VIOTTI 2009, p. 53). Também ao visualizar-se que é proibido fumar em uma imagem de círculo vermelho, com um retângulo preto no meio de duas linhas onduladas e uma reta transversal sobre o triângulo, tem-se aí o ato ilocucionário, com o uso de o verbo performático ‘proibir’ junto à construção sociocultural que possibilita que as pessoas ao visualizarem as imagens dão o sentido de que é proibido fumar.

No que tange a tal entendimento, o alcance da intencionalidade é expresso na mensagem por meio da imagem. Desse modo, ao fazer convergir o aporte de Austin e Searle com as figuras de linguagem presentes na interlocução entre indivíduos, identificaram-se a abrangência, a importância e a complexidade de uma abordagem mais aprofundada.

2.2 AS METÁFORAS NOS ATOS DE FALA

A metáfora no ato de fala, tal como é adotada nesta pesquisa, possibilita uma transferência de significado em uma palavra ou em uma expressão usada no dia a dia, como por exemplo, “por favor, passe-me aquela folha de papel que deixei no braço da cadeira”. Nessa expressão, recorre-se “a deslocamentos de significados, pois, originalmente, folhas dizem respeito a plantas e braços a pessoas” (LEMGRUBER; FERREIRA, 2018, p. 16). Uma metáfora emerge do campo discursivo, corroborando com a construção de imagens que possibilitam a formação de significados na interlocução dos falantes, seja no espaço social, cognitivo, linguístico, afetivo, o que lhe possibilita a conexão de diferentes percepções (LEMGRUBER; FERREIRA, 2018, p. 16).

A metáfora ocorre de modo sistemático, em conexão com a linguagem usada pelo falante. Assim, está diretamente correlacionada à figura do pensamento daquele que a utiliza. Logo, conecta-se com as percepções desenvolvidas pelo usuário da língua em conjunto com os acontecimentos de seu viver, com a sua percepção de mundo. Desse modo, os inputs linguísticos e a formação discursiva encontram-se entrelaçadas na comunicação entre os falantes da língua, sendo que o uso de

metáforas faz parte do arcabouço cognitivo e cultural do vivente, pois ao falar uma sentença linguística esta contém a compreensão do meio e as percepções intrapsíquicas de quem o fala (LEMGRUBER; FERREIRA, 2018, p. 22). Logo, para além de uma figura de linguagem, a metáfora pode ser compreendida como um modo de pensar que carrega em si a percepção linguística, cultural, cognitiva dos sujeitos. Nesse sentido, no que tange ao contato entre línguas, esta pode ser considerada uma área de desafios, visto que há entre os falantes uma barreira linguística, que precisa de mediação, feita por aqueles que são falantes de ambas as línguas, ou seja, os intérpretes. Estes possibilitam a conexão de pensamentos dos e entre os sujeitos, realizando a mediação de mundo e no campo do conhecimento (LEMGRUBER; FERREIRA, 2018, p. 19).

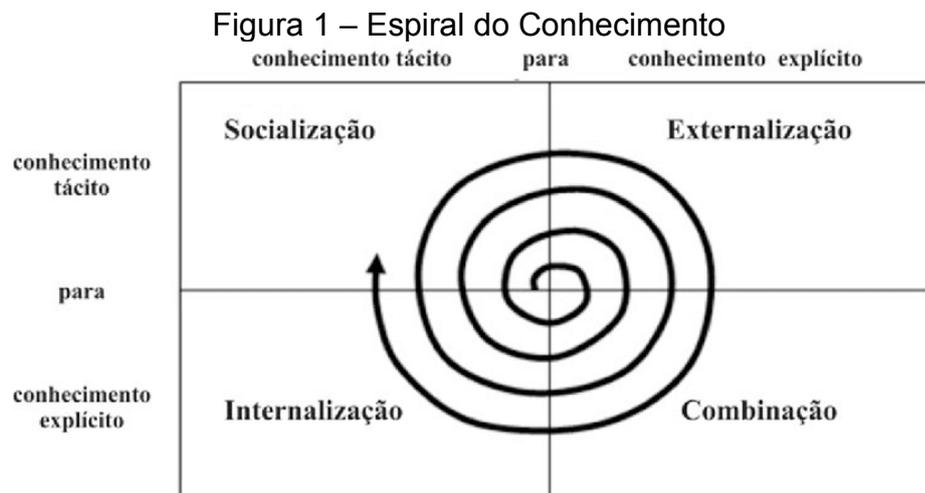
Para que esse processo ocorra, é necessário emergir no conhecimento sistêmico via processo de incorporação, sendo que a manifestação das “chaves desse processo são a comunicação, a difusão e a sistematização do conhecimento” que se entrelaçam possibilitando que na primeira fase aconteça “a captura e a integração do conhecimento; na segunda, a disseminação e, na terceira, a edição e processamento do conhecimento” (NONAKA; TAKEUCHI; 1998; HEREK; COLLA, PIRANI, 2000, p.11). Assim, para que a comunicação flua, é preciso haver a combinação entre o conhecimento tácito e o conhecimento explícito, logo é essencial que o conhecimento tenha sido internalizado (TAKEUCHI; NONAKA, 2008, p. 21).

A chave para o surgimento dos conceitos explícitos está no processo de incorporação do conhecimento em que a conversão do processo de incorporação para o processo de conhecimento explícito ocorra em três etapas:

1. Metáfora: nesta etapa, são feitas associações livres entre conceitos, abstratos ou não, nas quais se forma uma rede de novos conceitos.
2. Analogia: nesta etapa, as contradições originadas na etapa da metáfora são harmonizadas por meio de um processo de associação mais estruturado e lógico que se baseia nas semelhanças estruturais e/ou funcionais entre duas coisas. Nesse processo, o novo conceito desprende-se dos anteriores e ganha autonomia, tornando-se explícito.
3. Modelo: após um novo conceito tornar-se explícito, ele pode ser finalmente modelado. Isto é, transformado em modelo lógico em que não ocorram contradições e os conceitos e preposições sejam expressos em linguagem sistemática e lógica coerente (ROCHA, 2015, p.11).

Quanto à aquisição do conhecimento explícito, é necessário que seja oportunizado aos sujeitos, de modo geral, o acesso a este conhecimento, para que possa haver a sistematização desse no grupo, ocorrendo então à conversão do conhecimento explícito, juntando conhecimentos já adquiridos aos novos conhecimentos, sendo considerada uma conversão de conhecimento explícito – explícito. Desse modo, a padronização de documentos, termos, nomenclaturas e outros procedimentos que facilitam o processo comunicativo colaboram para a distribuição do conhecimento explícito.

Nesse contexto, Nonaka e Takeuchi (2009) apresentam quatro modos de conversão do conhecimento, o modelo Socialização, Externalização, Combinação e Internalização (SECI) que ocorre em forma de espiral.



Autor: TRIERVEILER ET AL. (2015).

De acordo com Pacheco (2004) e Batista (2019) ao comentarem sobre a espiral do conhecimento no campo organizacional, o modelo Socialização, Externalização, Combinação, Internalização (SECI) possibilita identificar o modo das experiências de uns com as de outros, como se constrói o sistema de crenças elaborado pela memória imediata e de longo prazo, assim como nos arquétipos da ancestralidade que emergem quando ocorrem situações aparentemente novas nos grupos sociais. Dessa forma, a constituição do conhecimento inicia-se com o conhecimento tácito vai se espiralando, do processo de socialização (conhecimento tácito em conhecimento tácito), mediante o conhecimento compartilhado; para a externalização (conhecimento tácito em conhecimento explícito), formando o “conhecimento conceitual, expresso em metáforas, analogias, conceitos, hipóteses ou

modelos”, sendo externalizadas por meio da busca de conceituar uma imagem em que se expressa principalmente na linguagem. Assim, a escrita é uma forma de conversão do conhecimento tácito para o explícito, cuja tradução tem formas que podem ser entendidas por outros indivíduos. Para que ocorra a conversão do conhecimento é preciso que parte do conhecimento explícito seja incorporado em conhecimento tácito. (NONAKA; TAKEUCHI, 2009; HEREK; COLLA; PIRANI, 2008, p. 4);

Nesse sentido, no que tange à relação entre pragmática e Atos de Fala, Rocha (2019, p. 853) comenta que Austin trouxe a temática do campo das representações da linguagem, com base na teoria Kantiana, direcionando o pesquisador e seus estudos para o campo da linguagem, expondo que é por meio da linguagem que ocorre a expressão do pensamento. Assim, no início de sua pesquisa Austin abordou a questão referente aos enunciados, pela seguinte perspectiva: os performáticos “são aqueles que realizam ações porque são ditos” ou constativos “são aqueles que realizam uma afirmação, um falar de algo”. (FERREIRA, 2018, p. 9). No decorrer, Austin suplantou essa questão passando a focar a atenção nos atos locucionário, ilocucionário e perlocucionário.

Quadro 1 – Conceito dos Atos Locucionário, Ilocucionário e Perlocucionário

<p>“O ato locucionário, é a dimensão linguística propriamente dita, palavras e sentenças que estão de acordo com as regras gramaticais, as quais são dotadas de sentido e referência” Ato (A) ou Locução Ele me disse 'Atire nela!' querendo dizer com 'atire' atirar e referindo-se a ela por 'nela'. (FERREIRA, 2018 p. 10)</p>
<p>“O ato ilocucionário, que descreve qual ação o falante está fazendo por enunciar, por exemplo: perguntar, prometer, ameaçar, avisar, e ou simplesmente constatar. É a força performativa propriamente dita.” Ato (B) ou Ilocução: Ele me instigou (ou aconselhou, ordenou etc.) a atirar nela. (FERREIRA, 2018 p.10).</p>
<p>“O ato perlocucionário, que descreve os efeitos do ato do falante nos interlocutores e visam produzir certos efeitos e consequências sobre nossos interlocutores” (FERREIRA, 2018 p.10) Ato (C.a) ou Perlocução: Ele me persuadiu a atirar nela, Ato (C.b): Ele me obrigou a (forçou-me a, etc.) atirar nela (AUSTIN, 1990, p. 90)</p>

Quadro desenvolvido pela autora.

A ênfase dada por Austin está na ação contida no ato de fala. Assim, a força ilocucionária foi objeto de análise por Austin que a categorizou da seguinte maneira:

- Vereditos: aquilo que é dito de forma decisiva, como os dizeres dos juízes. Cumpra-se
- Exercitivos: estão relacionados ao exercício do poder e afetam na tomada de decisões podendo ou não alterar determinado curso de ação
- Comissivos: quando se realiza o ato de dizer uma promessa, ou algum acordo.
- Comportamentais: que se referem a ações dos sujeitos nos diversos contextos de suas vidas.
- Expositivos: quando o sujeito menciona seu pensamento, o modo como raciocina. Para tanto, por vezes o sujeito utiliza-se de figuras de linguagem para que sua fala seja compreendida (FERREIRA, 2018, p.10).

Adiante, Searle (1969; 2010) postulou outra percepção em relação aos Atos de Fala, considerando que não há possibilidade de realizar um ato de fala sem que necessariamente se esteja no contexto de significados da fala, ou seja, o ato ilocucionário está presente em todo e qualquer ato de fala, logo, para Searle a caracterização ocorre do seguinte modo: assertivos, diretivos, comissivos e declarativos. Com o intuito de expor que os atos assertivos estão pautados na ideia de verdade e falsidade do falante; já os diretivos ao convencimento de que aquele que escuta o dito pelo falante realize o solicitado. Os atos comissivos estão “relacionados ao ato de quem fala comprometer-se com o que foi dito” e os declarativos tornam o conteúdo do enunciado conhecido e compartilhado (FERREIRA, 2018, p.11).

Nesse sentido, a Teoria dos Atos de Fala pontua que “todo enunciado realiza uma ação no mundo” (FERREIRA, 2018, p. 9), instituindo-se como um ato de fala. Este ocorre por meio dos verbos (performáticos) que possibilitam a ação (o ato de fala) e a ação ilocucional. Os enunciados, aquilo que o sujeito diz, estão ligados às suas percepções, no uso de seus sentidos, permitindo assim a apreensão de conhecimentos de si e do meio em que vive. Os enunciados performáticos caracterizam-se por “um compromisso assumido intencionalmente com a veracidade do conteúdo proposicional exposto” (SEARLE, 2010, p. 271), ser autorreferentes, por abalizar de forma indispensável a intenção para a realização desse ato.

Entende-se que, por meio da percepção de si, do outro e do ambiente, os sujeitos conseguem com seus recursos sociocognitivos compreender valores socioculturais que possibilitam o viver em grupos e dar significados aos acontecimentos, àquilo que se vê, escuta, cheira, tasteia, que se sente o gosto; assim

como expressar emoções, sentimentos e pensamentos lógico-sequenciais que ocorrem mediante a inserção do simbólico, do uso de figuras de linguagem, como metáforas, visando à explicação de conceitos, de modos de se comunicar no cotidiano. Portanto, o uso de figuras de linguagem está ligado à cultura em que os sujeitos vivem aos valores subjetivos, dos diversos grupos e, também, com os sentidos que lhe possibilitam a interação social que ocorre por meio dos atos de fala (CAMARGO, 2012).

Os atos de fala, ditos por meio de enunciados, permitem as interpretações advindas do modo como os sujeitos se constituem no mundo e interagem com os significados da cultura em que vivem. Essas interpretações ocorrem pelas representações que adquirem significados, conceitos e nomes diante do conhecimento anterior do grupo e do compartilhamento desses com aqueles que fazem parte do grupo. Nesse viés, quando se está no campo da linguagem humana o significante linguístico está imerso de sentidos que emergem devido à interpretação dos usuários referentes aos significados atribuídos a um conceito usado pelo usuário da língua por meio dos atos de fala.

A diversidade de significados está dimensionada na perspectiva de língua em seu uso e tem em si efeitos tanto na relação do sujeito consigo quanto em relação ao outro que a recebe. Do mesmo modo, para além do significado literal, há subjetividades pertencentes àquele que emite a mensagem, assim como àquele que a recebe. Essas subjetividades emergem no ato da comunicação e extrapolam os significados no âmbito da semântica, dependendo de sua intencionalidade.

Para compreender o que a mensagem enuncia, Austin propõe que se inclua a compreensão “ilocucionária dos enunciados” que estão contidos nas expressões linguísticas, possibilitando tanto o conhecimento dos enunciados constativos, quanto os performáticos. Austin, ainda, esclarece que os enunciados constativos, ao descrever um fenômeno, aproximam-se à situação descrita, porém os enunciados performáticos, embora se tenha também a descrição de acontecimentos, ações, elas estão inseridas de forma ambígua, possibilitando haver contradição entre o que está sendo dito, falado e seu significado no que se refere aos Atos de Fala (MCCLEARY; VIOTTI, 2009 p. 52).

2.3 PRAGMÁTICA E INTERPRETAÇÃO EM LIBRAS

A Pragmática, “ciência do uso linguístico, estuda as condições que governam a utilização da linguagem, a prática linguística” (FIORIN, 2010 p. 161). Ao abordar estudos referentes aos Atos de Fala, possibilitam-se a análise de palavras ou das sentenças linguísticas no momento em que há a verbalização. Assim, determinadas validações no campo jurídico ocorrem após o uso da palavra, como por exemplo, a confirmação do casamento após o sim dos noivos, sendo validado perante a lei por meio da declaração verbal do juiz responsável. Igualmente, a pragmática, possibilita que o acesso do usuário da língua ocorra em diferentes contextos e que traga em si a subjetividade inerente ao grupo a que tem seu pertencimento e que influencia o uso da língua de maneira diversificada. Esse enfoque compreende “o estudo do significado sob o ponto de vista do falante”, o seu “significado contextual”, o estudo de “como se diz além daquilo que é dito (isto é, o estudo do significado subjacente, do não-dito), “o estudo da expressão da proximidade/distanciamento relativo (isto é, de acordo com o tipo de proximidade física, social ou conceitual em relação aos ouvintes, aos falantes determinam com e quanto precisam dizer). Desse modo, trata-se da dimensão da pragmática no contexto sociocognitivo e cultural do usuário (MARTELOTTA ET AL., 2010, p. 89).

No verbalizar, conversar com o outro e realizar a compreensão linguística, naquilo que possibilita ao usuário utilizar seu processo criativo e ser intérprete da língua, pode-se dimensionar, em novas bases, a relação entre linguagem e conhecimento (MARTELOTTA ET AL., 2010). O ato de interpretar requer do intérprete, da dedicação e do estudo que o levam a conhecer outras culturas, valores dos grupos, bem como as especificidades das línguas, suas modalidades, sua linguagem, aquilo que está na informalidade da língua – suas gírias, ambiguidades, a linguagem regional, ou seja, o compartilhamento do conhecimento que ocorre nos grupos.

A ambiguidade linguística relacionada ao campo de estudos da pragmática, por exemplo, proporciona questões envolvendo juramentos em que o tom da fala pode indicar se é a confirmação de um ato ou se é um questionamento sobre o ato. Nas línguas de sinais assim também ocorre, podendo haver sentidos variados para um mesmo sinal, dependendo do contexto em que é usado. O movimento de olho, da expressão da sobrancelha, da boca, são exemplos de como pode haver alteração do sentido de uma frase quando unidas ao sinal, o que por sua vez pode modificar o sentido de uma frase (QUADROS, 2004).

A organização semântica, por sua vez, também influencia na compreensão das línguas de sinais, uma vez que os sinais possuem variações regionais, utilizações diferentes, em ambientes sociais distintos, no qual há possibilidade do uso de ironias, de metáforas, de ambiguidade, de acesso ao repertório cognitivo linguístico (QUADROS, 2004).

Desse modo, há uma conexão simbólica entre o significado e o significante, que possibilita o emergir do signo linguístico, seus conceitos, permitindo uma junção que compõe a simbologia da linguagem, que no dia a dia se consolidam por meio dos atos de fala. “Tanto o significado, quanto o significante são entidades abstratas que existem na mente dos falantes de uma determinada língua. Significado e significante são, portanto, entidades mentais. Usam-se os signos para falar sobre coisas no mundo (entre outras coisas)” (MCCLEARYE; VIOTTI 2009 p. 3).

Quando se menciona um objeto tem uma representação mental dele, ou seja, o objeto mesa tem seu significado conectado com a experiência de vida dos sujeitos. Para uma comunidade religiosa, mesa pode ter como significado de união, para um grupo de empresários ‘mesa’ pode significar empreendimento (MCCLEARYE; VIOTTI, 2009 p. 3).

Para a pessoa surda há diferentes sinais para os objetos, por exemplo mesa e, sua compreensão do significado também estará em conformidade com a sua representação cognitiva. Assim o sinal referente à mesa retangular pode ter como significado a lembrança de almoços em família, que poderá ter significados diversos, como boas ou más lembranças de acontecimentos durante os almoços em família (MCCLEARYE; VIOTTI 2009 p.3).

Portanto, a metáfora enquanto força ilocucionária expositiva, elucida os enunciados e se adapta contexto de diálogos ou de argumentos, o que possibilita gerar a intencionalidade oriunda do ato de fala. Desse modo, o campo da figura de linguagem, dá ênfase ao processo cognitivo comunicacional, que nesta tese é abordada mediante as figuras de palavras ou semânticas, em que as metáforas interpretadas ou traduzidas para Língua Brasileira de Sinais possibilitam dar significados e sentidos às palavras, pois as metáforas se caracterizam pelo uso de significados diferentes em uma representação comparativa, necessitando do conhecimento abstrato, pois por meio delas são dados sentidos para aquilo que não haveria correlação no cotidiano.

Na metáfora não são usados elementos de comparação (“como” ou “tal qual”), uma vez que elas são utilizadas em poesias, charges histórias em quadrinhos, letras de músicas e harmonizam o que é dito. Por meio do uso de metáforas, é possível atribuir às palavras significados diferentes dos de uso comum. As charges, histórias em quadrinhos da Mafalda explicitam o uso de figuras de linguagem no campo metafórico. Na charge da figura 1, é mencionada a relação entre pessoas e tempo deslocado para o tempo das percepções humanas. Do mesmo modo que as pessoas, o tempo (ano) também teria expectativas quanto à condição do tempo em suas vidas. No entanto, tem-se conhecimento que o ano (tempo) é uma construção abstrata que visa normatizar a vida em sociedade. O ano (tempo) tem inúmeros significados de acordo com a vivência de cada sujeito e dos grupos e que inclusive a compreensão do que seria o “melhor” é singular, estando atrelada à percepção, aos desejos, às crenças e aos interesses de cada sujeito e dos grupos em que esses se relacionam.

Figura 2 – Quadrinho da Mafalda sobre o ano.



Autor: Quino (xxxx)

Já na figura 3, não há palavras escritas, gerando um texto imagético de sentidos e significados de cunho afetivo, podendo entre suas interpretações ter o significado da importância dos afetos nas relações entre os vivendo em consonância com o planeta, trazendo imersas outras possibilidades cognitivas de pensamento como a relevância das ações para o equilíbrio do planeta.

Nesse sentido, esta charge possibilita se aproximar da percepção de mundo das pessoas surdas pelo campo visual, pois a imagem possibilita a compreensão das representações metáforas, dando significados a estas imagens pensadas em conjunto (fundo azul, imagem de oração Mafalda com expressão de contentamento, segurando

o globo junto ao seu rosto e o cachorrinho próximo a ela e com a cabeça em direção ao coração que flutua).

Figura 3 – Mafalda e o mundo



Autor: Quino (xxxx)

2.4 PESSOAS SURDAS CONGÊNITAS E REPRESENTAÇÕES COGNITIVAS

As pessoas surdas vivem em grupos familiares e sociais diversos, utilizando a língua de modalidade visuoespacial da qual emerge seu conhecimento de mundo. Nesse contexto, Strobel (2009) menciona as manifestações artísticas, a identificação como meios de comunicação de massa, as festas e as cerimônias tradicionais, as lendas e as crenças de um povo, seu modo de se vestir, sua comida e a sua língua, como artefatos que convergem para a concepção de cultura das pessoas surdas, que a cultura é dinâmica, manifesta-se por meio de seus usuários, dos grupos sociais e é plural.

No que se refere à comunidade surda é “formada por uma história própria, por processos de desenvolvimento, de identificação, de discriminação, de práticas relacionadas com uma linguagem em comum e com a função do espaço no desenvolvimento do indivíduo” (STROBEL, 2009, p. 8).

Entretanto, tendo como especificidade que as crianças surdas, em sua maioria, nascem em famílias que falam uma língua auditiva. Elas ficam diante de barreiras sociolinguísticas desde o nascimento essa situação tem trazido inúmeras dificuldades a estas crianças, no que tange à interação e à aprendizagem. Elas são levadas a não participar da vida escolar, o que acarreta prejuízos cognitivos e relacionais que se mantêm ou agravam durante a vida adulta e velhice (SKLIAR, 2009).

As crianças surdas, desde o nascimento até o contato com outras pessoas usuárias da língua de sinais, vivem a situação de isolamento linguístico, emocional e cultural, porque não recebem os inputs linguísticos, os estímulos necessários para o seu desenvolvimento. Essa situação se agrava quando a criança surda chega à escola não bilíngue, uma vez que o acesso à aprendizagem ocorre somente em português brasileiro oral e escrito (CAPOVILLA; TEMOTEO, 2014).

As dificuldades que decorrem desta barreira ao acesso têm sido desastrosas, pois as pessoas surdas têm tido acesso restrito à aquisição de linguagem, vivendo em sua maioria contextos de comunicação oral, deixando-os às margens do conhecimento. No entanto, se tivessem acesso à língua de sinais, à percepção do sujeito e à aquisição de linguagem, poderiam deslocar a o pensamento de que os

surdos não são incapazes, mas simplesmente usam uma linguagem diferente que é visual/gestual. A comunidade dos surdos quer ser vista como uma comunidade linguística e cultural diferente, e não ser vista como diferente por causa da incapacidade (SKLIAR, 2009, p. 152).

As pessoas surdas isoladas em suas famílias, compreendidas como sujeitos em que um dos sentidos não está apto, têm permanecido no cotidiano à margem da vida social. Por isso a importância em investimentos no que repercute à educação de pessoas surdas. Nesse sentido, o Brasil obteve um salto educacional criado após a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, o decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, a graduação em Língua Brasileira de Sinais, com professores surdos e ouvintes em universidades, fruto da organização da comunidade surda enquanto movimento social, reivindicado o cumprimento da legislação sobre a educação de surdos, o acesso aos serviços e garantia de direitos sociais.

A luta pela garantia de seus direitos tem sido uma constante ao longo da história, pois na antiguidade, na idade média e até recentemente a surdez era associada à comorbidades, como a déficits cognitivos, dificuldade de interação social e devido à ênfase no input visual linguístico não sendo enfatizado em seu potencial de aprendizagem (VIOTTI, 2008, p. 8).

A língua possibilita aos coletivos humanos se reconhecerem, estarem em contato cultural, estabelecerem novos saberes e a língua de sinais tem vivenciado uma série de mitos tanto em relação à modalidade linguística quanto ao seu uso, ao compreender as pessoas surdas como sujeitos que utilizam a língua de sinais, sujeitos

visuais, sujeitos que se constituem na cultura pelas suas experiências visuais (QUADROS; KARNOPP, 2004).

No contexto dos atos de fala implícitos e explícitos, na perspectiva da construção socioemocional das pessoas ouvintes e das pessoas surdas, o processo motivacional de cada sujeito, conforme os estudos indicam, ocorre tanto de modo intrínseco quanto extrínseco, sendo que o processo motivacional varia de sujeito para sujeito e ocorrem variações intrapessoais. Nesse sentido, os acontecimentos e as situações que em determinado contexto são motivadoras, em outros contextos podem não exercer a mesma influência sobre o sujeito. Além do que os processos motivacionais são temporais, dinâmicos e estão em movimento com a cultura e tempo vividos pelo sujeito, além de se constituírem pelos valores sociais. Logo, pensar possibilidades de interpretação que conecte e motive o sujeito é um desafio, é o tecer de percepções, construções teóricas, construções pessoais, na interpretação de línguas de modalidades diferentes, que identifiquem propostas educacionais para pessoas surdas que abarquem perspectivas motivacionais que emergem do conhecimento da pessoa surda.

Nessa perspectiva, a pessoa surda tem como sua língua materna à língua de sinais. A Libras, Língua Brasileira de Sinais, que “não é um instrumento de comunicação para facilitar aprendizagem da Língua Portuguesa, mas de transformação das relações sociais, culturais e institucionais que geraram e geram as representações hegemônicas sobre o ser surdo no sistema de ensino” (QUADROS; SILVA, 2008, p. 86). A Libras mantém vivas as piadas surdas, as narrativas, as metáforas, os mitos que envolvem a cultura surda, que, não raro, ficam a margem do processo educacional formal.

2.5 A PRÁTICA DOS INTÉRPRETES DE LIBRAS

Desde que os povos começaram a migrar, esses passaram a entrar em contato com diferentes línguas, surgindo a necessidade de interpretação entre os falantes. Para tanto, aquelas pessoas que são fluentes em línguas realizam o ato de interpretação. Esse ato abrange os fatores sociais, os culturais, os conhecimentos referenciais, os gerais, bem como as pessoas envolvidas. Entre as características atribuídas ao ato de interpretar, de acordo com Pochhacker (2004), Pagura (2010; 2015) e Rodrigues (2018) destacam-se três: a interpretação face a face, a

imediatidade, ou seja, quando ocorre a interpretação ela já está finalizada, não há, como no campo tradutório a possibilidade de refazer para aprimorar o enunciado. “Soma-se a isso a extensa e diversificada rede de temas, contextos e públicos em que o intérprete pode atuar e mediar.” A terceira característica se refere ao campo neurocognitivo, pois a interpretação requer recursos de conhecimentos diversos, uma vez que a língua é composta de aspetos socioculturais, contendo especificidades que constituem os valores de cada grupo, além da “extensa e diversificada rede de temas, contextos e públicos em que o intérprete pode atuar e mediar”. Logo, é necessário que o intérprete tenha uma boa memória de longo e de curto prazo (GOMES; 2019, p. 126).

O ato de interpretar possibilita à humanidade processos de aproximações entre as diversas culturas e os povos que se encontram por questões sociais, políticas, econômicas, religiosas, entre outras. Ela emerge da necessidade comunicacional diante da diversidade linguística e é realizada por aqueles que são fluentes nas línguas em contato, para tanto envolvem subjetividades pertinentes aos humanos em suas conexões interpessoais. Ocorre, portanto, face a face com a mediação do intérprete na comunicação entre os falantes de línguas diferentes, havendo aí uma recepção e um envio comunicacional, em que se encontram processos cognitivos, emocionais, ritmos de fala entre outras especificidades no campo de interpretação.

Por outro lado, é relevante de que quando o intérprete está interpretando, ele não tem, à sua disposição materiais, didáticos aos quais possa consultar. Ele não tem como parar a interpretação para consultar glossários ou usar diários de campo para se apoiar no momento da interpretação. Também é necessário considerar que o ato de interpretar ocorre em contextos variados e em diferentes “categorias como consecutiva, intermitente, simultânea e sussurrada”, que solicitam do intérprete um repertório sociocognitivo diversificado (GOMES, 2019, p. 126).

Gomes (2019, p. 125), citando Gile (1995) e Rodrigues e Santos (2018), enfatiza que além desses três esforços que ocorrem nas línguas orais, nas línguas de sinais, bem como há, também,

- o esforço da recepção para visualizar e aferir a emissão via língua fonte;
- o gerenciamento do espaço de sinalização, de sua visualidade para o público;
- a comunicação direta com as pessoas surdas, nos eventos públicos, que podem a qualquer momento solicitar esclarecimentos, no contexto da interpretação.

O campo interpretativo traz especificidades em sua prática diversificada do campo da tradução. Para explicitar estas especificidades, utilizou-se o quadro 1, elaborado a partir do artigo de Rodrigues e Santos (2018, p. 2) “A interpretação e a tradução de/para línguas de sinais: contextos de serviços públicos”:

Quadro 2 – Aspectos Diferenciadores da Tradução e da Interpretação

Conceito	Tradução	Interpretação
(i) o caráter do texto fonte	concluído e registrado	Em fluxo transitório
(ii) a condição de trabalho	menos dependente do contexto e sem a obrigatoriedade de contato com o público	totalmente dependente do contexto e com a necessidade de contato com o público
(iii) o registro do produto	Automático e duradouro	não automático e efêmero

Quadro desenvolvido pela autora.

Outro ponto relevante é o das competências e das habilidades linguísticas dos intérpretes. Nesse campo, o profissional precisa conhecer “o tipo de apoio externo e interno que pode ser utilizado; a tecnologia que pode ser empregada; a possibilidade de revisão” entre outras condições que favoreçam a interpretação. “Além disso, ao envolver uma língua de sinais, os processos tradutórios e interpretativos, além de serem interlinguísticos, tornam-se também intermodais (PADDEN, 2000; RODRIGUES, 2013; RODRIGUES; SANTOS, 2018, p. 2). Desse modo, o campo interpretativo além dos inúmeros desafios que abrangem o campo intermodal, quando se refere à interpretação/tradução no campo de duas línguas de modalidade diferentes, apresenta uma série de dificuldades que ainda aportam no uso de diferenças nas metáforas utilizadas por surdos e ouvintes que dificultam a tradução intermodal.

As interpretações ocorrem em ambientes diversos e abrangem os coletivos organizados socialmente, assim, também compreendidos em “contextos de caráter intrassocial e internacional”. Para tanto, o campo interpretativo é ancorado em duas grandes áreas: “interpretação comunitária e interpretação de conferência.” A interpretação comunitária, por sua vez, é realizada junto às instituições dos países em que há falantes de diferentes línguas, havendo uma proximidade entre intérpretes e os participantes das comunidades que solicitam interpretações sejam escolas, unidades básicas de saúde, serviços da assistência social ou espaços de interpretação jurídica, pois a interpretação ocorre face a face (RODRIGUES; SANTOS, 2018, p. 5).

2.6 O USO DE METÁFORAS

A sociedade está organizada em comunidades que se reconhecem por seus símbolos, os quais podem ser interpretados como códigos que identificam ou não os diversos grupos sociais. A representação dos símbolos é dinâmica e varia conforme a interpretação dos sujeitos, podendo haver mais de uma interpretação para o mesmo símbolo nos variados grupos, conforme as circunstâncias “mentais intencionais – pensamentos, raciocínios, crenças, concepções, desejos, impressões, regras, imagens, percepções etc.” Cada sujeito interpretará as representações conforme sua especificidade, havendo então uma particularidade perceptiva destas para cada um (SOUZA; SOUZA, 2016, p. 208 - 210).

A interpretação é singular e seus significados, que são dados aos acontecimentos e a si, estão conectados com a diversidade que habita em cada sujeito, ultrapassam a relação entre o objeto e a coisa, pois o sujeito explicita suas representações cognitivas, sua subjetividade e seu modo de compreender o fenômeno que lhe é apresentado ao dizer sobre os seres ou as coisas. O sujeito chega ao nível abstrato do pensamento, projetando sobre o outro (pessoas, objetos, natureza etc.) valores, interpretações construídas a partir de suas percepções (CAMPOS, 2013). O sujeito forma, então, conceito sobre si e sobre o outro, dando significado àquilo que vê no campo imagético, escuta no campo auditivo, sente no campo tátil, percebe o odor no campo olfativo e o gosto no campo através do paladar. Essas condições colaboram com a compreensão de si e do mundo em que se vive pelo campo sensorial.

A partir destas condições, o sujeito passa a ter referências, identificar palavras, coisas, seres e representá-los adquirindo a noção de conceito, adentrando no campo do pensamento abstrato. O campo semântico traz a possibilidade de compreender a “estruturas conceituais e as categorias mentais das pessoas formadas a partir das suas experiências de crescerem e agirem em um mundo” (CAMPOS, 2013, p. 50).

Dentre as estruturas conceituais, a figura de linguagem metafórica, no seu uso cotidiano, ou em contextos literários ou artísticos, possibilita a construção de linguagens, relações, conexões entre os diversos viventes na sociedade, por meio da transferência de conceitos, “transmissão ou a passagem de um significado a outro”.

Para “Aristóteles, a metáfora é uma adição à linguagem ordinária, vista como um instrumento retórico usado, algumas vezes, para se obter determinado efeito de sentido”. Para tanto, é necessário que o campo interpretativo do enunciado seja compreensível para se alcançar o significado daquilo que é dito (MARÇAL, 2013, p. 51).

O significado literal de uma sentença deve ser cuidadosamente distinguido do que o falante quer significar quando emite a sentença para realizar um ato de fala, pois o significado da emissão do falante pode divergir do significado literal da sentença de várias maneiras (SEARLE, 2002, p. 184).

As metáforas, quando ditas, estão bem longe da linguagem literal, havendo aí estratégias de interpretação entre aquele que diz e aquele que a recebe. Passa a ter um campo de significados que se autorregulam entre os que estão a se comunicar. Assim, ao dizer o enunciado: ‘o pé da cadeira está quebrado’, se não houver compreensão por parte do outro que este enunciado se refere a uma informação com o uso de figura de linguagem, irá interpretar a informação como uma mentira, pois ela não é literal, levando aquele que a escuta a considerar como uma falsidade ou discrepância semântica (CAMPOS, 2013, p. 50 - 51). Ainda na diversidade do campo semântico, referentes às metáforas, encontra-se a metáfora visual, funcional, estrutural e posicional. Colin (2017 p. 26) apud Gonçalves Ferreira (2013) elucida que

- Metáforas Estruturais estão relacionadas ao conjunto de componentes usuais, como por exemplo, “No site de uma biblioteca deveria existir a mesma estrutura organizacional de uma biblioteca física: livros organizados por classe e tipo” (COLIN, 2017 p. 26).

- Metáforas Visuais estão relacionadas ao reconhecimento da experiência do sujeito, de seu campo perceptivo, como por exemplo, ícones de informática que associam a imagem ao conceito. No celular, encontra-se a imagem de um catavento que está associada à ideia de fotos. O sujeito clica na imagem do catavento e aparecem as fotos registradas no celular.

- Metáforas Funcionais estão relacionadas “a representação de um lugar, pessoa, coisa ou ideia através de uma imagem visual que sugere uma associação específica ou ponto de similaridade. A utilização da imagem de disquetes como botão em sistemas para a ação de salvar um documento” (COLIN, 2017 p. 26).

- Metáforas visuais “estão conectadas a elementos gráficos comuns a uma determinada cultura. A utilização da imagem de disquetes como botão em sistemas para a ação de salvar um documento. Metáforas Posicionais, estas utilizam

o conceito de orientação espacial. As pessoas costumam posicionar itens que são considerados mais importantes no topo de listas” (COLIN, 2017 p. 26).

As metáforas, enquanto figuras de linguagem, apresentam significados que estão ligados ao modo de pensar e de expressar dos diversos grupos, havendo propriedades que possibilitam sua assimilação e compressão entre os falantes. A convencionalidade que transfere a compreensão da linguagem simbólica para a linguagem literal possibilita a compreensão do enunciado. O uso de comparações que possibilitam o entendimento de conceitos no campo físico como no campo abstrato, como por exemplo, “a seguinte associação ‘TEMPO É DINHEIRO’, diante da qual se pode perceber que muitos conceitos envolvendo noções financeiras são transportados para os conceitos envolvendo tempo”. A associação entre CORPO e OBJETO: ‘o pé da cadeira quebrou’, também, refere-se à metáfora transportando a palavra perna do contexto corporal para o objeto cadeira – perna da cadeira (CAMPOS, 2013, p. 54).

A assimetria está relacionada à correspondência entre conceitos, cujas “metáforas não são definidas como comparações simétricas entre dois conceitos, mas provocam no ouvinte uma transferência de propriedades do domínio de origem para o de destino”. Por exemplo, ao se usar a frase “A VIDA É UMA JORNADA, se vê que a metáfora acontece apenas em uma direção, pois não se usa termos relacionados à vida para descrever jornadas”. Ainda fazendo inferência à assimetria, ela traz a abstração no processo comunicativo, pois, “JORNADA, no caso, descreve o alvo mais abstrato, VIDA” (CAMPOS, 2013 p. 54).

Assim, ao considerar que a significação daquilo que é dito e interpretado pelo outro em línguas de mesma modalidade exige recursos culturais e subjetivos referente à comunidade de falantes da língua, no caso de línguas orais-auditivas e línguas de sinais que possuem uma modalidade espaço-visual, o campo subjetivo, interpretativo entre os falantes precisa do mesmo modo da conexão comunicativa e cognitiva de ambos, porém, considerando a especificidade da língua como diferencial em sua modalidade.

De forma semelhante às línguas orais, as metáforas em línguas de sinais trazem em seu enunciado/sinalização da condição abstrata do pensamento daquele que fala e do grupo ao qual tem pertencimento. Do mesmo modo, as metáforas estão em conexão com os sentidos dados pelos grupos que delas se utilizam. Assim, pode haver mudança em seu significado semântico, por exemplo, a cultura japonesa considera que o umbigo simboliza o ponto central do pensar. Na cultura ocidental,

considera-se que o pensamento, o pensar, advém de conexões neurais do cérebro e do encéfalo, logo o sinal pensar está localizado com o deslocamento do dedo indicador (SILVA JUNIOR, 2018, p. 47).

Nesse contexto, o uso de metáforas em Libras/Língua Brasileira de Sinais está em consonância com o entendimento de que ela se caracteriza “como um recurso de pensamento e ação voltada às atividades de um determinado grupo”, conectando a pessoa surda com o mundo de conceitos e significados relacionados às emoções.

O ato de interpretar está carregado de emoção, o que constitui parte dos desafios que o intérprete enfrenta na execução de seu ofício. Ele ultrapassa as barreiras culturais para que o outro compreenda o que foi dito e para tanto é necessário passar a intencionalidade daquilo que é dito. Ela, a intencionalidade, emerge o contexto emocional na interpretação, podendo revelar alegria ou tristeza, ironia ou veracidade, seja piada, falas informais ou formais. A emoção possibilita ao outro compreender a subjetividade que há no contexto da fala e é composta de “elementos paralinguísticos, tais como a mímica e os gestos, e prosódicos, tais como a velocidade e o volume da voz” e, ainda, traz o acréscimo de elementos quando a língua interpretada é uma língua visuoespacial, em que a corporalidade e a fala gestual são composições unidas no ato de fala. “São, no entanto, justamente esses elementos, que, ao remeterem a manifestações corporais apontam para uma componente importante” que é a influência da emoção no entendimento da interpretação. (KEMPINSKA, 2014).

As emoções no contexto cognitivo, embutidas de afetos que se encontram na interpretação, podem ocasionar “situações de risco, nas quais tanto a coerência da emoção, quanto sua expressão linguística e sua interpretação se encontram ameaçadas”, nos “discursos produzidos no contexto intercultural”. (KEMPINSKA, 2014)

Assim, por exemplo, os intérpretes no contexto de interlocução “precisam estar familiarizados com as convenções das estruturas narrativas e com os dispositivos afetivos e ser capazes de adotar de uma forma criativa esses dispositivos” intralinguísticos. Para tanto é necessário que o uso de relações complexas entre a língua, a cognição e a memória, que envolve “como sentir, como expressar os sentimentos e como interpretar os sentimentos dos outros.” Isso requer do intérprete “memória autobiográfica baseada na habilidade cognitiva de recordar as experiências pessoais, os objetos e os eventos, e certo grau de conhecimento de si mesmo, ou

consciência do eu, que reúna informação sobre o que a pessoa é, o que ela ou pode ser” na interpretação (KEMPINSKA, 2014)

Outro dispositivo, o neurocognitivo é necessário ao intérprete no que se refere ao uso da atenção (KEMPINSKA, 2014) que dependendo do tipo de emoção e da intensidade, requer arcabouço representativo sociocognitivo e cultural dos diversos falantes e seus grupos. Por exemplo, um dos significados da expressão: ‘Ele está chovendo no molhado’, pode se referir que o sujeito está se repetindo ou que o que ele está a dizer não acrescenta ao diálogo. Em outra cultura que viva muito próxima à natureza, chover no molhado pode ter outros significados referentes aos seus valores, como por exemplo, o fato de chover no molhado estar relacionado à sabedoria, pois ao chover no solo molhado a terra adquire maior probabilidade de fertilidade.

Ademais, há possibilidade de a interpretação estar relacionada a aspectos superlativos da cultura que associam significados não comuns, sem uma relação direta às pessoas, por exemplo, a música Solteirona (Banda Gaviões do Forró) diz o seguinte: “Solteirona...Bonitona... Gostosona... Maravilha... Que loucura de mulher ... Cachorrona... Malandrone... Safadona...”, referindo-se à percepção de alguém sobre uma mulher que seria solteira, com supostamente idade que para aquela cultura não se enquadraria para continuar solteira, com alguma marcação de tempo que se teria a idade para casar, entre outras possíveis interpretações de valores culturais envolvidos neste contexto. Também outra ponderação importante para a interpretação seria a intencionalidade dita nestas expressões, pois elas poderiam aludir ao modo de pensar de alguém como poderia ser o oposto do que a pessoa pensa sobre o outro, com uma intencionalidade diversa da dita, uma dissimulação (KEMPINSKA, 2014).

Além do que as emoções “implicam reações fisiológicas e expressões faciais e corporais” e em que a “expressão e a emoção não costuma ser direta, posto que pode haver exageros, mimetizações, desmascaramentos, controles e simulações individuais e influências culturais.” Assim, como “a somatização (corporização) das emoções” e dos “procedimentos retóricos, como as metáforas e as comparações (“meu coração se partiu”, “é a menina dos meus olhos”),” realizadas “através de pistas corporais, gestuais e faciais” (TEBEROSKY, 2016)

Por exemplo, em Língua Brasileira de Sinais 3– Libras, o sinal de cachorro, mais sinal de amor, mais sinal de vida, mais sinal parecer, mais sinal papai = metáfora = cachorro amor da minha vida parece papai. Na frase, há uma adaptação de significado referente à figura humana (pai) e a figura animal (cão), fazendo referência

ao sentimento de amor em relação ao cão, tendo como referência o sentimento ao pai (SILVA JUNIOR, 2018, p. 55).

Assim, pode-se identificar como, no exemplo, supracitado como “o conhecimento é conceituado como agrupamento de representações de mundo, formado por uma série de circunstâncias que compõem o cotidiano” (MACHADO; FIALHO, 2016, p. 592). Conceituação construída em conformidade as experiências sensoriais no contexto da representação cognitiva explicitam da realidade do vivente. Ao usar outro significado para a palavra ou para o sinal o falante está representando seu conhecimento de mundo, seu conhecimento em interação com o coletivo de forma abstrata.

Este capítulo abaliza os objetivos dessa tese, trazendo a proposta do pensamento de Austin e Searle referente à teoria dos Atos de Fala, com ênfase a intencionalidade da comunicação no contexto de interpretação em língua de sinais, quando da utilização de metáforas. Aborda-se a teoria dos Atos de Fala, com ênfase a intencionalidade na interpretação de metáfora entre língua de sinais e línguas orais.

Para tanto, foram escolhidas histórias em quadrinhos para identificar a compreensão da presença de metáforas na comunicação entre pessoas ouvintes e pessoas surdas, mediadas por intérpretes de Libras. Outro ponto relevante aqui referenciado é o contato entre as diferentes culturas e o compartilhamento de conhecimento que emerge na interpretação entre línguas e os desafios que surgem para o intérprete ao fazer a transmissão de metáforas entre línguas de modalidades diferentes, propondo analisar como os intérpretes de Libras comunicam a intencionalidade no uso de metáforas que compõem os atos de fala.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo se divide nas seguintes seções: abordagem metodológica da pesquisa e etapas da pesquisa.

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

Essa pesquisa emerge das mudanças sociais e tecnológicas no século XX e XXI, que afetam as representações sociais elaboradas pelos sujeitos coletivos, com suas crenças que modificam as decisões na realidade social por meio da comunicação dos sujeitos coletivos, pois os estes atribuem significados que fazem parte de sua cultura, de sua percepção social. Esta pesquisa qualitativa segue o eixo das pesquisas do Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC) e para atendimento de seus objetivos, conforme contido na base teórica nos capítulos 2 e 3 foi proposto, conjunto de instrumentos que consistiram em dois questionários e entrevista.

Para tanto foi encaminhado convite para participação dos intérpretes da UFSC e IFSC-Bilingue e posteriormente foi realizada pesquisa em mídias pessoais da pesquisadora e a partir daí foram selecionados intérpretes com afinidade a proposta desta pesquisa, para que se pudesse alcançar percepções supra regionais com suas características culturais próprias e locais. Os intérpretes que participaram exerceram atividades em central de Libras, legislativo, saúde, educação, iniciativa privada, serviços vinculados a garantia de direitos.

Os objetivos específicos cooperando com o objetivo geral propostos foram os de identificar a presença das metáforas na comunicação entre pessoas surdas e ouvintes, identificar as dificuldades encontradas pelos intérpretes de Libras na transmissão da intencionalidade das metáforas nos atos de fala dos ouvintes para as pessoas surdas, identificar as estratégias utilizadas pelos interpretes na transmissão das metáforas, propor recomendações para os intérpretes de Libras na transmissão de metáforas na comunicação entre ouvintes e surdos, sendo utilizado o método Delphi, com o intuito de obter a colaboração de especialistas mediante sua expertise. O método Delphi consiste na aplicação de questionário inicial para realização de um pré-teste, na seleção dos especialistas e, na sequência, consecutivas rodadas de questionários para obter a convergência com os objetivos da pesquisa (ALMENARA; MORO, 2014; SOSSA ET AL., 2015)

Os especialistas convidados a participar desta pesquisa foram intérpretes da UFSC/Letras Libras e intérpretes do IFSC/Bilíngue. Professores do campo da interpretação e/ou tradução da UFSC/Letras Libras e do IFSC/Bilíngue, sendo que dos vinte pré-testes enviados para os especialistas, sete deram o retorno com suas contribuições, na primeira etapa e quatro na segunda etapa de aplicação do Delphi. Após feitas as alterações sugeridas pelos especialistas, em conformidade com os objetivos apresentados no capítulo 1 e confrontados com o capítulo 2 no que se refere a fundamentação teórica: A teoria dos Atos de Fala, As Metáforas nos Atos de Fala, Pragmática e Interpretação em Libras, Pessoas surdas congênitas e representações cognitivas, A prática dos intérpretes de Libras, O uso de Metáforas), foram aplicados questionário e entrevista em instituições de ensino do Amapá, Amazonas, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina.

As sugestões feitas pelos especialistas na primeira rodada do Delphi foram referentes ao tamanho da fonte, em optar por um quadrinho.

Foram feitas as adequações sugeridas e para a segunda rodada foram feitas a modificação do quadrinho e adequação da fonte, contemplando as sugestões feitas na primeira rodada.

A segunda parte mitológica foi a realização de entrevista semiestruturada online, sendo que o critério para realizar a entrevista semiestruturada foi a interpretação do quadrinho da Mafalda em anexo, pelo entrevistado.

Após foi dada continuidade a entrevista semiestruturada, com as seguintes questões: Você já interpretou histórias em quadrinhos? (Comente); como foi a sua experiência? (Comente); A linguagem dos quadrinhos foi acessível ou não? (Comente); Como você identifica a presença das metáforas na comunicação? Como você identifica as características das metáforas na comunicação? Quais as dificuldades que você intérprete de Libras identificou na transmissão da intencionalidade das metáforas nos atos de fala (diferenças culturais e linguísticas) durante a interpretação? Comente livremente uma experiência em interpretação onde as metáforas estiveram presentes e exigiram esforço adicional para enfatizar a intencionalidade. Gostaria de fazer alguma sugestão à pesquisa?

Assim buscou-se conectar representações sociais e perspectivas da subjetividade humana que impulsionam o entrelace do conhecimento dos coletivos em tela (CUPANI, 2004).

Para tanto a pergunta que norteia esta pesquisa é como os intérpretes de Libras comunicam a intencionalidade no uso de metáforas que compõe os atos de fala? Utilizaram-se os seguintes métodos de coleta: revisão bibliográfica, entrevista e questionário com especialistas, em anexo. Realizou-se uma busca integrativa sobre o tema na base dados Directory of Open Access Journals, Capes e Dissertações do EGC - Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, cujo quantitativo de pesquisas encontradas foi inexistente ou muito pouco.

Apesar de buscar na base de dados da Capes as palavras-chave elencadas: “intérprete e línguas de sinais e intencionalidade” não foram encontradas publicações; “surdos e atos de fala”, foram encontradas duas publicações, que não contemplam o foco desta pesquisa; “comunicação e língua de sinais e intérprete”, foram encontradas trinta e uma publicações, das quais foram excluídas as que enfatizavam a assistência social e a saúde, restando seis publicações com ênfase no escopo desta pesquisa. As pesquisas encontradas na Plataforma do EGC estão focadas na área Mídia e Conhecimento, com os seguintes autores: (FLOR 2016; OBREGON, 2011; LAPOLLI, 2014; RIBAS, 2018)

Na base dados Directory of Open Access Journals, não foram encontrados artigos referentes à palavra-chave “Interpreter and sign languages and intentionality”; foram encontrados seis artigos com a palavra-chave “deaf and speech acts”, sendo que se referem à aquisição de linguagem; à produção e à compreensão de marcadores prosódicos; comparação da competência pragmática e performance em grupos de surdos e estudantes ouvintes; comparação de algumas habilidades pragmáticas, incluindo manutenção de tópicos; ação da diretiva do professor na discussão da interação para crianças; dos quais cinco têm compatibilidade com esta pesquisa devido ao assunto de forma geral; com a palavra-chave “comunicação e língua de sinais e interprete”, foram encontrados 22 artigos, sendo que não contemplam o escopo desta pesquisa.

Apontando a importância desta tese para a interlocução no campo do conhecimento científico interdisciplinar, em conexão com os projetos socioeducativos e tecnológicos, no compartilhamento e disseminação do conhecimento.

A pergunta que norteia esta pesquisa é como os intérpretes de Libras comunicam a intencionalidade no uso de metáforas que compõe os atos de fala? Utilizaram-se os seguintes métodos de coleta: revisão bibliográfica, entrevista e questionário com especialistas, em anexo. Realizou-se uma busca integrativa sobre o

tema na base dados Directory of Open Access Journals, Capes e Dissertações do EGC - Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, cujo quantitativo de pesquisas encontradas foi inexistente ou muito pouco.

Apesar de buscar na base de dados da Capes as palavras-chave elencadas: “intérprete e línguas de sinais e intencionalidade” não foram encontradas publicações; “surdos e atos de fala”, foram encontradas duas publicações, que não contemplam o foco desta pesquisa; “comunicação e língua de sinais e intérprete”, foram encontradas trinta e uma publicações, das quais foram excluídas as que enfatizavam a assistência social e a saúde, restando seis publicações com ênfase no escopo desta pesquisa. As pesquisas encontradas na Plataforma do EGC estão focadas na área Mídia e Conhecimento, com os seguintes autores: Flor (2016), Obregon (2011), Lapolli (2014); Ribas (2018).

Na base dados Directory of Open Access Journals, não foram encontrados artigos referentes à palavra-chave “Interpreter and sign languages and intentionality”; foram encontrados seis artigos com a palavra-chave “deaf and speech acts”, sendo que se referem à aquisição de linguagem; à produção e à compreensão de marcadores prosódicos; comparação da competência pragmática e performance em grupos de surdos e estudantes ouvintes; comparação de algumas habilidades pragmáticas, incluindo manutenção de tópicos; ação da diretiva do professor na discussão da interação para crianças; dos quais cinco têm compatibilidade com esta pesquisa devido ao assunto de forma geral; com a palavra-chave “comunicação e língua de sinais e interprete”, foram encontrados 22 artigos, sendo que não contemplam o escopo desta pesquisa.

Para fins de atender os objetivos específicos do capítulo 1 e 2 foi aplicado questionário e entrevista, em conformidade com os objetivos apresentados nesta pesquisa e confrontados com o capítulo 2: A teoria dos Atos de Fala, As Metáforas nos Atos de Fala, Pragmática e Interpretação em Libras, Pessoas surdas congênitas e representações cognitivas, A prática dos intérpretes de Libras, O uso de Metáforas), em instituições de ensino de Santa Catarina, Paraná, Amazonas, Rio Grande do Sul, Amapá.

Após feitas as alterações sugeridas pelos especialistas, foi submetido para grupo de especialistas para recomendações e a partir das repostas foram feitas as adequações necessárias.

A pesquisadora optou em aplicar aos entrevistados questões que emergiram das respostas deles quando da aplicação do questionário e da entrevista.

Assim foram enviadas via google forms para 20 especialistas questões para que os entrevistados dissessem se eram aplicáveis ou não e fizessem as considerações necessárias.

Após o recebimento de 12 questionários, foram analisadas 20 questões e feitos gráficos com a solicitação para responderem se a questão era ou não aplicável e comentassem sobre a resposta. Apontando a importância desta tese para a interlocução no campo do conhecimento científico interdisciplinar, em conexão com os projetos socioeducativos e tecnológicos, no compartilhamento e disseminação do conhecimento.

3.2 ETAPAS DA PESQUISA

Abaixo, encontra-se o quadro do cronograma das etapas de pesquisa.

Quadro 3 – Cronograma

2020-2022	Jun- jul 2020	Ago- set 2020	Out- nov 2020	Dez- jan 2020- 2021	Fev- mar 2021	Abri- mai 2021	Jun- jul 2021	Ago- set 2021	Out- nov 2021	Dez- Mar 2021- 2022	Abri- Junh 2022	Julh- Ago 2022	Set- Out 2022	Nov- Dez 2022	Jan- Fev 2023	Març- Abr 2023	Mai 2023
Levantamento Bibliográfico	X	X															
Fichamento de textos	X	X															
Elaboração do sumário provisório	X	X															
Elaboração do Pré-teste	X	X															
Coleta de dados (aplicar o pré-teste, o teste), questionário, entrevista.			X	X	X	X	X	X	X	X							
Análise dos dados			X	X	X	X	X	X									
Escrita Acadêmica da interpretação dos dados			X	X	X	X	X	X	X	X	X	X					
Defesa																X	
Revisão da Escrita									X							X	X
Entrega do Texto final									X								X

Quadro desenvolvido pela autora.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Esta pesquisa qualitativa segue o eixo das pesquisas do Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPGEGC), sendo utilizado o método Delphi, com o intuito de obter a colaboração de especialistas mediante sua expertise. O método Delphi consiste na aplicação de questionário inicial para realização de um pré-teste, na seleção dos especialistas e, na sequência, consecutivas rodadas de questionários para obter a convergência com os objetivos da pesquisa. Os especialistas convidados a participar desta pesquisa foram intérpretes da UFSC/Letras Libras e intérpretes do IFSC/Bilíngue. Professores do campo da interpretação e/ou tradução da UFSC/Letras Libras e do IFSC/Bilíngue, sendo que dos vinte pré-testes enviados para os especialistas, sete deram o retorno com suas contribuições, na primeira etapa e quatro na segunda etapa de aplicação do Delphi. Foram apresentadas as questões da entrevista, que obtiveram sugestões referentes ao quadrinho a ser utilizado na pesquisa, tamanho da fonte.

Após as adequações realizadas no questionário, foram realizadas entrevistas on-line com doze intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Na segunda rodada foram enviados sete questionários aos especialistas e retornaram quatro questionários.

Nesse capítulo, é possível abranger os principais resultados encontrados na pesquisa no que tange à identificação da presença das metáforas na interpretação de Libras; a análise de como os intérpretes de Libras comunicam a intencionalidade no uso de metáforas que compõe os atos de fala; as dificuldades encontradas pelos intérpretes de Libras na transmissão da intencionalidade das metáforas nos atos de fala e o experimento da funcionalidade das análises junto a um grupo de especialistas. Os resultados apresentados foram os seguintes:

Perguntou-se aos intérpretes se já haviam interpretado histórias em quadrinhos e esses comentaram sobre a diversidade do público alvo, havendo interpretações acadêmicas nas disciplinas de graduação; em tradução de quadrinhos de língua vocal-auditiva escrita (português) para gestual-visual (Libras); em provas em processos seletivos, educação básica, do primeiro ao nono ano; para adultos; na central de Libras, na pastoral, com histórias bíblicas; na Fundação Catarinense de Educação Especial, no atendimento educacional especializado, na educação regular; em universidade na disciplina de português para pessoas surdas, diversos gêneros

textuais, como quadrinhos, quadros, cartas; aulas de artes em instituições de ensino, cujas possibilidades de interpretações metafóricas ocorrem também nas disciplinas de química, da física, da biologia e da interpretação em peça teatral superior.

Em suas práticas profissionais, os intérpretes corroboram com as afirmações (AUSTIN, 1990, p. 10), sobre a Teoria dos Atos de Fala, em que se menciona que a linguagem e o sujeito não estão desconectados, pois “a linguagem é uma prática social concreta e como tal deve ser analisada”, na qual o sujeito está imerso em diversas conexões com o mundo (AUSTIN, 1990, p. 10). As suas práticas, integradas com suas subjetividades e histórias de vidas que se entrelaçam. Assim no que se refere à sua escolha no modo de interpretar o quadrinho, os intérpretes mencionaram que

- optaram por realizar a leitura prévia do quadrinho, a marcação dos personagens e a busca da identificação com a personagem de forma geral;
 - a preocupação em manter a “equivalência de palavra, de sentido, de frase, mas que também é relevante considerar outras possibilidades na interpretação;
 - a ênfase à expressão sonora “schi” para transmitir de uma língua oral para uma língua visuoespacial e conseguir dar significado apontado no quadrinho.
- Eu fiquei pensando muito em como fazer, principalmente, a parte daquele schi”. Porque como que a gente transporta um elemento que é sonoro, mas ao mesmo tempo é cheio de significados e que é elemento não verbal.
- O schi foi ampliado para “uma expressão facial, pode ser uma expressão manual, pode ser um sinal equivalente. Pode ser uma expressão nossa, por exemplo.
 - Mas naquele contexto ali o que será? Considerou que poderia “ser uma coçadinha de cabeça.
 - o schi entrou como uma onomatopeia, mas não gera um ruído na leitura, mas ao mesmo tempo tem dado pano para manga para pensar em como fazer esse schi. Como é que eu vou fazer esse schi?
 - Em tão eu vi o schi ali e pensei como é que eu vou representar esse schi para aquela cultura.

Referiram-se à importância da antecipação do texto, do conteúdo e outros elementos no que tange as possibilidades do intérprete possa verificar quais são as melhores opções para ele naquele momento.

- Esse quadrinho ela não está solta. Ela tem um contexto, tem uma intencionalidade de quem colocou aquele material.

No que tange à leitura, a interpretação se modifica dependendo da variabilidade do tempo, do conhecimento, que o intérprete adquire ao logo do tempo, do momento em que é feita a interpretação.

- Cada hora você olha, você coloca foco em algo diferente. Isso está muito relacionado a nossa subjetividade. O que está te batendo naquele momento e que em outro você nem se deu conta. Então entender qual é a intencionalidade dessa função, dentro do contexto todo.

Os intérpretes em suas falas correlacionaram a aquisição do conhecimento com níveis cognitivos do sujeito e a inter-relação emocional no contexto das informações captadas e processadas na interpretação que compõem as percepções sociais e neurocognitivas que a eles chegam e que possibilitam “causar e sustentar pensamentos, experiências, ações, memória conscientes” sobre a diversidade de intencionalidade nas figuras de linguagem e das possibilidades de escolhas a serem usadas na interpretação (SEARLE, 2006, p. 341). O que foi confirmado pelos intérpretes quando explicitam que a afinidade do intérprete com o quadrinho pode ser considerada como facilitador para a interpretação.

Nessa perspectiva, a interpretação vocalizada, realizada em duas semanas na disciplina de Libras, objetivava a comunicação entre crianças surdas e crianças ouvintes possibilitou a conexão entre duas línguas de modalidades diferentes (visuoespacial e oral). No contexto de Libras para o português, foram utilizados quadrinhos da Mônica e da Mafalda, como professora surda, sinalizando em Libras e a interpretação foi realizada em português, permitindo que a comunicação entre línguas ocorresse por meio de modalidades diferentes, expandiu-se, assim, a percepção no campo da linguagem, ampliando a possibilidade de emergir conexões entre falantes de diferentes línguas e culturas.

A prática educacional em consonância com a Teoria dos Atos de Fala parte da percepção da consciência característica relativa à emergência de sistemas, que menciona que:

[a] existência da consciência pode ser explicada pelas interações causais entre elementos do cérebro no nível micro, mas a consciência em si não pode ser deduzida ou presumida a partir da mera estrutura física dos neurônios, sem alguma descrição adicional das relações causais entre eles (SEARLE, 2006, p. 162).

Outra prática interpretativa utilizada é o uso dos quadrinhos, no contexto de gênero textual para auxiliar na alfabetização e na interpretação de serviços on-line para adultos, como por exemplo a Central de Libras, que recebe uma diversidade de assuntos no campo da interpretação.

O uso da tecnologia em tempo real possibilita o compartilhamento do conhecimento de forma rápida e abrangente, atingindo vários coletivos na atualidade que se mantêm interligados de modo on-line e a temporalidade adquire outras proporcionalidades que permite aproximações de povos nos diferentes territórios do planeta, que trazem à cena da interpretação diferentes campos de subjetividades e de intencionalidades com suas “crenças, temores, esperanças e desejos” (SEARLE, 1995, p. 37).

Nessa perspectiva, a interpretação de quadrinhos na pastoral, com histórias bíblicas e o uso de metáforas é um dos desafios apresentados pelos intérpretes, pois o processo de interpretação solicita conhecer os tempos históricos e os costumes da antiguidade, também os sentidos das palavras para aqueles coletivos, naquele momento histórico, que são transportadas para os dias atuais e que precisam de tempo para estudar os sentidos explícitos e implícitos.

Estas dificuldades para a aquisição do conhecimento geram parcerias com outros intérpretes do mesmo campo de interpretação, para que as diferentes percepções das práticas interpretativas possam equacionar as dificuldades que emergem.

Desconhecer o público-alvo também influencia no modo de interpretação, das opções de como se comunicar e nos processos de tomada de decisão, se há pessoa surda que tenha domínio do uso da Libras para que seja possível optar pela interpretação literal ou se é preciso explicar com acréscimo linguístico ou simplificação do conteúdo.

Decisões que dependem da informação do nível do conhecimento linguístico da pessoa surda e que facilitam a comunicação entre línguas e que variam segundo o nível de conhecimento da pessoa surda, se optam pela interpretação literal para os que adquiriam Libras mais cedo e para aqueles que iniciaram a Libras mais tarde a interpretação seja feita no nível de conhecimento deles, na construção de mundo da pessoa surda com simplificação do conteúdo se for preciso para a compreensão da informação.

A interpretação em Libras possibilita que seja repassado pela comunicação à pessoa surda o efeito ilocucionário e a intencionalidade transportando significados e adentrando o campo do conhecimento abstrato (GRZANKOWSKI, 2018; MENDELOVICI, 2018).

Além dessas dificuldades, a escassez do tempo para ter a resolutividade das escolhas a fim de realizar a interpretação também foi considerado como um fator agravador para a qualidade da interpretação, que ocasiona dúvidas, pois questões como: Será que a resposta que eu dei foi o que o autor o queria passar? Eu não tenho como saber isso. Então como é que eu vou fazer? Como é que eu vou resolver a dúvida? É difícil deixar as dúvidas e na Libras é um desafio mesmo.

O que é um diferencial considerável do ambiente presencial, que possibilita “perceber as nuances de entendimento ou não”, podendo ter a adaptação da interpretação, a mudança do discurso. O intérprete tem o feedback no momento da interpretação. Além disso, também, mencionaram especificidades do processo de interpretação referentes a modificação da estrutura frasal para que o sentido contido na frase seja exposto. De que o tempo da interpretação é imediato; assim como, foi mencionado a importância da marcação dos personagens, da dificuldade de transmitir o conteúdo e de não obter o feedback das pessoas surdas durante a interpretação do quadrinho, por exemplo, não havia público durante a interpretação do quadrinho da Mafalda, logo não poderia haver referências sobre as expressões faciais e corporais do público-alvo (feedback o público).

Assim, uma das estratégias usadas pelos intérpretes para suprir a falta de interação e da ausência das expressões faciais do público é possibilitar que as informações fiquem acessíveis e a expressão facial repetida ao final: sabia que seria uma bobagem e no fim confirma que era mesmo uma bobagem. Fica explícito nas falas dos intérpretes que o processo de interpretação é carregado de sentidos dos sujeitos, que também em comum com a língua oral o uso da língua com especificidades regionais, sendo comentado pelos intérpretes os quais destacaram a diferenciação dos significados, por exemplo da palavra palavrão, contida no quadrinho e que em algumas regiões do país poderia ter a interpretação referente à pessoa que é político de modo implícito extrapolam a condição de verdadeiro ou falso, intrínsecos na intencionalidade.

Outra estratégia usada para que o processo de interpretação atinja o objetivo de transmissão é explicar ao público o cenário, junto à localização espacial, o que

possibilita que a metáfora seja compreendida como um modo de pensar, que carrega em si a percepção linguística, cultural, cognitiva dos sujeitos. Essa necessidade ocorre de maneira diversa e subjetiva, diferenciada entre os grupos e intergrupos e, embora ocorram em momentos e grupos diferentes, não são fragmentadas no sujeito, compreendendo esse como um todo, com seu corpo, seu cognitivo, suas relações socioculturais e interpessoais (SOUSA LYRA; MOGRABI; UNI EL-HANI, 2016, p. 88)

Nesse sentido, os intérpretes explicitam que o uso das letras do alfabeto não tem conexão com a palavra em Libras, pois não há necessariamente vinculação entre a letra e o sinal. O alfabeto manual em seu uso quando feito a datilologia ou a soletração manual “não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas em português” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88).

Assim como a palavra palavrão, causou a necessidade de estudo de como interpretar em Libras no contexto do quadrinho, considerando que a palavra palavrão não é feita em si e sim o que ocasiona o palavrão quando é dito e que foi optado por um dos intérpretes substituir a palavra ‘palavrão’ por sinal de referência negativa, sinal de ruim. Esta opção possibilitou a interpretação implícita do que estava dito no quadrinho e a escolha do intérprete em que a pessoa surda percebesse a intencionalidade.

A letra P e a palavra ‘palavrão’ ou ‘política’ fazem sentido no quadrinho ao leitor em português, em que há a conexão com a palavra ‘palavrão’ ou ‘política’, para a pessoa surda não teria sentido, pois os sinais não têm conexão com a letra P em Libras e não é previamente contextualizado os possíveis significados de palavrão, ou política, mas a Mafalda atribui o sentido de política como palavrão (intérprete entrevistado nesta pesquisa).

Destaca-se a importância de montar o cenário imaginário e imagético. Então para você colocar um personagem em cada lugar antes você vai ter que contextualizar o que é um palavrão, o que pode ser um palavrão. Os significados da palavra política que na totalidade não é palavrão. Os intérpretes mencionam que “o significado de palavrão poderia ser nome feio, aquelas coisas feias que a gente geralmente não fala. Por que que a política seria um palavrão? É preciso contextualizar, que a Mafalda estaria se referindo ao contexto atual da política” (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Desse modo, seria necessária a antecipação da intencionalidade das palavras no quadrinho, para que o significado de palavrão e política estejam vinculados com a expressão facial do intérprete. Por isso a perspectiva de antecipar os significados das palavras, montar cenário imaginário e imagético e explicar a inter-relação dos personagens com o todo no quadrinho, podem ser considerados a base para mostrar o quadrinho e conectar as informações anteriores, trazendo os significados e os sentidos, possibilitando o entendimento da linguagem a ser apresentada no quadrinho em que é necessário fazer a produção de material no imaginário, tem um trabalho de edição da tradução, de material para poder a pessoa surda visualizar junto a Libras “O quadrinho da Mafalda foi uma questão política e eu fiquei pensando no momento de a interpretação como fazer isso?” (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Além disso, é dito que se o público-alvo é infantojuvenil, é preciso trazer à ludicidade à cena da interpretação, que se faz necessário explicar a situação, detalhar o cenário para que a situação interpretada seja entendida, sendo destacado que o intérprete, quando na interpretação para crianças, precisa ficar atento para que na interpretação do seu ponto de vista, seus valores pessoais, a fim de que não interfira na transmissão do conhecimento, quando da ocorrência de contradição entre o que está sendo solicitado a interpretar.

Atenção esta que também é indispensável no que se refere às comorbidades que possa vir a ter a pessoa surda, como dificultador para a aquisição de conceitos e para a compreensão da linguagem. Assim como não manter a memória de longo termo e ocasionar dificuldade para memorizar o conteúdo em sua totalidade.

Nesse sentido, quando é realizada a opção de troca do sinal para a escolha de sinalizar no lugar de “vai sair um palavrão, por “vai sair besteira.” Não colocado no sentido de uma palavra comprida, mas levando a ideia de que aquele personagem no dia a dia não tem concordância com o que diz, quando o sinal de “política” é realizado no sentido de argumentação e sendo utilizado o sinal discutir, tal como: Vamos discutir sobre política, com o acréscimo do uso da região da boca (mouth), com o objetivo de passar a mensagem, para os diferentes níveis de público, pois com o uso da região da boca é possível pronunciar a palavra em língua oral, tornando-se um facilitar entre as línguas de modalidade diferentes, nota-se que os intérpretes indicam o cuidado com a singularidade do público-alvo. Do mesmo modo que se o público consistir em

acadêmicos a interpretação possa vir a ser direta, devido ao seu nível cognitivo e intelectual.

Cabe salientar que, também, foi mencionada a questão de comorbidades que possa vir a ter a pessoa surda, como dificultador para a aquisição de conceitos e entendimento das historinhas. Assim, como não manter a memória de longo termo e ocasionar dificuldade para memorizar a historinha de forma geral, sendo argumentado pelos intérpretes a necessidade do conhecimento prévio de quem é o público e no que se refere aos palestrantes ter a possibilidade de obter acesso ao assunto a ser proferido antes fazer uma conferência, uma palestra. O que facilitaria a estratégia para traduzir, interpretar a metáfora.

Algo que emerge por vezes nas falas dos intérpretes é a preocupação de que embora eles tenham conhecimento do modo como poderiam aprofundar a possibilidade de o público-alvo obter conhecimento, isso não ocorre pela maioria da interpretação ocorrer de forma direta, sem antecipação, o que pode provocar submergir ou modificar a intencionalidade no momento da interpretação e, por consequência, de a informação ter ruídos para o receptor. Situação enfatizada pelos intérpretes quando dizem, “que é necessário pegar a essência do que está ali, no agora e se você for um professor que estiver no teu contexto de aula, são várias aulas para toda aquela charge minúscula, dá bastante trabalho e muito conteúdo”. No entanto, na interpretação em Libras esse problema se agrava de forma crucial, pois para que ocorra a constituição do conhecimento, é necessário que o sujeito seja socializado, adentre a cultura e adquira os valores que dela fazem parte (NONAKA; TAKEUCHI, 2008, p. 69)

Nesse sentido, a linguagem exerce um papel fundamental no processo de constituição, distribuição e socialização, ou seja, de formação de conceitos e compartilhamento do conhecimento que desde a fase inicial estaria prejudicada no processo de interpretação.

Outra questão que os interprete enfatizaram é a de que há o terceiro personagem e que em Libras essa situação “requer que você tenha posicionamento ou então que você dirija a linguagem para que o pessoa surda consiga entender que ali você está falando de outra pessoa e há outra pessoa que está respondendo.”, que corrobora com (RIBAS, 2018, p. 129) que evidencia que “a construção temporal de uma estória se dá por meio do sequenciamento de imagens que recriam os cenários

da vida real, ou de fantasia, de forma que os espectadores possam compreender o todo a partir da sucessão temporal de imagens dinâmicas”.

Para tanto os intérpretes comentaram que a falta de espaço adequado interfere na interpretação e que a quadrinho não foi acessível pela ausência de intérprete de apoio, pois interpretação precisaria ser realizada em dupla, para que o posicionamento e a locação de movimento fossem realizados de modo adequado para ser repassado para o público a linguagem do quadrinho de forma mais acessível.

Nessa interpretação eu estava sentado e não tinha estúdio, eu pensei: bom eu vou fazer o papel da professora perguntando e aí faço uma mudança de repente de outro personagem. [...] Eu fiquei imaginando, construindo essa cena, mas talvez existam outras estratégias. Então eu senti um pouco de dificuldade nesse sentido de fazer esse posicionamento (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

No que se refere à questão, se a escolha da linguagem dos quadrinhos foi acessível ou não, os intérpretes comentaram que a interpretação de quadrinhos em provas é um dos principais desafios, por não ter acesso ao conteúdo antes do momento da interpretação e o tempo ser imediato e que a opção que eles têm é a de olhar no momento da interpretação da prova as questões seguintes para construir a tradução do texto que está sendo interpretado e que, às vezes, a palavra ou o sinal que o intérprete utiliza não tem o mesmo peso quanto para o receptor do texto, por não terem tempo de refletir. Embora a Mafalda e a Turma da Mônica sejam clássicos, os intérpretes precisam conversar sobre os quadrinhos, buscando a melhor estratégia para interpretação.

O que torna difícil o processo de resolução na interpretação em provas, pois seria complexo se comprometer com a escolha interpretativa na primeira leitura, sem o conhecimento das questões que virão. Comentam que pode ser dada uma entonação e que os enunciados seguintes podem ter outro ênfase.

Em consonância com Austin (1990), ao afirmar que a intencionalidade está enlaçada ao enunciado, à intenção e não ao controle do sujeito daquilo que está sendo dito, pois numa frase de aparência simples, pode ter variável de compreensão sobre o que está sendo dito, que escapa tanto ao controle daquele que a disse como daqueles que a escutam, por exemplo, mencionaram que palavra ‘palavrão’, causou necessidade de estudo de como interpretar em Libras no contexto do quadrinho, considerando que a palavra ‘palavrão’ não é feia e sim o que ocasiona o ‘palavrão’ quando é dito, e que foi optado por um dos intérpretes substituir a palavra ‘palavrão’

por sinal de referência negativa, sinal de ruim. Esta opção possibilitou a interpretação implícita do que estava dito no quadrinho e a escolha do intérprete em que a pessoa surda percebe a intencionalidade.

É preciso para a pessoa surda contextualizar, o que é um palavrão, o que é política porque eles conhecem um viés da política, mas para Mafalda ‘política’ significa um ‘palavrão’. Então, para você colocar um personagem em cada lugar antes você vai ter que contextualizar tudo o que é um palavrão; política, no contexto geral não é palavrão. Também contextualizar o significado de palavrão ali, porque é considerado nome feio, aquelas coisas feias que a gente geralmente não fala os nomes.

Contextualizar o porquê a política seria um palavrão, na atualidade, que para algumas pessoas a política não é uma coisa boa, para outras é, e para isso fazer parte da prática interpretativa, em sala de aula, o professor precisará disponibilizar tempo da aula para o intérprete fazer as complementações necessárias de várias aulas para explicar toda a metáfora, pois elas fazem parte da cultura que os coletivos vivem que “tem percepções culturais intrínsecas ao seu modo de vida e também pelo modo como emergem em suas relações familiares, institucionais e sociais entre outras, onde a maioria de seus contatos linguísticos ocorre em uma língua diferente da sua” (FLOR, 2016, p. 86). Os intérpretes fizeram referência à questão de nas metáforas poderem ter frases capacitistas, preconceituosas, que refletem o modo como os coletivos percebem por vezes as diferenças e de que é preciso perceber as várias camadas de discurso contidas nas metáforas. Outro ponto relevante é a questão do sentido da metáfora para as pessoas surdas que são fluentes em português que pode ser diverso das pessoas surdas que não são fluentes em português:

Que considera o uso do português sinalizado próximo a, por exemplo “se você vai viajar para Europa, você vai assistir alguma coisa lá. Você vai na Itália, você vai assistir algo, às vezes você não quer que seja traduzido. Você quer ter acesso naquela língua, porque a língua também é cultura. Então às vezes não se quer tradução, se quer saber como é que é naquela língua (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Se é falado para a pessoa surda: a situação está difícil, o assunto se encerra ali, porém, se é falado: foi para o brejo, a conversa precisa ser explicada. Mas no caso de pessoas surdas que conhecerem os significados das palavras, não é preciso ensinar nada para eles, também foi considerado como algo muito marcante o repertório cognitivo dos pessoa surdas.

A vaca foi para o brejo. Significa o que? Em português sinalizado seria: tinha vaca que está se afogando, há o repasse de informação, mas o uso do português sinalizado que seria feito no círculo íntimo de amigos (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Os intérpretes mencionaram que para a metáfora fazer sentido é necessário fazer parte da cultura das pessoas surdas, e que a metáfora da pele de pêssego: “Olha fulano tem uma pele que parece pêssego” e que trazer essa metáfora para a Libras tem um distanciamento, por não fazer parte do repertório das pessoas surdas, porém se falar para uma pessoa surda a metáfora “cara de pau”. “Ele já vai estar mais acostumado e para cultura dele é um cara de qualquer maneira, ele já tem um significado, um sentido.” Que a interpretação de poesia, música traz desafios para realização da interpretação, “porque a música para as pessoas surdas profundas não tem a balada, não tem o som e a poesia pela sua construção” (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

A questão de que se na interpretação de a metáfora deva ser adaptada ou transmitida causa divergência:

Tem gente que não gosta e vai bater na tecla de que a metáfora não deveria ser transmitida, que ela deveria ser adaptada. Eu acredito em dois pontos: acredito que ela pode ser adaptada, mas eu acredito também que ela deva ser transmitida, tentar explicar de repente com algum complemento se não for compreendida (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Nessa percepção de metáforas constituintes de subjetividades dos sujeitos foram citados charges, gírias, provérbios. Na metáfora ‘cada macaco no seu galho’, quais os significados constituintes.? Qual o significado para a pessoa surda? É preciso que seja transportado para o conhecimento sociocognitivo e cultural dela, para que ela tenha acesso à informação e possa compreender que

o significado e não é o macaco, não é o galho. Pode ser qualquer outra situação e é cada um tem as músicas lá cada um no seu quadrado é a mesma coisa de cada macaco no seu galho então você pode pegar todos vamos pegar Cada macaco no seu galho e pega cada um no seu quadrado e a gente pode encontrar outras frases diferentes com outros objetos mas o que significam a mesma coisa e ao contrário também acontece então e cada pessoa tem um repertório um conhecimento então eu posso olhar por exemplo essa capinha aqui do celular e eu posso dizer que ela é retangular, que ela vermelha, que ela abre, ela fecha, ela tem dois vazados e tal. Eu posso olhar desse jeito, mas se o teu repertório for diferente do meu você vai dizer que ela é brilhante, que ela tem um tom de vermelho escuro, que o vermelho é uma cor quente. Então vai depender muito do repertório que a gente tem para conceituar ou para colocar as características de um objeto (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Que a identificação da presença das metáforas, a partir da leitura em português, levam a uma construção cognitiva-imagética e “quando chegou lá na parte onde a Mafalda diz: tenho certeza de que aí vêm palavrão, se identifica que provavelmente vai ter uma metáfora e quando ele solta política, você tem que retornar lá no professor para ver a pergunta que ele fez e você retorna de novo ao quadrinho para poder compreender de novo o contexto” (intérprete entrevistado nesta pesquisa).

No que tange se a tinha foi acessível foi dito que a considerava um processo natural da língua, porém que na língua fonte seria um desafio o processo de tradução-Interpretação ao vivo, porque extrapola a questão “de reflexão tradução linguística, mas também cultural e se apresenta o grande desafio de conseguir atingir o valor cultural que tem essa metáfora na língua fonte, de não conseguir atingi-lo na língua alvo”.

Os intérpretes mencionaram que no que se refere à identificação das características das metáforas na comunicação, que é relevante a experiência pessoal vivida, o conhecimento prévio e que, em algumas situações, a interpretação ocorre de forma em e que é automática ou se percebe que houve alguma explicitação do que estava sendo dito. Também pelo estranhamento ao escutar a fala ou perceber que o público indicou não entender o que foi dito.

Isso não diz respeito só a diferentes línguas, mas também quando a gente conversa com pessoas em diferentes faixas etárias por exemplo. Por exemplo o bendito termo cringe que agora tá tão falado, dentro da nossa do nosso próprio contexto. Poxa, nós estamos falando em português, por mais que seja um empréstimo linguístico, mas assim, dentro da nossa própria língua a gente percebe que existem conceitos e coisas que fazem total sentido para um grupo e outro tem um estranhamento. Enfim isso está ligado extremamente a cultura, as experiências, ao próprio contato social. De coisas que são compartilhadas por um grupo e que não fazem sentido para outro (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Que não é necessariamente ruído na comunicação, mas é de um signo que ele não é aprendido pela outra pessoa, mas que já está posto e pode ser visto de tantas formas, pode ser uma referência ou referência a algo que não se tenha acesso, ou uma metáfora de algo cultural e que aquele signo já está posto.

Por exemplo, a palavra *pajubá*, que é língua utilizada pelas travestis. Poxa tem tanta subjetividade ali, tem tanta metáfora. Ah! porque a Elza Soares um dia foi num show e alguma coisa sumiu e, desde então dar a Elza significa roubar algo. Caramba, a gente ouve o signo, você ouve a frase da Elza, mas não faz o menor sentido para alguém que não faz parte desse contexto. Está sempre relacionado, eu acho que é isso, eu reconheço a metáfora quando gera estranhamento em quem é o receptor, no público-alvo e se percebe que

tem alguma referência ali que você não faz parte daquele grupo (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

É preciso pensar no público, talvez seja preciso complementar uma informação. O bom do presencial é poder olhar na face da criança e ver se a criança entendeu, se ela vai dar risadinha ou ela vai fazer uma cara de não entendi. Se ela não entende é feita a complementação para dar o sentido da parábola, se tem o feedback presencial, já se sabe se ela compreendeu não. No ensino a distância, no virtual, é mais complicado um pouquinho.

Que depende do repertório de cada um para conseguir observar essas metáforas de cada objeto, sendo que o objeto não precisa ser um objeto físico, pode ser um objeto pode ser um software que é inteligível. Depende o que está por trás de um aplicativo, tem toda uma linguagem de programação e alguém fez isso, mas só se enxerga a interface do usuário, não se enxerga o que está por trás. Depende de conversas com os professores, palestrantes que fornecem dicas sobre o que irão falar e, também, do repertório do intérprete.

Se o intérprete tiver pistas de sentido, essas possibilitaram produzir a interpretação com qualidade melhor:

na igreja, por exemplo, teve um padre que ele canta ele faz uma palestra com canto, foi conversado com o padre e repassado o repertório de músicas antes, o que possibilitou que as músicas ficassem acessíveis na interpretação. É importante preparar a interpretação para ficar profissional mesmo. Muito mais do que jogar um monte de sinais para o teu receptor (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

No que diz respeito as quais dificuldades que o intérprete de Libras identificou na transmissão da intencionalidade das metáforas nos atos de fala (diferenças culturais e linguísticas) durante a interpretação foi considerado que depende do público alvo, ou seja, se a pessoa foi ouvinte e tem conhecimento de expressões antigas utilizadas na época de infância, em que era ouvinte, mantendo a memória auditiva afetiva da infância quando era ouvinte ou de que outras pessoas surdas que não obtiveram a memória auditiva afetiva é preciso fazer a interpretação literal e depois explicar o significado, bem como de saber quem é o público-alvo ou se não domina a questão da metáfora. De não ter tempo para fazer a escolha mais elaborada para produção da alternativa para transmitir a expressão facial que a Mafalda mostrava para a palavra e que não a agradava. Assim a expressão da Mafalda indicou a opção do intérprete por palavra feia e que expressão facial indicasse como algo

negativo. Também a possibilidade pela omissão ou não na transmissão ao fazer a transmissão, tendo o conhecimento do público-alvo desde que não tenha prejuízo da informação para pessoa surda. Do mesmo modo que a questão da variação regional do sinal ao fazer a escolha do sinal:

Aí eu pensei na hora que se eu escolhi afinal eu falei assim: mas aqui para mim tem palavrão, mas para lá é o sinal de material. Agora será que quem for analisar vai pensar que o sinal é um palavrão ou vai entender que eu estou fazendo material? Que material se refere a material didático e tem a ver com palavrão? Nesse contexto, que ele está fazendo isso é uma variação cultural que muda para cá, para região norte da Região Sul por exemplo (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Que quando não se ter o material prévio uma das estratégias usadas é ter acesso a pessoa, conversar com ela, trocar ideias e conseguir obter informações sobre o seu modo de pensar e o vocabulário da pessoa, porque é preciso estudar estratégias interpretativas para alcançar o significado daquilo que o intérprete quer transmitir.

De que durante a interpretação o sinal usado não seja o do público-alvo. Foi mencionado que há alguns sinais em vários estados e isso pode interferir no entendimento da interpretação.

Porque já aconteceu de mandarem e-mail para entrar em contato com o setor da instituição dizendo que não estavam entendendo o sinal e quando a gente acha que realmente é um sinal muito regional a gente soletra bem devagar para a pessoa surda saber o que que é. Para que ele saiba qual é o sinal que se está usando. Então como instituição se está sempre pesquisando (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Por exemplo, a percepção da ambiguidade. “Palavrão, que tipo de palavrão é esse?” De que a construção de materiais utilizados no geral para as pessoas surdas não é feita por elas ou então a partir da perspectiva surda e isso pode ter influência na questão da interpretação, da linguagem e da identidade cultural.

De que irá depender muito de quem é o público e de que a principal dificuldade é quando o intérprete não tem repertório. Quando o intérprete não entende a metáfora e quando o intérprete não tem a referência.

Porque o ponto é: Se eu tive esse desconforto, se eu tive esse ruído, como é que eu vou passar ao que nem eu absorvi? Eu acho que é essa principal dificuldade. Como é que eu vou fazer? Já tem a pressão da interpretação como um todo, de buscar essa equivalência em dois, três segundos e ainda mais uma referência que eu não faço ideia. Eu acho que essas são as principais saias justas que acontecem (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

Outra dificuldade para a interpretação é quando na transmissão tem a ambiguidade e o sinal pode ter diversos significados ou, então, o sinal não atinge o que o intérprete queria transmitir. Por isso a necessidade do conhecimento profundo da Libras, de ter repertório cognitivo e linguístico que possibilite conhecer sinais similares. Os intérpretes destacam que a ausência do conhecimento de sinais fará a diferença para a recepção da informação, evidenciando a complexidade do uso de ambiguidade na metáfora, sendo necessário o conhecimento aprofundado da cultura das pessoas surdas e das metáforas na cultura surda seria mais direta. Assim como a improvisação, quando a fala sai do tema:

Muitas vezes essas metáforas não acontecem no discurso principal. Às vezes na solenidade de abertura alguém vai e fala alguma coisa, que está totalmente fora do roteiro que não é o foco central, mas só aquilo já te desestabiliza para a atuação toda. Aí gera um ruído que parece que o público já deixa de confiar no teu trabalho e nem se dá conta do nível de complexidade que poucos segundos tiveram para a atuação como um todo (intérprete entrevistado nesta pesquisa).

Destarte saber quem é o público, qual o objetivo é comiserado às chaves para interpretar com foco no público e na situação específica.

Assim como o tempo para entender a expressão faciais linguísticas da Mafalda: Como é que tá a expressão facial dela? Aquilo ali foi essa palavra que eu não gosto, que eu acho feia? Era uma coisa que não era do agrado dela pela expressão que ela estava fazendo. Então no nosso trabalho por conta da expressão ser muito importante na interpretação e é isso tem que se observar. Essa expressão ali que ela faz para poder fazer essa escolha, se ela estivesse sorrindo, gostando seria uma questão de eu interpretar, de ir para o lado positivo. Como ela estava fazendo uma expressão que não estava gostando e tal, então eu fiz a escolha que era uma palavra feia (intérprete entrevistado nesta pesquisa).

Outra dificuldade citada na transmissão quando o intérprete não sabe o público-alvo é de não saber também o que esse público sabe o tema da interpretação. Qual o conhecimento que teria sobre política?

“Será que eles têm conhecimento do que é política, das causas política? Eu pensei nesse público mais instruído, que tem mais conhecimento do que é política, sabe o que política causa. Ele tem o seu posicionamento político. Sabe que se o outro tem o posicionamento político diferente do dele vai ter atrito. Então eu pensei vou usar o sinal ruim. O que é ruim? Ele vai saber depois no próximo quadrinho. Que sinal ruim é esse? Ah, Política! Ele vai saber no próximo quadrinho que sinal ruim é esse. Aí automaticamente ele concluirá porque o sinal era ruim. Mas se for um público que não tem posicionamento político, como a gente chama? Analfabeto político, talvez ele não fosse entender o que quer dizer o quadrinho. Eu pensei no público-alvo” (INTÉRPRETE ENTREVISTADO NESTA PESQUISA).

As dificuldades na transmissão foram citadas no quadrinho estar na direcionada para o falante de português, de que é preciso fazer a transmissão para expressão facial, de criar a expectativa para que aconteça a situação de humor.

Aí a dificuldade também está aqui, em você deixar quando ela disse no segundo quadrinho: vai ver que ele vai falar que ele palavrão, cria uma expectativa. Aí é que está dá certo, que forma a expectativa e a resposta que vai em seguida para o humor dar certo.

Da utilização de equivalente,

Eu fiz a escolha por exemplo: palavrão de palavra feia e depois política. O interessante aqui que no caso de política por exemplo, você tem uma configuração de mão em “P” que é da letra inicial do da palavra política em português então interessante aí eu faço “P” primeiro e depois política.

De manter a marcação dos três personagens presentes no cenário de interpretação para que se mantivesse a interlocução entre personagens e o público. Estes dizeres dos intérpretes nas áreas do conhecimento estão em conexão com questões neurocognitivas e com conhecimento de mundo nos quais trazem à cena questões elaboradas que evidenciam a necessidade do estudo dos Atos de Fala e a Comunicação da Intencionalidade no uso de Metáforas na Interpretação da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Há um conhecimento que mantém em grande parte ainda encoberto quando se amplia a lente para a intencionalidade na teoria dos Atos de fala e a interpretação em Libras. Esta pesquisa visou contribuir com o conhecimento sobre o uso de metáforas em Libras pela perspectiva da Teoria dos Atos de Fala e sua utilização da transmissão comunicacional da intencionalidade no uso de metáforas.

4.1 DISCUSSÃO

Diante das assertivas que emergiram da entrevista aplicada, optou-se em encaminhar um rol de assertivas explicitadas pelos entrevistados. Foram para 20 entrevistados, dos quais 09 responderam ao questionário.

1 - Todos os entrevistados afirmaram que a antecipação do material contribui para que a interpretação seja mais precisa, porém na etapa 1 da entrevista foi explicitado que a antecipação de material, não é recorrente e que por vezes os intérpretes têm o primeiro contato com o material a ser interpretado durante a

interpretação. Agravando a questão foi mencionado que durante a interpretação são acrescidas falas, textos que não são previamente combinadas.

Os intérpretes expressam da importância do acesso antes ao material que será interpretado para que seja alcançado o objetivo da comunicação, daquilo que se pretende comunicar. Corroboram com (SOUSA; SCHIMITHAUSEN, 2019, p. 51) que comentam que a assimilação do conteúdo a ser interpretado de modo prévio, possibilita aos intérpretes ter conhecimento de diferentes representações do teor, sentidos e ideias a ser interpretado, o que representa ganhos para a interpretação seja na transferência da informação seja na opção do significado.

2 - A questão 2 se referiu a se o cenário imagético contribui para o entendimento cognitivo da pessoa surda. Todos os entrevistados afirmaram que cenário imagético contribui para o entendimento cognitivo da pessoa surda. O cenário imagético é mencionado pelos intérpretes como parte da construção cognitiva do sujeito para compreender o conteúdo que está sendo apresentado, assim a localização espacial a identificação dos personagens compõe o cenário e a comunicação entre línguas.

3 - O cenário imagético contribui para a percepção emocional da pessoa surda. Todos os entrevistados afirmaram que cenário imagético contribui para o entendimento cognitivo da pessoa surda. A contribuição do cenário imagético para a percepção emocional pode ser considerado um dos relevantes facilitadores para o entendimento das narrativas, trazendo os intérpretes nesta pesquisa a importância dos significados, crenças, valores, sensações, estarem em conexão com a compreensão das pessoas surdas para que interpretação adquira entendimento dentro da constituição de vida do sujeito enlaçada com a dos grupos que se relacionam, atingido o nível de satisfação comunicativo

4 - Na questão da importância da inter-relação dos personagens, 83,3% dos entrevistados apontaram com aplicável a interpretação, enquanto 16,7% consideraram não aplicável. Destaca-se que os personagens nas histórias em quadrinhos estão imersos de subjetividades e que a compreensão do que é dito, dos atos de fala que são enunciados, estão conectados com os sentidos, com os elementos extralinguísticos que contribuem na compreensão da linguagem dos quadrinhos.

5 - O feedback das pessoas surdas durante a interpretação influencia a interpretação. Os ruídos e escritas podem transmitir a veracidade ou a simulação, o

significado ou a intencionalidade daquilo que está sendo transmitido, que explicita a percepção da intencionalidade conferida a objetos e eventos no mundo na medida em que acontece as condições de satisfação.

6 - Quanto a questão de que o público-alvo influencia na interpretação os intérpretes responderam em sua maioria de que sim (91/7%) e (8,3%) que não. Os intérpretes apontam para que os Atos de Fala produzem intencionalidade que por sua vez ocasionam efeitos daquilo que foi produzido de forma eventual, mas que adquire outros.

7 - Na interpretação há um trabalho de tradução implícito para fazer a transmissão entre línguas. Os entrevistados mencionaram que a interpretação tem em si um trabalho implícito referente a singularidade de cada língua. Assim o mesmo ato de fala tem diferentes modo de ser expressado em diferentes línguas, conforme sua convenção.

8 - No que se refere ao processo de interpretação ser carregado de sentidos dos sujeitos. 75% dos entrevistados consideraram que sim e 25% que não. Ampliando a questão dos atos de fala para o campo da interpretação, pode-se fazer um paralelo com a proposição de (SEARLE, 2010, p. 248), no que tange as representações linguísticas, culturais, sociais que estão presentes e atuantes na interpretação e que o intérprete por sua vez transmite também pela sua construção de subjetividade, seja na opção de um sinal em detrimento de outro, de suprimir ou estender uma informação durante a interpretação

9 - No que tange a questão sobre de que as especificidades de sinais regionais têm diferenciação dos significados, o que influencia na interpretação, os intérpretes trazem à tona a questão da linguagem, que se dá na manifestação dos grupos sociais e suas práticas sociais estão conectadas com o que foi de forma intrínseca aprendido pelos sujeitos.

Ampliando a questão da linguagem para a variação de sinais e sua influência na prática interpretativa o sinal enquanto linguagem está conectado com a comunidade que o usa. Assim há sinais que podem ter configuração de mão igual, porém significado diferente. O sinal aprender e sábado tem a mesma configuração de mão, mas a localização é diferenciada.

Figura 4 – Sinais de configuração de mão igual



Assim a interpretação em Libras encontra desafios inerentes a linguagem como em outras línguas, achando significados, sentidos e modos de falar conforme o grupo que a usa.

10 - Na questão que se refere se o uso de que as letras do alfabeto não têm conexão com a palavra em Libras. Os intérpretes apontaram o uso da soletração para o aprendizado e destacaram que a soletração enquanto ferramenta de apoio. O que corrobora com a literatura que enfatiza que é comum soletrar nomes próprios, endereços. Também pode ocorrer a soletração no contato entre línguas e variação regional, que está correlacionada com o local em que a pessoa surda convive, com a idade surda, se jovem, adulto ou idoso.

11 - Na questão se a percepção da intencionalidade implícita na interpretação pode ser feita adaptação de sinal. Os intérpretes em sua maioria (75%) consideraram que para a percepção da intencionalidade implícita de sinal a adaptação do sinal pode ser feita adaptação de sinal. Corroborando com a teoria dos atos de fala no que se refere que a utilização da língua está conectada com as regras de uso da língua e que há adaptação é uma possibilidade de aproximar a transmissão entre as línguas.

12 - Na questão se a linguagem exerce papel fundamental no processo de constituição, distribuição e socialização, ou seja, de formação de conceitos e compartilhamento do conhecimento, 100% dos entrevistados concordaram que sim. Evidenciando que a transmissão do conhecimento no campo da linguagem está conectada com a imaginação do público-alvo, com seu imaginário e a função que exercem na vida social dos sujeitos, com a construção de sentidos entre nos grupos.

No que se refere a interpretação para pessoas surdas, há que se considerar que além das línguas terem modalidades diferentes (visual e oral), há implicações na constituição de grupos de relações culturais e sociais diferentes, cujas crenças e subjetividades estão implícitas no e há a sobreposição dominante do grupo majoritário

da língua oral sobre os usuários de língua visuoespacial em diferentes contextos, seja educacional, artísticos, entre outros.

13 - A intencionalidade está enlaçada ao enunciado, à intenção e não há o controle do intérprete do que está sendo dito. 50% dos intérpretes entrevistados concordaram, que não há o controle do que está sendo dito na interpretação, enquanto os outros 50% consideram que há influência do intérprete na tomada de decisão, sobre a escolha dos sinais para a interpretação. Nesta perspectiva o intérprete traz para interpretação aquilo que há de si, seus valores, sua constituição de mundo, que está conectada com a mensagem que está sendo dita.

14 - é preciso contextualizar os conceitos daquilo que será dito. Os entrevistados (75%) consideram que é preciso contextualizar os conceitos no processo de interpretação e entre suas explicitações elencaram a importância de conhecer o público-alvo, o enunciado para quem a interpretação ocorrerá. Também foi trazido há possibilidade de perda de conteúdo dependendo do evento e do público. A nomeação e os significados dos objetos, pessoas, sentimentos, contribuem para a formação de conceitos, valores das percepções dos sujeitos, dos coletivos e fazem parte do processo de alcance de consciência que está profundamente conectada com a sua subjetividade.

15 – O sentido da metáfora para as pessoas surdas que são fluentes em português pode ser diverso das pessoas surdas que não são fluentes em português 75% concordaram e 25% não. Assim na correlação entre palavras e sinais os intérpretes explicitam que a imersão de mundo de cada sujeito, o contato entre línguas emerge diferenças de entendimento do conteúdo.

16- Na questão referente se é preciso que seja transportado para o conhecimento sócio cognitivo e cultural da pessoa surda o significado da metáfora para que ela tenha acesso à informação e possa entender a metáfora (83,3%) consideram aplicável a afirmação e 16,7% não. Desse modo, o significado contido numa comunicação de uma sentença pode ser ambíguo, possuir ironia, ser uma sentença em que o sujeito expressa o que quer dizer. Assim a possibilidade de perceber os significados das sentenças está conectado com as informações e conhecimento do intérprete, o que contribui na passagem da mensagem do que o emissor deseja emitir.

17- Na questão sobre se a identificação das características das metáforas na comunicação está conectada com a experiência de conhecimento prévio, 91,7%

concordaram com assertiva enquanto 8,3% não. O que vem ao encontro do afirmado pela Teoria dos Atos de Fala, pois ao realizar a comunicação das sentenças, a condição de veracidade se dá ao alcançarem a satisfação do enunciado.

18 - Na questão sobre se a interpretação presencial possibilita a complementação daquilo que está sendo interpretado, conforme as expressões faciais e corporais do público-alvo, 91,7 % concordaram com assertiva e 8,3% não. Assim pode-se considerar que a associação as expressões faciais e os significados repassados que estão corroboram para a o alcance do nível e satisfação da interpretação.

19 - Na questão referente se o diálogo com os professores, palestrantes, fornecem informações facilitadoras para o intérprete. A totalidade dos entrevistados consideram aplicável a questão cujo afirmativa de que o diálogo com os professores, palestrantes, fornecem informações facilitadoras para o intérprete. Explicitando a importância do acesso à informação antecipada para o êxito da transmissão do conteúdo.

20 - A questão em questão sobre se é preciso considerar a variação regional ao fazer a escolha do sinal obteve 100% de concordância dos entrevistados. O que sinaliza para a vivacidade da língua em seu uso e da riqueza que é a variabilidade dos significados contidos nos sinais conforme a diversidade do grupo que a utiliza.

21 - Na questão que se refere se há dificuldade para a interpretação quando há a ambiguidade e o sinal pode não atingir o que o intérprete queira transmitir. 91,7 dos entrevistados concordaram, enquanto 8,3 % não concordam. Trazendo a cena a questão dos diferentes significados das metáforas no que tange entre o que é dito e o que está implícito naquilo que é dito.

22 - Na questão que se refere se é preciso criar a expectativa para que aconteça a situação de humor 66,7% dos entrevistados concordaram que é preciso criar a expectativa para que aconteça a situação de humor, enquanto 33,3 % não consideram relevante. Assim podemos considerar que é preciso alcançar a condição de satisfação na interlocução a que se propõe, para tanto necessita estar conectado com a cultura e conhecimento de mundo daqueles a que será explicitado.

5 CONCLUSÕES

Nesta pesquisa, a partir da Teoria dos Atos de Fala, buscou-se identificar como os intérpretes de Libras comunicam a intencionalidade no uso de metáforas que compõe os atos de fala. Para tanto foi abordada a questão das metáforas nos Atos de Fala, da pragmática e da Interpretação em Libras, das pessoas surdas e das representações cognitivas, a prática dos intérpretes de Libras e o uso de Metáforas, com ênfase no sujeito coletivo.

Para atender o objetivo da pesquisa de propor recomendações para os intérpretes de Libras na transmissão de metáforas na comunicação entre ouvintes e surdos, foram propostas as seguintes questões: identificar a presença de metáforas na comunicação; identificar as dificuldades encontradas pelos intérpretes de Libras na transmissão da intencionalidade das metáforas nos atos de fala dos ouvintes para as pessoas surdas; identificar as estratégias utilizadas pelos interpretes na transmissão das metáforas.

As proposições dos entrevistados foram submetidas à grupo de especialistas para verificação da sua aplicabilidade para atividade de interpretação e propor recomendações para os intérpretes de Libras na transmissão de metáforas na comunicação entre ouvintes e surdos.

No que se refere a identificar a presença de metáforas na comunicação os entrevistados indicaram a importância da prática, do contato com os grupos de falantes da língua de sinais para a identificação das metáforas, trazendo a relevância do dispositivo que possibilita perceber a intencionalidade estar conectado com as situações de satisfação do e que para interpretação de metáforas em língua de sinais foram considerados necessários esforços adicionais para ressaltar a intencionalidade.

No que se refere a identificar as dificuldades encontradas pelos intérpretes de Libras na transmissão da intencionalidade das metáforas nos atos de fala dos ouvintes para as pessoas surdas, foi ressaltado de que a transmissão da intencionalidade das metáforas exige esforço adicional para enfatizar a intencionalidade e que é necessário que o direcionamento da adequação seja uma representação de satisfação.

A pesquisa apontou que as dificuldades estão conectadas com a diversidade de ambientes, os campos de interpretação e os contextos intrassociais e interacionais,

se as interpretações são comunitárias, de conferência ou se acontecem em ambientes educacionais.

A questão da temporalidade do assunto a ser interpretado e os sentidos explícitos e implícitos na interpretação. O desconhecimento do público-alvo e a influência na interpretação, a escolha de como se comunicar a informação e os processos de tomada de decisão, se pela interpretação literal ou se é preciso fazer acréscimos linguísticos ou simplificar o conteúdo.

Outro ponto apresentado no que se refere as dificuldades foi se a interpretação é presencial ou on-line, o nível do conhecimento linguístico da pessoa surda, a escassez do tempo para ter a resolutividade das escolhas, a marcação dos personagens, a transmissão do conteúdo, a não obtenção de feedback das pessoas surdas e ausências das expressões faciais e corporais do público alvo nas interpretações on-line, a marcação dos personagens, a transmissão do conteúdo, a não obtenção de feedback das pessoas surdas e ausências das expressões faciais e corporais do público alvo nas interpretações on-line.

As especificidades regionais e a diferenciação dos significados, bem como, a importância da antecipação da intencionalidade, a montagem cenário imaginário e imagético, a inter-relação dos personagens e a conexão com as informações anteriores, o não ter o material prévio ou de que os materiais utilizados por não serem feitos por pessoas surdas e não possuírem a identidade cultural da comunidade surda tenha influência na interpretação. Assim como as situações de humor, ironia, ambiguidade são desafios para a passagem de conteúdos e sentidos na interpretação.

No que se refere a identificar as estratégias utilizadas pelos intérpretes na transmissão das metáforas, foi apontado na pesquisa uma das estratégias usadas para suprir a falta de interação e da ausência das expressões faciais do público é possibilitar que as informações fiquem acessíveis e a expressão facial repetida ao final.

Outra estratégia usada para que o processo de interpretação atinja o objetivo de transmissão é explicar ao público o cenário, junto à localização espacial, o que possibilita que a metáfora seja compreendida como um modo de pensar, que carrega em si a percepção linguística, cultural, cognitiva dos sujeitos.

A possibilidade de ter acesso àquele que será interpretado é uma das estratégias usadas para que seja conseguido obter informações subjetivas que possam contribuir com o repertório para a interpretação ou ter informações prévias do

público-alvo e a transmissão do conteúdo a ser interpretado também e forma antecipada.

As questões elencadas dialogam diretamente com a Teoria dos Atos de Fala, seja pela questão da linguagem, da pragmática, seja pelas explicitações sobre como os intérpretes enfrentam os desafios de línguas de modalidades diferentes que fazem parte de construções de mundo interligadas, porém com singularidades próprias.

Foi alcançado o objetivo desta pesquisa referente a propor a transmissão das metáforas feitas pelos intérpretes na comunicação entre ouvintes e surdos, possibilitando ampliar a base teórica de Austin, uma vez que a teoria dos Atos de Fala não faz menção as línguas de sinais e por conseguinte a interpretação segundo esta perspectiva teórica

Para futuras pesquisas foram elencadas as seguintes possibilidades de pesquisa sobre os Atos de Fala e a intencionalidade no uso de metáforas na interpretação da Língua Brasileira de Sinais – Libras: a intencionalidade dos atos de fala o estudo de charges, gírias, provérbios, linguagem regional, literatura religiosa, materiais educacionais digitais como facilitador da comunicação. Os Atos de Fala na corporeidade do intérprete para efetivar a comunicação, na linguagem abstrata, na modalidade visual, na inovação de artefatos da interpretação na educação a distância que viabilizem a comunicação da intencionalidade no uso de Metáforas na Interpretação da Língua Brasileira de Sinais – Libras, a diversidade de ambiente os campos e possíveis influências na de interpretação, os contextos intrassociais e interacionais e as interpretações são comunitárias, de conferência ou educacionais. A questão da temporalidade do assunto a ser interpretado e os sentidos explícitos e implícitos na interpretação. O desconhecimento do público-alvo e a influência na interpretação; a escolha de como se comunicar a informação e os processos de tomada de decisão; se pela interpretação literal ou se é preciso fazer acréscimos linguísticos ou simplificar o conteúdo; dificuldades da interpretação no contexto presencial ou on-line; o nível do conhecimento linguístico da pessoa surda; a escassez do tempo para ter a resolutividade das escolhas; a marcação dos personagens; a transmissão do conteúdo; a não obtenção de feedback das pessoas surdas e ausências das expressões faciais e corporais do público alvo nas interpretações on-line; a marcação dos personagens e a transmissão do conteúdo; a não obtenção de feedback das pessoas surdas e ausências das expressões faciais e corporais do público alvo e implicações na interpretação on-line. As especificidades regionais e a

diferenciação dos significados; a importância da antecipação da intencionalidade; a importância da montagem cenário imaginário e imagético; a inter-relação dos personagens e a conexão com informações antecipadas; a influência da ausência de material prévio na interpretação; a influência na interpretação do uso de materiais feitos por pessoas surdas, a influência na interpretação do uso de materiais feitos por pessoas ouvintes; a influência dos valores culturais da comunidade surda na interpretação. Estudos no campo do humor, ironia, ambiguidade, charges, gírias, provérbios, linguagem regional, literatura religiosa, materiais educacionais digitais como facilitador da comunicação. Os atos de fala na corporeidade do intérprete para efetivar a comunicação, na linguagem abstrata, na modalidade visual, na inovação de artefatos da interpretação na educação a distância que viabilizem a comunicação da intencionalidade no uso de Metáforas na Interpretação da Língua Brasileira de Sinais – Libras na interpretação em língua de sinais e intencionalidade nos Atos de Fala. Estudos referentes à prática interpretativa, à acessibilidade do quadrinho, à identificação da presença de metáforas na comunicação, à identificação das características das metáforas na comunicação na interpretação em língua de sinais e os Atos de Fala.

Assim esta tese amplia os estudos referentes a Teoria dos Atos de Fala e possibilita a abertura de várias pesquisas no que tange Os Atos de Fala e a Comunicação da Intencionalidade no uso de Metáforas na Interpretação da Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Enfatiza-se que a transmissão do conhecimento no campo da linguagem está conectada com a imaginação do público-alvo, com seu imaginário e a função que exercem na vida social dos sujeitos, com a construção de sentidos entre os grupos.

No que se refere à interpretação para pessoas surdas, há que se considerar também que as línguas têm modalidades diferentes (visual e oral), as implicações na constituição de grupos culturais e sociais diferentes, cujo “os valores, as crenças, os símbolos, os modos de agir e de pensar” estão implícitos no “sistema socialmente instituído e em transformação”, em que há a sobreposição dominante das pessoas ouvintes que usam a língua oral.

Outrossim a pesquisa aponta que os estudos interdisciplinares contribuem de modo relevante para a aproximação dos conhecimentos que envolvem a intencionalidade nos atos de fala, a interpretação e as pessoas surdas.

A pesquisa embora tenha se embrenhado na importância do estudo dos atos de fala e a intencionalidade no que tange ao uso de metáforas na interpretação em Língua Brasileira de Sinais e tenha apontado possibilidades de modos de interpretação trazidas pelos entrevistados, apontando para urgência da participação equitativa das pessoas surdas nos diversos coletivos, ainda é embrionária diante da gama de estudos que poderão vir a ser aprofundados neste campo.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, A. M. Da vida e outras viagens - A relevância das metáforas conceituais na abordagem de uma língua estrangeira. **Mathesis**, n. 10, p.319-332, 2011.
- ALMENARA, J. C.; MORO, A. I. Empleo del método delphi y su empleo en la investigación en comunicación y educación. **Revista Electrónica de Tecnología Educativa**, Ilhas Baleares, n. 48, p.1-16, jun. 2014.
- ARAGÃO, T.A. 2018, Tese: **Escuta, gravação, plataforma web: fazer mapa sonoro como conjunto de práticas de mídia**. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Disponível em <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7112?show=full> Acesso em 08 de outubro de 2020.
- AUSTIN, John L. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: **Artes Médicas**, 1990. 211p.
- AUSTIN, John. L. **How to do things with words**. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1976.
- BATISTA, A.D. **SISTEMÁTICA PARA ADOÇÃO DE OBSERVATÓRIOS TECNOLÓGICOS DE CONHECIMENTO COMO PRÁTICAS DE GESTÃO DO CONHECIMENTO ORGANIZACIONAL**, 2019, p. 34, 35. Dissertação de Mestrado Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina.
- CAMPOS, A.R.F. **Revistax**, v. 1, 2013, 52- Semântica cognitiva- as metáforas e a educação imaginativa
- CAPOVILLA, F.C.; TEMOTEO, J.G. **A importância do novo Deit-Libras para a educação bilíngue da criança surda**. Filietaz, R.P.; Witkoski, S.A. (org.). Educação de surdos em debate. 1. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2014, p.103.
- CARDOSO, C.; MENGRADA, E. J.. Os atos de fala e intencionalidades comunicativas em quadrinhos da Mafalda. In: **XII Congresso de Ciências da Comunicação**, 2011, Londrina, 2011. Anais... Londrina, 2011, p. 8.
- CARDOSO, E.C. A INTERFACE PROSÓDIA/PRAGMÁTICA NAS EXPRESSÕES FACIAIS DAS EMOÇÕES DOS SURDOS. ABAETETUBA/PA, 2018.
- CASTELLS,M. Comunicación y poder. A COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL. Madrid: **Alianza Editorial**, 2009.
- CORRIZZATO, S. Foreign language acquisition in the case of d/Deaf learners: conceptualising compliments through original subtitles. <https://doi.org/10.13136/2281-4582/2013.i1.528> Journal volume & issue Vol. 0, no. 1
- CRESWELL, J.W. **Projeto e Pesquisa**. Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2007, 2ª.ed. Artmed. Porto Alegre/RS

CULPANI, A. **Filosofia da Tecnologia**: Um convite. 3 ed. Florianópolis: editora UFSC, 2016.

DUARTE, B.M.L. **Estudos sobre linguagem e Filosofia da Mente segundo John Searle**. 2014 Vol. 7, nº 1 (consulta na internet em 10/11/2019)
<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/FILOGENESE/6brunaduarte.pdf>

DUARTE, R. PESQUISA QUALITATIVA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO - Cadernos de Pesquisa, n. 115, mp. março/ 2002, PUC, RJ, 2002, p.146, 147

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think - Conceptual Blending and the mind"s hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FERREIRA, T. R. C. **A presença da força performativa da Teoria dos Atos de Fala no Decreto Executivo Governamental Brasileiro**
https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/1323/1/TCC_PresencaForcaPerformativa.pdf

FIORIN, J.L. **Introdução à linguística II**: Princípios de análise. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FLOR, C.S. **Recomendações para a criação de pistas proximais de navegação em websites voltadas para surdos pré-linguísticos**, Florianópolis, SC, 2016.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**- 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.p.175

GOMES, E.A. Universidade Federal de Santa Catarina Conferências como âmbito de atuação de intérpretes de Libras-Língua Portuguesa do Brasil: o que se tem produzido a respeito? **Revistas USP**. Disponível em
<https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/153601> 2019, 125, 126, 127
 Acesso em 26 de novembro de 2020

GRZANKOWSKI, A. & MONTAGUE, M. **Non-Propositional Intentionality**. Oxford University Press. 2018.

GRZANKOWSKI, A. (2018). A relational theory of non-propositional attitudes. In GRZANKOWSKI, A. & MONTAGUE, M. (eds.), **Non-Propositional Intentionality**. Oxford University Press.

GONÇALVES, L.S. Percursos Linguísticos. Vitória (ES). **TEXTOS DE HUMOR SOB A ÉGIDE DOS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**, 2016, p.13.14.

HANNA, N; RICHARDS, D. **Article Speech Act Theory as an Evaluation Tool for Human-Agent Communication Department of Computing**, Macquarie University, North Ryde, NSW 2109, 1. Disponível em <file:///E:/Speech%20Act%20Theory%20as%20an%20Evaluation%20Tool%20for%20Human%E2%80%93Agent%20Communication.pdf> Acesso em : 29 de novembro de 2019

HEREK, M; COLLA, J.E.; PIRANI. S.L., **Criação do conhecimento por meio do modelo de Nonaka para a pequena empresa: estudo de caso da Empresa Jumoser**. 2008, <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEO428.pdf>

LAKOFF, G.; JOHNSEN, M. **Metaphors we live by**. London: The University of Chicago Press, 2003. REVISTA X, VOLUME 1, 2013, p. 61

LEMGRUBER, M., Ferreira, G. **Metáforas Fundamentais da Tecnologia Educacional**. Universidade Estácio de Sá – UNESA. Consulta a internet em 07.03.2019 <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20012>

KEMPINSKA, O. D.G. **A função emotiva em perspectiva intercultural**. Galaxia (São Paulo, Online), n. 27, p. 202-213, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014115549>.

LYRA, Carlos Eduardo de Sousa; MOGRABI, Gabriel José Corrêa; EL-HANI, Charbel Niño. **O Naturalismo Biológico de Searle e a Relação Mente-cérebro**. Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 32, n. 1, p. 7-15, mar. 2016 Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 01 maio 2020. <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012465007015>

LUDKE, M & ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, A.B; FIALHO, F.A. **as quatro dimensões do conhecimento: cognitivista, conexionista, autopoético e integral - Avançando na compreensão sobre a aprendizagem**. Revista da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações, v. 14, n. 2, p. 589-601, ago./dez. 2016, p. 2016. Aceso on-line em 22/08/2019.

MACHADO. P. C. **A política de integração/inclusão e a aprendizagem dos surdos: Um Olhar do Egresso Surdo sobre a Escola Regular**, 2002, p.29. Acesso online em 22/09/2019 (A57NCC/1/tcc_gest_o_estrat_gica_da_informa__o_sandro_antonino_machado__rocha_2015_niteg.pdf)

MARCONI, M.A, LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. ed. - São Paulo: Atlas. 2002.

MARTELOTTA; WILSON Martelotta, M.E. (org.). (2008). **Manual de Linguística**. 1a Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto. 2008, p.18, 89, 223

MAXWELL, J. A. Designing a qualitative study. In: BICKMAN, L; ROG, D. (Ed.) **Handbook of Applied Social Research Methods**. Thousand Oaks CA: Sage, 2008. p. 221-224.

MCCLEARY, L. 2009 Sociolinguística/Ufsc
http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sociolinguistica/assets/547/TEXTO-BASE_Sociolinguistica.pdf

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. (USP). **Semântica e Pragmática**./ufsc 2008
http://www.Libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/semanticaEPragmatica/assets/722/Texto_base_Semantica-Final_2_dez_2008.pdf

MEHRI A, Nili-Pour R. **Comparison of Pragmatic Competence and Performance in Two Groups of Deaf and Normal Students**. jrehab. 2006; 7 (3) Disponível em URL: <http://rehabilitationj.uswr.ac.ir/article-1-37-en.html>
 Therapy, School of Rehabilitation, Tehran University of Medical Sciences, Tehran, Iran. , E-mail: Azar-mehri@yahoo.com

MENDELOVICI, A. (2018). **Propositionalism without propositions, objectualism without objects**. In Alex Grzankowski & Michelle Montague (eds.), Non-Propositional Intentionality. Oxford, UK: Oxford, UK. pp. 214-233

MOREIRA, R.R. **FILOSOFIA DA LINGUAGEM: A INTENCIONALIDADE EM AUSTIN E SEARLE PHILOSOPHY OF LANGUAGE: THE CONCEPTION OF INTENTIONALITY IN AUSTIN AND SEALE**. Revista Entrelinhas – Vol. 6, n. 1 (jan./jun. 2012) ISSN 1806 9509

MOREIRA, S.A.R. **Intencionalidade e Linguagem (II): Algumas Considerações sobre Tomasello, Searle e Dennett**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Out-Dez 2015, Vol. 31 n. 4, pp. 451-459 <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015042250451459>. Consulta a internet em 05.03.2019 6, 9, 10, 11, 12 13
<http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/viewFile/2458/1032>

NAKAGAWA, H.E.I **Culturas surdas: o que se vê, o que se ouve**. MESTRADO EM CULTURA E COMUNICAÇÃO, UFSC 2012

NONAKA E TAKEUCHI. **Gestão do Conhecimento**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

OBREGON, R.F.A. **O padrão arquetípico da Alteridade e o compartilhamento de conhecimento em Ambiente Virtual de Aprendizagem Inclusivo** [tese] / Rosane de Fatima Antunes Obregon ; orientador, Tarcisio Vanzin. - Florianópolis, SC, 2011. 208 p.: il., quadros

OTTONI, P. **John langshaw austin e a visão performativa da linguagem**. DELTA vol.18 no.1 São Paulo 2002. RETROSPECTIVA / RETROSPECTIVE. Acesso a internet em 22/09/2019.
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502002000100005

PERLIN, G. E STROBEL, K. **Fundamentos Da Educação De Surdos**. FLORIANÓPOLIS, 2006.

QUADROS, R.M.(ORG), Silva. V; **As Representações Sem Ser Surdo No Contexto Da Educação Bilingue**. 2008. P; 86. Petrópolis, RJ: Ed. Arara Azul

QUADROS, R. M.; FINGER, I. **Teorias de aquisição da linguagem**. 2. ed. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2013, p.48.

SOUZA, R.P.L, **Mídia do conhecimento** [recurso eletrônico] : ideias sobre mediação e autonomia / Richard Perassi Luiz de Sousa. – 1. ed. - Dados eletrônicos. - Florianópolis: SIGMO/UFSC, 2019.

RIBAS, A. C. **Diretrizes Para Desenvolvimento De Ícones Digitais Acessíveis Ao Público Surdo** / Armando Cardoso Ribas ; orientador, Tarcísio Vanzin , coorientadora, Luciane Fadel, 2018.

ROCHA, S.A.M, 2015. **Práticas De Compartilhamento Do Conhecimento Com Novos Funcionários De Uma Empresa De Software De Belo Horizonte** <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD->

RONCARELLI, D. **ÁGORA**: concepção e organização de uma taxionomia para análise e avaliação de Objetos Digitais de Ensino-Aprendizagem - Florianópolis, 2012 (<http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2012/11/TESE-RONCARELLI-2012-VFF.pdf>)

SAEED, J. **Semantics**. 2. Ed. Massachusetts, USA: Blackwell, 2009.

SANTOS, P.M.; ZANCANARO, A; NAKAYAMA, M.K. **Pesquisas Qualitativas Em Engenharia E Gestão Do Conhecimento**: Uma Revisão Sistemática. 2015, 212. UFSC, SC. Acesso on line em 22/04/2017. <http://www.uel.br/revistas/informacao/>

SEARLE, J. R. **A redescoberta da mente** (E. P. e Ferreira, trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1992), 2006.

SEARLE, J. R. **Consciência e linguagem**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SEARLE, J. R. **Expressão e significado**: estudos das teorias dos Atos de Fala. 2ª. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SEARLE, J. **Intentionality**: An Essay in the Philosophy of Mind, Cambridge: Cambridge University Press. 1983.

SEARLE, J. **Making the Social World**: The Structure of Human Civilization Oxford University Press UK, 2010.

SEARLE, J. R. **Os Actos de Fala**: um estudo de filosofia da linguagem. Coimbra: Almedina, 1981.

SEARLE, J (1969) **Speech Acts**: An Essay in the Philosophy of Language, Cambridge: Cambridge University Press

SILVA JUNIOR, D.R.C. **Metáfora Em Libras**: Um Estudo De Léxico, 2018, p. 55) –
Dissertação de Mestrado /UFSC.

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/193776/PLLG0729-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>

SOSSA, J. W. Z. et al. **El método delphi modificado**: Un acercamiento desde la metodología de sistemas suaves. *Espacios*, Caracas, v. 36, n. 17, p.1-11, 2015.

SOUZA, M.A.V.F., SOUZA, S, F. **Enunciados verbais de problemas de matemática e representações mentais**: uma discussão. 2016.

<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/5933/5435>

STROBEL, k. **História da educação de surdos**. Florianópolis, 2009 Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em Letras-LIBRAS na modalidade a distância.

TEBEROSKY, A. **Linguagem e Emoções**. Evidências empíricas a partir das investigações atuais. Barcelona, 2016 Acesso on-line:94 de maio de 2019.

TRIERVEILER, H. & SELL, D. & PACHECO, R.- **A importância do conhecimento organizacional para o processo de inovação no modelo de negócio**. *Navus - Revista de Gestão e Tecnologia*. 113-126. 10.22279/navus.2015.v5n1.p113-126.240. 2015.

UZAI JUNIOR, P. **A relação mente-corpo em John Searle**. Marília, 2016. – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências.

VEREZA, S.C. **O Lócus Da Metáfora**: Linguagem, Pensamento E Discurso *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição* no 41, p. 199-212, 2010.

WITTGENSTEIN L (1922) **Tractatus Logico-Philosophicus**. London: Routledge and Kegan Paul. (Originally published as ‘Logisch-Philosophische Abhandlung’, *Annalen der Naturphilosophische* 14(3/4), 1921.).

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE)



Universidade Federal De Santa Catarina Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento APÊNDICE D – TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) Universidade Federal De Santa Catarina Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Especialistas Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada “Recomendações para Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais – Libras, referente ao uso da Intencionalidade em Metáforas nos Atos de Fala”, que diz respeito ao projeto de tese da doutoranda Nanci Cecília de Oliveira Veras, do Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC), cujo objetivo principal é propor cujo objetivo principal é propor recomendações para intérpretes de Língua Brasileira de Sinais – Libras referentes à comunicação da intencionalidade no uso de metáforas que compõe os atos de fala. Esta etapa da pesquisa compreende à última fase, que pretende experimentar a funcionalidade das recomendações junto a um grupo de especialistas. O procedimento optado será o Método Delphi, que incide na aplicação de uma bateria de questionários, no intuito de obter concordância entre um grupo de especialistas. Assim, você receberá uma sucessão de questionários, via e-mail, cujo número será determinado pelo nível de conformidade entre as respostas. Justificativas da pesquisa: Essa pesquisa se justifica porque devido à ausência identificada, na proposta de Austin e Searle, na Teoria dos Atos de Fala, pois embora os autores não tenham realizado estudos referentes às línguas de modalidade visual ou que tenham abrangido a comunicação específica das pessoas surdas, que tem os interpretes como aqueles que comunicam o conhecimento entre línguas, permite que se avance nos estudos da compreensão da linguagem abstrata pelas pessoas surdas, pois quando se analisa a intencionalidade contidas nos atos de fala, há possibilidade de se por meio da língua visoespacial – Libras, cujo interpretes como aqueles que comunicam o conhecimento entre línguas. A pesquisa também permite a ampliação no campo de estudos referente a interdisciplinaridade na educação de pessoas surdas e a possibilidade de aprofundamento na perspectiva da filosofia analítica e compartilhamento de conhecimento, aferida na Teoria dos Atos de Fala. A pesquisa trará conteúdos que facilitarão o desenvolvimento de ferramentais tecnológicas educativas que diminuam a lacuna entre as culturas surda e ouvinte, fator este ainda gerador de dificuldades de inclusão. Riscos da Pesquisa: pesquisas que abrangem a seres humanos trazem riscos aos participantes, havendo variabilidade de grau. Riscos mais frequentes no que se refere a este tipo de pesquisas estão relacionados ao sigilo, ao uso de imagens, a fadiga ao efetivar as tarefas, entre outros. Para cada público-alvo que fará parte da pesquisa (intérpretes, surdos e especialistas) foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) a serem recolhidas as assinaturas. Para garantir o sigilo e o anonimato dos integrantes da pesquisa, nenhuma imagem das entrevistas ou dos testes será reproduzida no trabalho e os nomes dos participantes também serão omitidos. No intuito de tornar mínimo os riscos com o cansaço ou constrangimento, você estará livre para não responder alguma das questões e realizar pausas durante

os questionários. Para prevenir o desconforto e extravio do material de gravações de áudio ou vídeo, que possa ocasionar quebra de sigilo, o material será armazenado em dispositivos de uso pessoal da pesquisadora ou em local protegido com senha. Os questionários serão encaminhados e respondidos por e-mail. As entrevistas acontecerão da seguinte forma: As perguntas das entrevistas serão encaminhadas previamente por e-mail. As entrevistas serão on-line, serão gravadas via Skype, podendo ter o auxílio de intérprete. Dúvidas serão encaminhadas e respondidas por e-mail, Skype ou WhatsApp. Benefícios da Pesquisa: Ganhos teóricos e práticos para a sociedade em geral, para a população surda e no campo científico a possibilidade de contribuição no que tange ao conhecimento, acesso outros desdobramentos no campo de estudos, possibilitando melhoria na qualidade de vida desta população e bem-estar social. Esclarecimentos e acompanhamento da pesquisa: Durante a realização das entrevistas o entrevistado será acompanhado via Skype ou WhatsApp pela pesquisadora responsável. O entrevistado tem o direito de auferir elucidações e respostas a quaisquer dúvidas sobre procedimentos, riscos, benefícios ou outro, durante e posteriormente a pesquisa, inclusive informações sobre os resultados se for de seu interesse, bastando entrar em contato com a pesquisadora responsável (Nanci Cecília de Oliveira Veras). Desistência: Os participantes têm garantido o direito a desistir de participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalidade alguma, bastando entrar em contato por e-mail (psinanciveras@gmail.com) ou telefone (48 999246886) com a pesquisadora Nanci Cecília de Oliveira Veras; Assistência: O participante poderá solicitar o reembolso de qualquer ônus decorrente da pesquisa, tais como transporte etc., entretanto não terá qualquer compensação financeira por sua participação. Indenização: Caso o participante tenha algum prejuízo material ou imaterial em decorrência da pesquisa poderá solicitar indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente consubstanciada. Sigilo e anonimato: O entrevistado tem garantido o sigilo e anonimato, assegurando a privacidade dos dados confidenciais, de maneira que a utilização das informações fornecidas não ocasione prejuízo ao entrevistado. Publicação da Pesquisa: Os resultados da pesquisa poderão tornar-se públicos, seja por meio de relatórios, artigos, apresentações em eventos científicos ou publicação de outra natureza. Em todos os meios, no entanto, será mantido o sigilo e a confidencialidade dos dados de identificação do participante da pesquisa

Dados do Pesquisador Responsável pelo Projeto de Pesquisa: Nome completo: Nanci Cecília de Oliveira Veras Doc. de Identificação: 1765369 Endereço completo: R. Antonieta de Barros, 894- e-mail: psinanciveras@gmail.com Telefones: 48. 999246886 Orientador: Tarcisio Vanzin e-mail do orientador: tvanzin@gmail.com Telefone do orientador: 48. 999805682 Dúvidas sobre ética em pesquisa na UFSC: O entrevistado pode obter esclarecimento com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina – CEP/UFSC, por meio do telefone (48) 3721 6094 ou no endereço: Universidade Federal de Santa Catarina – Pró-Reitoria de Pesquisa – Prédio Reitoria II (R: Desembargador Vitor Lima, no 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC – CEP 88.040-400).

Identificação e consentimento do voluntário: Nome completo _____ Doc. de Identificação _____

“Recomendações para Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais – Libras, referente ao uso da Intencionalidade em Metáforas nos Atos de Fala”, após estar devidamente informado sobre os objetivos, os procedimentos, as

justificativas da pesquisa e os termos de minha participação. Assino o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, numeradas e rubricadas pelas partes interessadas, inclusive pelo pesquisador responsável pelo projeto, sendo que uma cópia se destina a mim (participante) e a outra ao pesquisador. As informações fornecidas aos pesquisadores serão utilizadas na exata medida dos objetivos e finalidades do projeto de pesquisa, sendo que minha identificação será mantida em sigilo e sobre a responsabilidade dos proponentes do projeto. Independentemente deste consentimento, fica assegurado meu direito a retirar-me da pesquisa em qualquer momento e por qualquer motivo, sendo que para isso comunicarei minha decisão a um dos proponentes do projeto acima citados. _____, ____ de _____, de _____ (local e data)

_____ (Assinatura do voluntário ou representante legal acima identificado) “O pesquisador responsável, que também assina esse documento, compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12 de 12/06/2012, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa”. _____

ANEXO B – Roteiro Para Entrevista Semiestruturada Com Intérpretes/Tradutores De Libras/Português

1. ENTREVISTA - QUADRINHOS – METÁFORAS

Foram elencados seis quadrinhos da Mafalda, encontradas em pesquisas científicas, com ênfase em metáforas que expressem a ambiguidade linguística, no intuito de analisar como os intérpretes de Libras comunicam a intencionalidade no uso de metáforas que compõe os atos de fala?

A escolha destes quadrinhos visa também contribuir com o material de pesquisa já existente aditando a este campo abordagem sobre uso da intencionalidade nos atos de fala na comunicação entre as pessoas surdas e ouvintes.

Solicitamos que você responda à entrevista em português.

O conteúdo das entrevistas enviadas será utilizado nesta tese e ficarão sob a responsabilidade da pesquisadora Nanci Cecília de Oliveira Veras.

Havendo necessidade de elucidações, por gentileza realizar contato através do e-mail:

nanci.veras@posgrad.ufsc.br.

QUADRINHO (AMBIGUIDADE) – MAFALDA



2. QUESTIONÁRIO

Qual seu nome e idade?

Há quanto tempo interpreta/traduz?

Qual a sua área de interpretação?

Tem outra área de trabalho?

Qual seu gênero?

3. ENTREVISTAS

Você já interpretou histórias em quadrinhos? (Comente)

Como foi a sua experiência? (Comente)

A linguagem dos quadrinhos foi acessível ou não? (Comente)

Como você identifica a presença das metáforas na comunicação?

Como você identifica as características das metáforas na comunicação?

Quais as dificuldades que você, intérprete de Libras, identificou na transmissão da intencionalidade das metáforas nos atos de fala (diferenças culturais e linguísticas) durante a interpretação?

Comente livremente uma experiência em interpretação em que as metáforas estiveram presentes e exigiram esforço adicional para enfatizar a intencionalidade

Gostaria de fazer alguma sugestão à pesquisa?

4. GRÁFICOS

Os entrevistados na etapa 1 da pesquisa trouxeram contribuições variadas. Diante das informações obtidas, optou-se por encaminhar para os intérpretes entrevistados, um rol de assertivas para obter concordância ou não dos intérpretes. É importante ressaltar que todas as figuras abaixo em que gráficos são ilustrados se referem do formulário enviado pela autora deste trabalho para os entrevistados no ano de 2022, sendo de autoria, portanto, da autora.

A questão 1 se refere à antecipação do material para ser interpretado contribui para que a interpretação seja mais precisa. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

.1 Antecipação do material para ser interpretado contribui para que a interpretação seja mais precisa.

12 respostas



Todos os entrevistados afirmaram que a antecipação do material contribui para que a interpretação seja mais precisa, porém na etapa 1 da entrevista foi explicitado que a antecipação de material, não é recorrente e que por vezes os intérpretes têm o primeiro contato com o material a ser interpretado durante a interpretação. Agravando a questão foi mencionado que durante a interpretação são acrescentadas falas, textos que não são previamente combinadas.

Os intérpretes no que se refere que as antecipações colaboram e cooperam para a interpretação mencionaram que:

- Toda e qualquer informação recebida com antecipada auxilia no desenvolvimento e resultado do trabalho de interpretação.
- Sempre na prática quando recebemos o material antes realizamos uma excelente interpretação
- Sim, para a preparação do intérprete de língua de sinais é fundamental, ter acesso a materiais didáticos antes da interpretação contribui para escolha dos sinais corretos e da organização do intérprete de língua de sinais.
- Pedir que um intérprete traduza simultaneamente um texto/discurso que está escutando pela primeira vez, é como pedir que um ator improvise uma peça inteira sem saber antes do que se tratava. Ou seja: O profissional possui os meios e habilidades para executar sua função, porém não lhe foi proporcionada a oportunidade de se preparar para a mesma.
- Ter acesso ao material com antecedência ajuda muito no momento da interpretação, de modo que podemos buscar os léxicos que poderão ser usados no discurso.

- A antecipação do material auxilia na etapa de compreensão do sentido do texto e favorece o planejamento de estratégias interpretativas para atingir o sentido do texto para a língua alvo.

A questão 2 era “o cenário imagético contribui para o entendimento cognitivo da pessoa surda”. Todos os entrevistados afirmaram que cenário imagético contribui para o entendimento cognitivo da pessoa surda”. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

2. O cenário imagético – contribui para o entendimento cognitivo da pessoa surda.
12 respostas



Foi comentado que:

- Um dos artefatos culturais mais preponderante do sujeito surdo é o visual. Dessa forma quando o professor ou palestrante faz uso de recursos visuais isso permite uma maior compreensão por parte da pessoa surda. O intérprete faz uso desses recursos quando chama a atenção para os mesmos durante sua sinalização.
- O cenário trará uma riqueza de detalhes e uma qualidade na Interpretação.
- O surdo faz a leitura através deste cenário criado no espaço, que permite uma melhor compreensão da mensagem.
- Contribui para qualquer pessoa e não é diferente com a pessoa surda que tem a característica da visualidade bem marcante.
- Ajuda o intérprete também a referenciar o seu discurso.
- As imagens se constituem em mais um espaço de produção do sentido, para além da língua.
- Como nem toda palavra no português tem seu correspondente exato na LS as descrições imagéticas servem de apoio ao fornecer determinadas informações do discurso.

- O uso de imagens contribui cognitivamente para que a pessoa surda compreenda conceitos e consiga realizar conexões com situações de difícil entendimento a partir de palavras escritas.
- A colocação de objetos e sujeitos no espaço contribui muito para a compreensão da pessoa surda. Principalmente por se tratar de uma língua visual espacial onde a colocação e organização do espaço são equivalentes a colocação dos elementos das frases nas línguas orais e que o local de cada item colocado no espaço forma a concordância.
- A língua de sinais é imagética, espacial e possui movimentos.
- As imagens organizadas em blocos textuais contribuíram para a identificação da estrutura da língua portuguesa, como o uso de pontuação associada à expressão do personagem, o que contribui para o aprendizado de uma segunda língua, além de contribuir para a compreensão do enredo do texto.

A terceira questão questionava se o cenário imagético contribui para a percepção emocional da pessoa surda. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

3. O cenário imagético – contribui para a percepção emocional da pessoa surda.
12 respostas



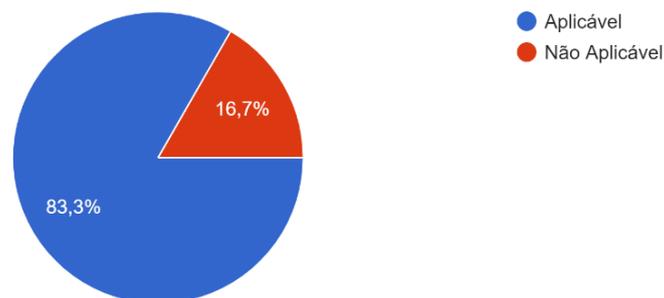
- Imagens tocam o coração dos sujeitos surdos mais do que palavras.
- Quanto mais detalhes se tem, mais se atinge a imaginação e o emocional.
- A pessoa surda pode se envolver e promove a alteridade.
- Ajuda a ilustrar os sentidos que o enunciado tenciona.
- As imagens podem antecipar o contexto, trazer expressões faciais ou apresentar situações

- Com as imagens alunos surdos conseguem realizar conexões de memória e que com isso podem se aproximar emocionalmente do conteúdo dependendo do contexto.
- O lado afetivo e emocional possui forte ligação com as informações e a forma como essas informações chegam até nós, acredito que na narrativa, a ambientação possa sim contribuir para a compreensão emocional do receptor do texto.
- Talvez o cenário imagético contribua, mas o uso da língua adequadamente e das técnicas de interpretação é o que vão garantir a compreensão emocional do que está sendo transmitido.
- A sinalização também passa emoção.
- O gênero textual com suporte imagético oferece subsídios extralinguísticos, como a linguagem corporal dos personagens, expressão facial, elementos gráficos que remetem à intenção do texto e são suportes para a compreensão de camadas textuais do Português como L2 para pessoas surdas.

A questão 4 se refere à explicação da inter-relação dos personagens com o todo no quadrinho, pode ser considerada a base para o entendimento da linguagem a ser apresentada no quadrinho. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

4 . Explicar a inter-relação dos personagens com o todo no quadrinho, pode ser considerada a base para o entendimento da linguagem a ser apresentada na quadrinho.

12 respostas



No que se refere se a questão de que a inter-relação dos personagens pode ser considerada a base para o entendimento da linguagem a ser apresentada no quadrinho. Os intérpretes destacaram que:

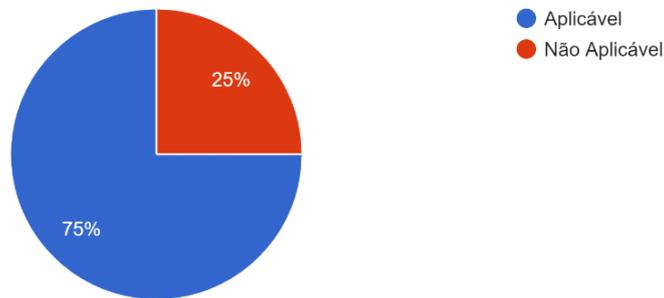
- É importante marcar os personagens pra saber que está falando.

- Todo o texto, quando traduzido deve ser considerado para compreensão além da mensagem, o contexto.
- O contexto é sempre de grande importância para compreender as relações formadas e os diálogos produzidos.
- Quando se há tempo hábil para tanto, as explicações prévias a pessoa surda do que se apresentará posteriormente são de grande ajuda para compreensão do todo.
- A compreensão fica mais clara quando se utiliza imagens.
- Informações adicionais, permitem a pessoa surda ter um melhor entendimento sobre o conteúdo apresentado. Isso vale não apenas para a inter-relação entre os personagens, mas também no contexto dos conteúdos dos quadrinhos.
- O gênero HQ tem se mostrado bastante importante na leitura (de surdos e ouvintes) pois envolve não apenas texto, mas sim imagens e informações não verbais que otimizam a compreensão de quem decifra a história.
- Ao se tratar à tirinha da Mafalda, compreender a inter-relação dos personagens, inclusive o viés mais "crítico" que o criador da personagem aborda em seus quadrinhos também auxiliam na compreensão dele.
- Através da leitura dos personagens, do meio, as expressões corporais, associadas aos diferentes tipos de balão de texto usadas no gênero HQ, as pessoas surdas que têm a língua portuguesa como L2 se beneficiam em compreender os aspectos semânticos e pragmáticos de forma mais didática em relação a outros gêneros textuais.

A questão 5 tange a influência do feedback das pessoas surdas durante a interpretação do quadrinho. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

5. O feedback das pessoas surdas durante a interpretação do quadrinho influencia a interpretação.

12 respostas

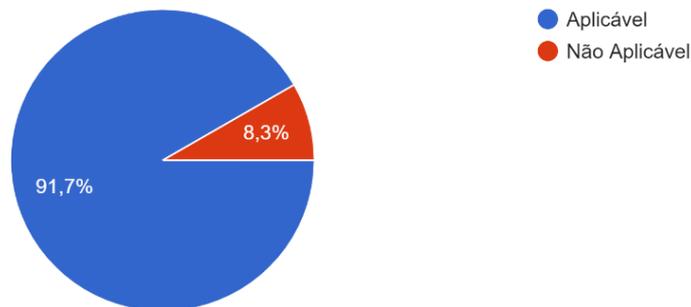


- No momento da interpretação o feedback é positivo, dá segurança em seguir suas escolhas tradutórias, se o feedback for negativo é possível o momento de reflexão e estudo para a troca com outro profissional e melhorar a performance no futuro.
- O intérprete pode mudar de estratégia caso o feedback seja negativo e buscar outras formas de produzir sentidos e alcançar a compreensão da pessoa surda.
- O feedback direciona a fazer acréscimos quando necessários, buscar outras estratégias e pode dar segurança pra seguir a interpretação.
- Os feedbacks auxiliam nas tomadas de decisão ajudando o profissional a perceber se está ou não sendo compreendido.
- A partir do momento que o feedback passa a ser negativo, é provável que o intérprete de língua de sinais utilize estratégias para melhorar a interpretação.
- Quando a pessoa surda está confortável com a interpretação talvez não e usem tantos exemplos para melhorar o entendimento
- Na interpretação, diferente da tradução, é possível receber um feedback imediato do público onde se percebe se estão compreendendo ou não o que foi interpretado e se é necessário adaptar o nível de registro ou mesmo explicitar algum termo para que se torne compreensível.
- Se há a possibilidade de ter o feedback, contribui. Assim como um professor que tem do seu público a informação de que se há interesse de sua aula. O intérprete também capta pelo feedback das pessoas surdas se os discursos estão sendo efetivado.

- A pessoa surda pode não estar entendendo a interpretação, então o intérprete, sabendo, poderá utilizar outros recursos como classificadores.
- A partir do feedback do público-alvo, é possível compreender se a estratégia interpretativa foi eficiente ou se é necessária alguma forma de complementação, como a explicitação de conceitos-chave ou ainda a partir da contextualização em relação à aspectos culturais do texto.

A questão 6 aborda a influência do público-alvo na interpretação. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

6. O público-alvo influencia na interpretação
12 respostas



Quanto a questão de que o público-alvo influencia na interpretação os intérpretes responderam em sua maioria de que sim (91,7%) e (8,3%) que não.

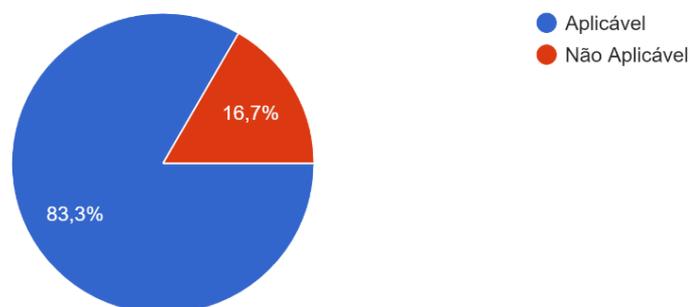
Os intérpretes responderam que:

- Dependendo do público são feitas escolhas tradutoras mais adequadas.
- É preciso saber o nível linguístico para atingir o público-alvo, influencia nas escolhas tradutórias e nas estratégicas de interpretação.
- Quem deve se preocupar com a influência deve ser o emissor da mensagem.
- A interpretação será diferente para uma criança e para um adulto. O público modula a sinalização e a escolha discursiva.
- É o público que direciona o tipo de léxico utilizado, a ampliação ou não do uso das expressões faciais e classificadores.
- A interpretação acontece como um diálogo.
- Com certeza, a preparação para atuação na área jurídica, por exemplo, não será a mesma para a atuação numa peça infantil.

- A interpretação deve seguir um molde para cada público. Vejamos, que não é prudente usar uma mesma interpretação para um público adulto em relação a um público infantil.
- O público-alvo é uma das primeiras perguntas que o intérprete deve se fazer antes de atuar, pois é a partir daí que serão norteadas suas escolhas tradutórias, tentando adequá-las ao público que irá receber a interpretação.
- Faz diferença a interpretação para alunos surdos do ensino básico e para surdos doutores.
- Faz diferença interpretar para um grupo local e para um grupo heterogêneo de diversas localidades.
- Um texto precisa ser interpretado para quem tem a possibilidade de entender. O intérprete precisa utilizar o vocabulário certo
- Completamente, conhecendo o público-alvo, é possível antecipar áreas de conhecimento, interesse e experiências que o público possui ou não e, a partir dessas informações, balizar as estratégias utilizadas para que sejam eficazes mesmo com um público com perfil distinto.

A questão 7 possuía a seguinte assertiva: Na interpretação há um trabalho de tradução implícito para fazer a transposição entre línguas. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

7. Na interpretação há um trabalho de tradução implícito para fazer a transposição entre línguas.
12 respostas



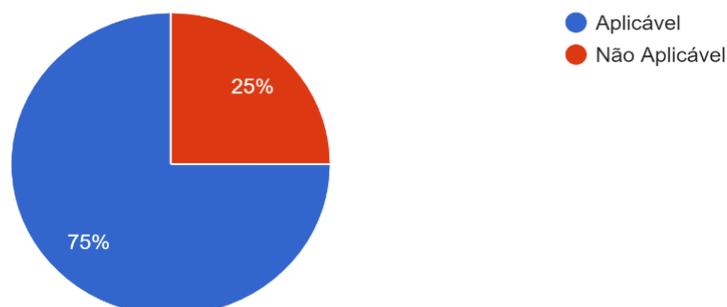
Os intérpretes responderam que:

- Sempre pois preciso fazer escolhas dependendo do público-alvo.
- Sempre é necessário realizar a transmissão entre as línguas e culturas envolvidas.

- Nas etapas que antecedem a interpretação, como na recepção do material ou na conversa com o professor, o intérprete pode rascunhar a sua interpretação.
- Tudo vai depender do material antecipado, mas em algum momento é possível que aconteça durante a interpretação.
- Como são duas línguas diferentes, existe uma preocupação em relação a adaptação de uma língua para outra. Com isso, existe um trabalho de tradução implícito para a transmissão de línguas.
- Não por acaso a interpretação é chamada de tradução simultânea. Os processos são muito semelhantes entre ambas, com a diferença de que na interpretação as escolhas e técnicas são feitas imediatamente e não há tempo para refletir sobre qual optar e nem mesmo retornar ao texto e fazer correções posteriores. Porém essas escolhas tradutórias e alguns processos já estão internalizados no intérprete.
- No ato da interpretação não, talvez no preparatório sim, se o intérprete de língua de sinais optar.
- Todos os recursos possíveis devem ser usados para interpretação, considerando que a tradução deve respeitar crenças e regionalismos.
- Aplicável nesse caso, com a antecipação do material. Em um primeiro momento, existe a compreensão do texto, o entendimento do sentido, do planejamento das estratégias possíveis para alcançar uma equivalência usando os recursos disponíveis, nesse caso, os recursos imagéticos do gênero HQ.

A questão 8 infere que o processo de interpretação é carregado de sentidos dos sujeitos. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

8. O processo de interpretação é carregado de sentidos dos sujeitos.
12 respostas



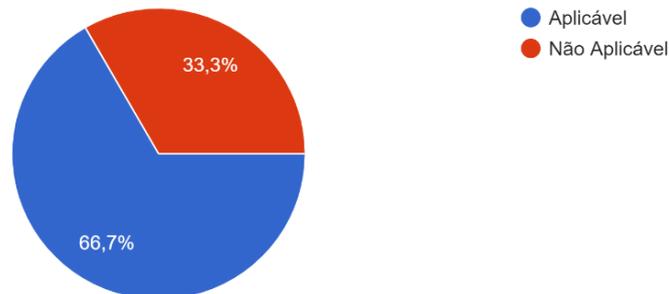
As respostas dos intérpretes sobre se o processo de interpretação é carregado de sentidos dos sujeitos, foi a de que:

- Esta é uma questão muito subjetiva.
- É necessário conhecer a intencionalidade dos sujeitos, para que ocorra a compreensão correta e o objetivo do autor seja alcançado.
- Tanto do intérprete quanto dos demais interlocutores. As pessoas presentes atravessam o discurso porque não há neutralidade na interpretação.
- Nem a presença do intérprete, nem do interlocutor é neutra. A construção dos sentidos se dá no diálogo.
- Por mais que se fale em neutralidade, acredito que seja humanamente impossível não interferir com sentimentos subjetivos o ato interpretativo.
- Não acredito que a interpretação necessariamente deva carregar os sentidos dos intérpretes. Penso que deve haver neutralidade quando se trata de um público adulto por exemplo.
- O intérprete não consegue se tornar totalmente neutro durante a interpretação. Suas emoções, ideias e opiniões acabam transparecendo até mesmo na escolha de um termo ao invés de outro pois no momento de efetuar essas escolhas o sujeito intérprete tem como base apenas sua própria mente para lhe dizer o que fazer.
- As reflexões subsequentes sobre o contexto de vida de cada interlocutor trazem a possibilidade de relatar a si mesmo a aos outros que estão implícitos no contexto de sentido dos sujeitos.
- Assim como o texto é passível de múltiplas interpretações, o ato interpretativo também é atravessado pelas experiências particulares dos profissionais. Cabe aos intérpretes, reconhecerem os gêneros textuais e de estilos que compõe seu próprio repertório de atuação e das adequações necessárias para a sua execução.

A questão 9 se refere especificidades de sinais regionais que têm diferenciação dos significados, o que influencia na interpretação. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

9. As especificidades de sinais regionais tem diferenciação dos significados, o que influencia na interpretação

12 respostas



No que tange a questão sobre de que as especificidades de sinais regionais têm diferenciação dos significados, o que influencia na interpretação, os intérpretes responderam que:

- As variações possuem significados distintas dependendo da localidade.
- É necessário usar o sinal que público-alvo entenda
- É necessário levar em conta o contexto cultural que está envolvido.
- Usar uma variante que não faz sentido para o interlocutor surdo atrapalha a recepção da interpretação. Portanto, o intérprete acaba aprendendo vários sinais novos constantemente e se adequando as variações regionais.
- Para uma pessoa fluente, a variação linguística não afeta o entendimento.
- Essa situação é bastante recorrente principalmente em contextos educacionais de nível superior, onde encontramos alunos de diversos Estados. É um aprendizado enriquecedor.
- Sim e não. Não compreendi se estás falando de sinais que tem variação de um estado para o outro, ou de sinais que são iguais e quem tem significado diferente entre estados, seria bom exemplificar.
- Os sinais regionais podem apresentar diferentes significados para um mesmo sinal, o que sem dúvida acaba afetando a compreensão do contexto e em alguns casos até mesmo mudando o sentido do que foi realmente dito.
- Depende de algumas variáveis, principalmente o público.
- Considerando a regionalização, o intérprete precisa estar atento a utilizar sinais que são úteis, senão muda o contexto da interpretação.

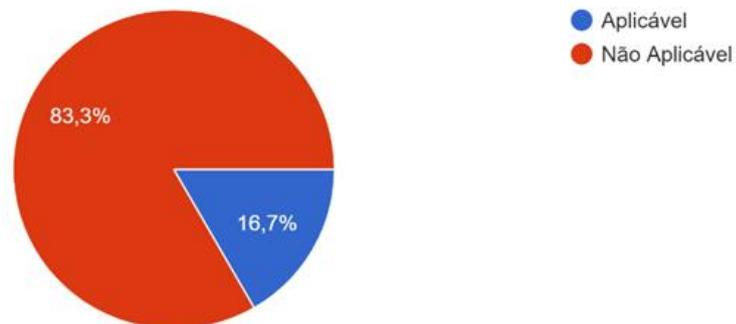
- Apesar da existência da variação linguística ser uma variável a ser considerada no planejamento da tradução, considerar o público-alvo também contribui para antecipar tais variáveis e minimizar os ruídos na compreensão do texto. Uma estratégia, por exemplo, é a explicitação de um conceito e a apresentação do seu sinal, para enriquecer o texto e assim manter a intencionalidade do autor.



Fonte: <http://ticisouza.blogspot.com/2012/05/introducao-agramatica-de-Libras-osinal.html>

A questão 10 afirmava que “o uso das letras do alfabeto não tem conexão com a palavra em libras. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

10. O uso das letras do alfabeto não tem conexão com a palavra em Libras
12 respostas



No que se refere ao uso de que as letras do alfabeto não têm conexão com a palavra em Libras os intérpretes responderam que:

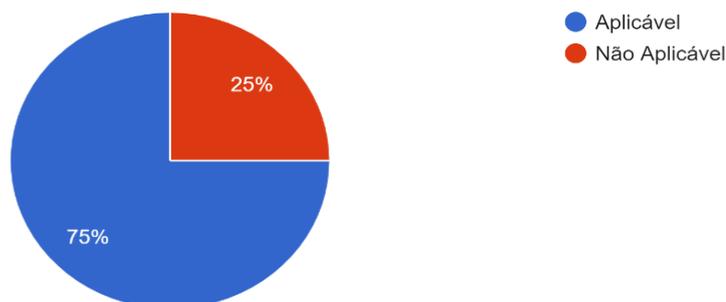
- Se uma palavra não tem um sinal específico ou conhecido ou mesmo é uma palavra que precisa ser destacada por meio da datilologia se faz útil sim.
- alfabeto manual uso somente em último caso, pois é um empréstimo linguístico.
- Se está questão se refere a datilologia, de fato, trata-se de um empréstimo linguístico.

- Vai depender da estratégia do intérprete e do conhecimento do público-alvo. Pode fazer sentido ou não.
- Há sinais em Libras que inclusive derivam da soletração manual. A soletração é uma evidência do contato entre as línguas
 - Às vezes sim, como o sinal LEI que usa a letra L na palma da mão, compreendo como tendo certa conexão sim.
 - Se faz necessário no aprendizado
 - Acredito que tenha conexão sim.
 - Alguns sinais possuem sim letras do alfabeto, ou configurações que representam letras na composição do sinal. O sinal de "PESSOA" por exemplo em algumas variações é feito com a configuração de mão em "P"
- A língua portuguesa é utilizada pela LIBRAS como empréstimo, então tem conexão e deve ser considerada.
- O alfabeto manual é um sistema inserido para a educação de pessoas surdas e pode ser usado como ferramenta de apoio como ênfase em determinados conceitos e na delimitação de nomes próprios, lugares etc. Seu uso é importante para o compartilhamento de conceitos específicos, porém, deve ser acompanhado de uma apresentação conceitual e quando possível, um sinal equivalente e/ou o sinal provisório do mesmo conceito em Libras.

A questão 11 apontava que a percepção da intencionalidade implícita na interpretação pode ser feita na adaptação de sinal. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

11. Para a percepção da intencionalidade implícita na interpretação pode ser feita adaptação de sinal.

12 respostas



Na questão referente se na percepção da intencionalidade implícita na interpretação pode ser feita adaptação de sinal foi considerado pelos intérpretes de que:

- Sim em especial quando não há um sinal específico conhecido ou mesmo existente.
- Eu não diria adaptação de um sinal, mas sim uma estratégia de tradução e interpretação para que o mesmo seja dito de outra maneira, sem mudar o sentido
- Sim, é possível utilização de recursos com os classificadores.
- A depender do público, a sinalização vai se adequar e sugerir ou explicitar a intencionalidade presente no texto.
- Durante o processo interpretativo é comum que sinais sejam criados, utilizando recorrências morfológicas da língua.
- A língua é viva, vale lembrar que adaptar é diferente de mudar, então acredito que se, não "inventar" um sinal nem reproduzir algo completamente diferente, adaptações são válidas para compreensão.
- Depende do contexto. Podem ser usados classificadores, não a invenção de um sinal por exemplo.
- Existe classificador para esses recursos. Adaptar sinal é criar sinal novo, inaceitável, a menos que os interlocutores combinem por um momento específico.
- Ao meu ver, a atividade de interpretação leva em consideração atingir o sentido do texto, mesmo que resulte em uma transgressão da forma do texto original. Se o objetivo é a transmissão da intencionalidade, pode ser que seja necessário fazer adaptações culturais ou até mesmo na estrutura que o enunciado é organizado, para a informação ser assimilada na língua alvo.

A questão 12 possuía a seguinte afirmação: A linguagem exerce papel fundamental no processo de constituição, distribuição e socialização, ou seja, de formação de conceitos e compartilhamento do conhecimento. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

12. A linguagem exerce papel fundamental no processo de constituição, distribuição e socialização, ou seja, de formação de conceitos e compartilhamento do conhecimento

12 respostas



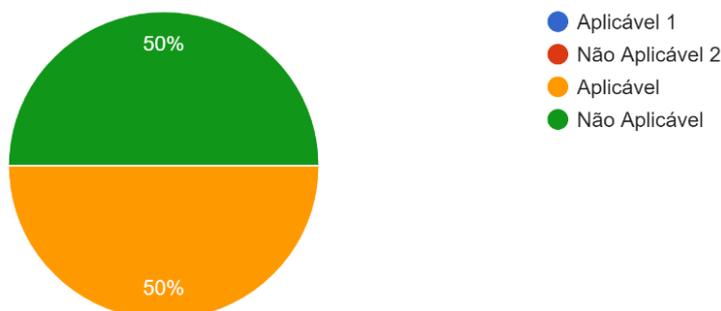
Na questão sobre se a linguagem exerce papel fundamental no processo de constituição, distribuição e socialização, ou seja, de formação de conceitos e compartilhamento do conhecimento os intérpretes responderam que:

- A linguagem é base para a construção de uma sociedade, sem ela não é possível aprofundamentos e especificidade na pesquisa, cultura, aprendizagem.
- A linguagem é a ponte para a interação.
- Não há sentidos fora da linguagem.
- Sem ela todo o resto se perde em qualquer que seja o contexto.
- Com uma linguagem, pode-se ter acesso a língua que nos dá a possibilidade de compartilhamento de conhecimento.
- Sem linguagem não é possível haver trocas de experiências ou de intenção entre os seres e até mesmo entre programas de computador por exemplo.
- É importante, a linguagem principalmente nas crianças para ter feedback do que é ensinado.
- Considerando linguagem enquanto a visualidade presente no gênero HQ, sim. A convenção dos signos visuais presentes nos HQs, como os tipos de balão de texto, a demarcação de símbolos para expressar diferentes reações (raiva, dor, afeto, brigas) acrescentam camadas metalinguísticas que permitem acessar e compartilhar informações de uma forma por vezes mais didática se comparado a outros gêneros textuais.

A questão 13 apontava que a intencionalidade está enlaçada ao enunciado, à intenção e não ao controle do intérprete do que está sendo dito. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

13. A intencionalidade está enlaçada ao enunciado, à intenção e não ao controle do interprete do que está sendo dito.

12 respostas



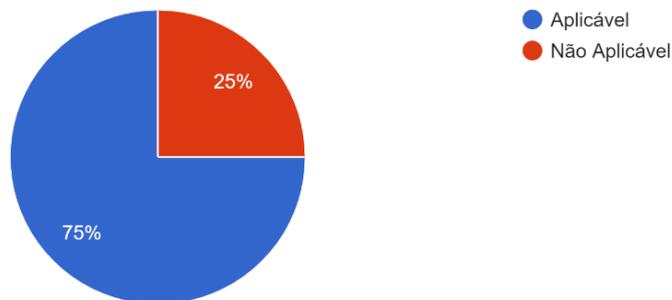
Na questão 13 sobre se a intencionalidade está enlaçada ao enunciado, à intenção e não há o controle do intérprete do que está sendo dito, foi respondido que:

- O intérprete é um instrumento de comunicação ele nunca controla o que está sendo dito, ele transmite o que se diz.
- Embora realmente a intencionalidade esteja enlaçada ao enunciado, pode ocorrer que na reconstrução do texto haja um desvirtuamento da intencionalidade. Isso pode ocorrer devido a especificidade da interpretação ser dinâmica e impregnada de idiossincrasias.
- Como o intérprete reconta a história, pode apagar a intencionalidade se fizer escolhas ruins porque a intencionalidade pode estar justamente marcada nas falas.
- Penso que embora a intencionalidade esteja sim enlaçada ao enunciado, o intérprete também tem certa medida de controle ao que está sendo dito uma vez que, é ele quem irá transmitir o enunciado e sua interpretação carregará sua influência empírica.
- Acredito que não.
- Eu acho que depende do intérprete de Libras. Já vi as duas situações, intérpretes que tinham intenção no enunciado e outros queriam o controle conforme seu ponto de vista.

- A intencionalidade vem de quem produz o texto, o emissor e o intérprete irão perceber as intencionalidades do mesmo para transportá-las para o outro idioma.
- Não se deve fugir do enunciado, deve-se manter a interpretação o mais fiel possível.
- Não cabe ao intérprete o controle do que está sendo dito, uma vez que o discurso não é de sua autoria. Porém, lhe cabe controlar e decidir de que forma será realizada a transmissão do enunciado para atingir a intencionalidade que o texto requer.

A questão 14 inferia a relevância de se contextualizar os conceitos daquilo que será dito. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

14.É preciso contextualizar, os conceitos daquilo que será dito.
12 respostas



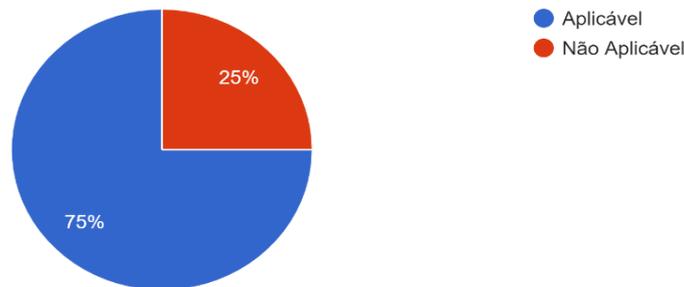
Na questão 14 que se refere que é preciso contextualizar os conceitos daquilo que será dito, os intérpretes responderam que:

- Em alguns casos sim
- Não pois o sinal é conhecido
- Em alguns casos sim, pois alguns sinais podem não estar no contexto do enunciado.
- Se o intérprete sabe que o público-alvo não tem aquela informação prévia, precisa contextualizá-lo.
- Sempre que possível essa prática é muito importante.
- Sim pois fica mais claro.
- Sim, eu penso que sim. Quando o surdo tem acesso ao contexto, consegue entender melhor o que está sendo dito.

- Aplicável no caso no emissor do texto. Se o público ao qual está se dirigindo não forem estudiosos ou conhecedores da área, a responsabilidade de contextualizar seu discurso é dele(a) mesmo(a) afinal o objetivo é se fazer entender para ambos os públicos sejam ouvintes ou não.
- Nem sempre é preciso, em alguns momentos sim.
- Num congresso ou evento dinâmico, ficar contextualizando provoca perda de conteúdo. Em situação mais funcionais a contextualização é útil.
- Considerando aspectos culturais presentes entre o emissor e os receptores do texto, é importante sempre avaliar aspectos pertencentes à determinado público e acrescentar tais características ao público-alvo, ao longo da interpretação, sejam pessoas surdas e/ou pessoas ouvintes não usuárias de Libras.

A questão 15 possuía a seguinte afirmativa: “o sentido da metáfora para as pessoas surdas que são fluentes em português pode ser diverso das pessoas surdas que não são fluentes em português. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

15. O sentido da metáfora para as pessoas surdas que são fluentes em português pode ser diverso das pessoas surdas que não são fluentes em português
12 respostas



Na questão 15 no que se refere ao sentido da metáfora para as pessoas surdas que são fluentes em português poder ser diverso das pessoas surdas que não são fluentes em português, os intérpretes responderam que:

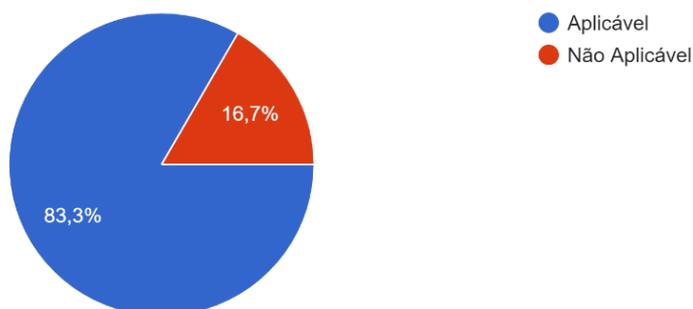
- o entendimento sim difere, pois, conhecendo a língua portuguesa também percebem o duplo sentido que as palavras podem ser empregadas, não conhecendo a língua somente entendem no sentido literal.
- Não necessariamente o sentido é diverso, pois depende do contexto e compreensão de mundo a pessoa.

- Porque o texto fonte é em português, pessoas mais fluentes podem ter uma interpretação mais estrangeira. Se não são fluentes, precisam de uma interpretação mais domesticadora.
- A metáfora pode se aproveitar de recursos linguísticos da língua portuguesa.
- Isso fica bem claro principalmente às pessoas surdas que tiveram contato anteriormente com o português, pessoas que vieram a perder a audição e que conviveram por algum período com a comunidade ouvinte.
- Existe uma série de situações em torno disso. Ser fluente no português, na modalidade escrita, não necessariamente permite acesso as metáforas. Veja, que existe todo um conhecimento, que perpassa a escrita para a construção de uma metáfora. Por mais que a palavra seja escrita, não quer dizer que faça sentido para a pessoa surda, mesmo que ela conheça a palavra.
- Ao conhecer melhor o idioma em que é feita a metáfora, o interlocutor passa a compreender melhor as metáforas daquele idioma e não as toma como algo literal. Acontece também com falantes de outros idiomas, inglês, espanhol etc.
- Pode ser diverso inclusive de um ouvinte para outro ouvinte. Inclusive em mesmo contexto.
- Sem conhecimento prévio, qualquer piada fica sem sentido, assim como sem conhecimento prévio de sinalização, metáfora não faz sentido algum.
- A atividade de interpretação é totalmente personalizável e deve sempre considerar o público-alvo. Quando não é possível antecipar tal informação, é necessário considerar essa variável e balizar a interpretação para contemplar diferentes níveis de compreensão de Português como L2.

A questão 16 afirmava que “é preciso que seja transportado para o conhecimento sociocognitivo e cultural da pessoa surda o significado da metáfora para que ela tenha acesso à informação e possa entender a metáfora.”. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

16. É preciso que seja transportado para o conhecimento sócio cognitivo e cultural da pessoa surda o significado da metáfora para que ela tenha acesso à informação e possa entender a metáfora.

12 respostas



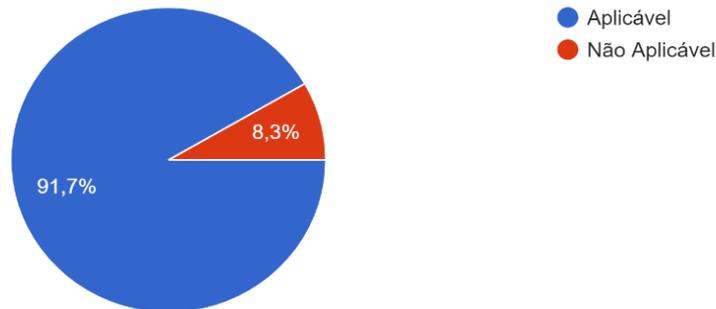
na questão 16 referente se é preciso que seja transportado para o conhecimento sociocognitivo e cultural da pessoa surda o significado da metáfora para que ela tenha acesso à informação e possa entender a metáfora foi respondido que:

- Dependendo do público é necessário, mas essa é uma decisão do intérprete baseado no conhecimento do seu público-alvo
- Por isso a necessidade de compreender o contexto da interpretação, conhecer o público.
- Adequar ao público os sentidos é essencial.
- O entendimento só será possível se houver diálogo com o sujeito.
- Nesse sentido sim, não adianta fazer uma alta performance interpretando uma metáfora onde a mesma envolva aspectos desconhecidos pela pessoa surda, não haverá compreensão.
- Quanto mais informações em torno da metáfora, melhor.
- É necessário que o público que irá ter acesso à metáfora da tirinha da Mafalda, possua um conhecimento de mundo suficiente para compreender o porquê a palavra que foi dita é considerada um tabu em nossa sociedade.
- Passar conhecimento antes é importante.
- Sim, uma vez que a intencionalidade da metáfora pode dizer sobre situações concretas distintas e a percepção da realidade é atravessada por questões culturais e nem sempre, grupos culturais compartilham das mesmas perspectivas e simbolismos de um evento concreto.

A questão 17 afirmava que a “A identificação das características das metáforas na comunicação está conectada com a experiência do conhecimento prévio”. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

17.A identificação das características das metáforas na comunicação está conectada com a experiência de e o conhecimento prévio

12 respostas



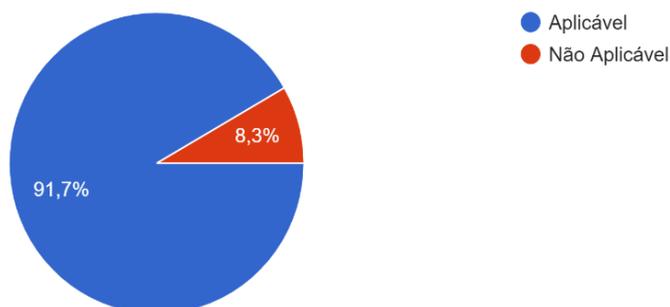
Na questão 17 sobre se a identificação das características das metáforas na comunicação está conectada com a experiência de conhecimento prévio os intérpretes mencionaram que:

- a interpretação é algo autoral, cada intérprete fará à sua maneira
- Sim essa é uma das características que a profissão exige.
- Metáforas fazem muita referência a contextos externos.
- Creio que seja possível também entender metáforas novas.
- Uma pessoa seja ela surda ou ouvinte, que desconhece aspectos envolvidos numa metáfora, não terá compreensão da mesma.
- Sim, quando há um conhecimento prévio, é possível conectar experiências com maior assertividade.
- Quando não conhecemos a dinâmica de um idioma e suas metáforas, fica difícil perceber quando está sendo feito uso de metáforas ou figuras de linguagem. Principalmente no momento da interpretação, quando não há tempo para analisar o que foi dito.
- A experiência de vida, o conhecimento prévio, aspectos culturais e subjetivos são elementos que podem comprometer ou facilitar a compreensão do sentido da metáfora antes da busca de equivalentes para a sua interpretação.

Na questão 18, a afirmativa aponta que a interpretação presencial possibilita a complementação daquilo que está sendo interpretado, conforme as expressões faciais e corporais do público-alvo. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

18. A interpretação presencial possibilita a complementação daquilo que esta sendo interpretado, conforme as expressões faciais e corporais do público alvo.

12 respostas



No que se refere a questão 18 sobre se a interpretação presencial possibilita a complementação daquilo que está sendo interpretado, conforme as expressões faciais e corporais do público-alvo. Foi dito que:

- o feedback possibilita essa oportunidade para complementar a interpretação
- Na remota também, mas menos.
- Depende muito do tipo de discurso pois, mesmo presencialmente o intérprete não pode, por exemplo, parar muitas vezes: um juiz num julgamento e menos ainda complementar qualquer informação haja vista a responsabilidade envolvida.
- Super importante
- A interpretação presencial permite o uso adequado de expressões faciais e corporais do público-alvo.
- Aplicável em partes, dependendo do contexto em que esteja ocorrendo a interpretação, apesar do intérprete perceber nas expressões do público se o texto não está sendo claro, talvez não tenha tempo de complementar o discurso que está sendo emitido.

A questão 9 possuía o seguinte enunciado: “O diálogo com os professores, palestrantes fornecem informações facilitadoras para o intérprete”. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

19. O diálogo com os professores, palestrantes fornecem informações facilitadoras para o intérprete

12 respostas



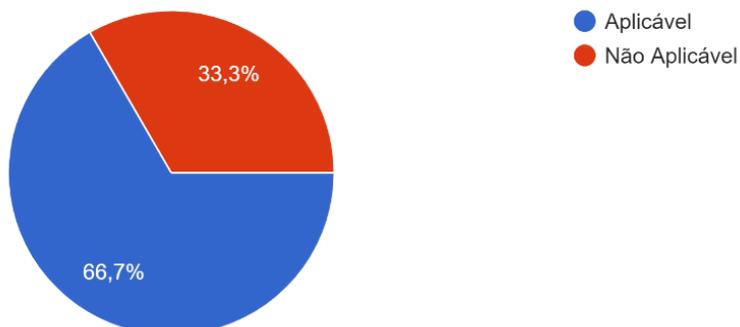
À questão 19 referente ao diálogo com os professores, palestrantes, fornecem informações facilitadoras para o intérprete, foi respondido que:

- Sempre, quando há um contato anterior é possível identificar os sinais que serão utilizados.
- Além de conhecer as características do palestrante e poder incorporá-lo com mais fidelidade, podes ouvir o sotaque e o ritmo da voz.
- É algo muito semelhante a receber o material previamente. Isso amplia a possibilidade de pesquisar eventuais sinais específicos. Além disso auxilia a memória de trabalho a resgatar termos, pois já temos mais previsibilidade.
- Se houver diálogo e parceria o trabalho se tornará de muito mais excelência pela própria segurança que o profissional terá ao desenvolver seu papel.
- Acredito que sim. São informações adicionais ao intérprete de Libras.
- Seria ideal se além de receber o material antecipadamente, também fosse possível sempre conversar com os professores ou palestrantes pois só eles é quem sabem dizer exatamente quais são as suas intenções e seus objetivos com o discurso.
- Saber de antemão, ajuda muito na interpretação.
- Estar em contato direto com os emissores do discurso, além de receber os materiais a serem socializados é uma das etapas fundamentais para a sistematização da interpretação.

Por fim, a questão 20 indicava que era preciso criar a expectativa para que aconteça a situação de humor. Os resultados dos entrevistados estão abaixo.

20. É preciso criar a expectativa para que aconteça a situação de humor.

12 respostas



Na questão 20 os intérpretes referiram que:

- a expressão facial para demonstrar ironia e humor.
- Não necessariamente, é preciso explicar o contexto, pode ser que não seja compreendido com humor para outra língua.
- É preciso, exagerar nas expressões.
- Sim e se o material é antecipado ao profissional essa situação tende a ser mais eficaz uma vez que, o profissional irá saber o momento certo de criá-la.
- Assim, como para os ouvintes, acho prudente que as pessoas surdas tenham expectativa em relação a interpretação.
- A expectativa e o elemento surpresa são constantemente elementos que compõe situações de humor, sejam na literatura, cinema ou piadas.
- O humor pode e deve ser aplicado em situação diversificado justamente para atingir o fim a que se propõe.
 - Sim, a construção da narrativa desse gênero, demanda uma etapa de contextualização, a situação problema para atingir o clímax. As etapas precisam ser consideradas para ambas as línguas a fim de se atingir o humor que o texto se propõe.